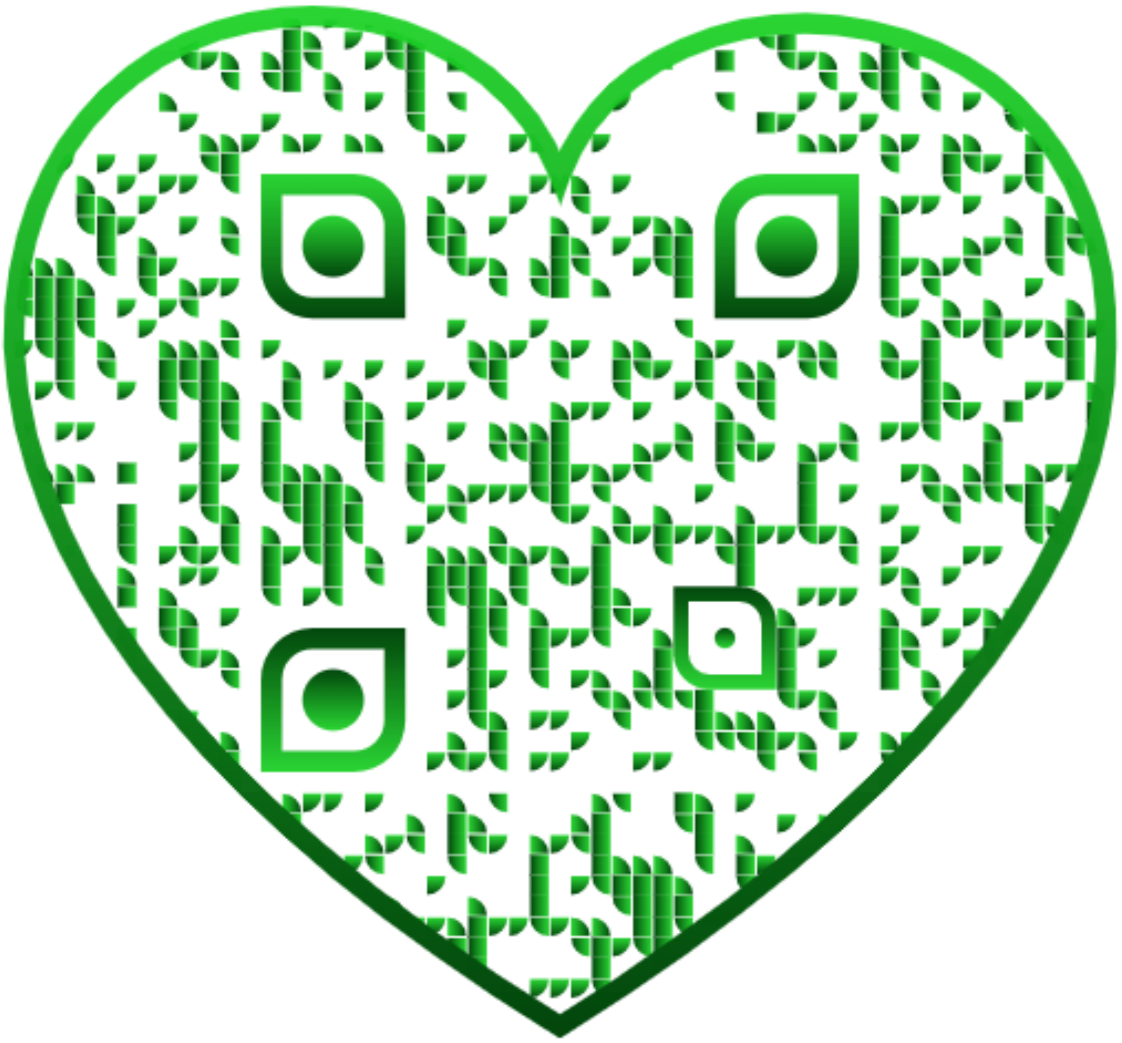
LOUD!

MENSAL
ANO XIX
N.º 218
05/2019
€3.50
[CONT.]

ENFORCER
POSSESSED
INTER ARMA
FULL OF HELL
GAAHLS WYRD
FLESHGOD APOCALYPSE

DARKTHRONE



SWR inc. proudly presents...

Destroyer 666

Devils Over Europe 2019

Nordjevel

19.06.2019 **PORTO** HARD CLUB

DOORS: 20:00 | MERCADO FERREIRA BORGES - PRAÇA DO INFANTE 95 | 4050-252 PORTO | PORTUGAL | WWW.HARD-CLUB.COM

www.swr-inc.net | www.facebook.com/SWR.inc.pt

NAAM LOUD! ipdj

4-5 JUL.'19

ESTÁDIO DO RESTELO (LX)

4 JUL.

Slipknot

ARCH ENEMY

TRIVIUM

WHILE SHE SLEEPS

5 JUL.

Slayer

FINAL SHOW IN PORTUGAL

lamb of god

Gojira

MOONSPELL

CANE HILL

WAKO

VOA.ROCKS

M/G

Prime Artists · Centenário CF Os Belenenses · Antena 3 · Ticketline · Blue Ticket · fnac · Super Bock

BILHETES À VENDA NOS LOCAIS HABITUAIS.

DOIS DEDOS DE TESTA

Recorda-nos o Marilyn Manson: "*É triste, mas elucidativo, pensar que os primeiros seres humanos da Terra não precisaram de livros, filmes, jogos de vídeo ou discos para inspirar assassinatos a sangue-frio. Quer se interprete a Bíblia como literatura ou como a palavra final do que quer que Deus seja, a verdade é que foi o cristianismo que nos deu a imagem de morte na qual baseamos a cultura ocidental e, naquele fatídico dia em que o Caim decidiu esmagar brutalmente o cérebro do seu irmão Abel, a única motivação de que precisou foi só uma a sua própria disposição natural para a violência extrema.*" No entanto, tantos séculos de história, estudo e experiência acumulada depois, ainda há por aí quem ache que a música pode ser responsabilizada pelos actos sórdidos protagonizados por quem a ouve.

Convenhamos, é natural que, quando ocorre uma tragédia que desafia qualquer explicação, as pessoas queiram encontrar, nem que seja à força, uma razão ou inspiração para justificá-la. A música, e especialmente o metal, que aborda assuntos controversos e é território fértil de letras fáceis de serem retiradas do seu contexto e transformadas em manchetes de jornal ou *clickbait online*, tornou-se um bode expiatório fácil (e perfeito, já agora?) para tentar explicar esses inexplicáveis. Que o digam os Judas Priest, os Slayer, os Slipknot, o Ozzy Osbourne ou o Marilyn Manson, apenas alguns dos casos mais famosos de músicos que se viram nas bocas do mundo por, alegadamente, incitarem adolescentes a cometerem actos violentos. No entanto, será que ouvir metal transforma realmente as pessoas em pessoas mais violentas? Claro que não.

Para mal dos nossos pecados, os meios de comunicação e alguns políticos parecem ter dificuldade em perceber isso, alimentando um fogo que arde sem grande sentido que não seja a tentativa de encontrar respostas simples para perguntas complexas mesmo que, como no caso da associação de Columbine ao duplo "M", as provas apontassem exactamente para o contrário. Ou que nenhum dos artistas mencionados antes tenha sido condenado. No entanto, a perpetuar esta triste ideia de que, especialmente nos Estados Unidos, sempre que ocorrem actos de violência vai haver alguém em algum lugar a tentar estabelecer uma associação entre as preferências musicais do acusado e as suas acções, temos três casos bem recentes, todos sucedidos após o lançamento de «Lords Of Chaos» e com ligações, por ténues que sejam, ao universo da música de peso.

Durante o mês passado, surgiram nos meios notícias de três incidentes separados em que foram incendiadas igrejas no Utah, Louisiana e Christchurch, na Nova Zelândia. A proximidade do lançamento do filme biográfico sobre a segunda vaga do black metal, que como sabemos envolveu incêndios em diversas igrejas na Noruega, até pode parecer mais que uma coincidência. Ninguém pretende negar que o fascínio que os três indivíduos que cometeram estes crimes nutrem pelo black metal pode bem ter desencadeado as suas acções, mas não será mais plausível pensar que o tipo de pessoa capaz de perpetuar um crime de ódio desta magnitude como no caso do Louisiana já abrigasse algo de muito feio no seu coração antes sequer de ter ouvido falar de Burzum ou do Varg Vikernes?

Uma coisa é certa, reduzir estes actos a uma equação simplista de "adolescente rebelde + heavy metal = comportamento violento" não beneficia ninguém e, demasiadas vezes, os verdadeiros motivos por detrás destes acontecimentos horríveis e condenáveis acabam por ser quase sempre bastante mais complexos, mas raramente discutidos na esfera pública. É ter dois dedos de testa, só isso.

LOUD!
N.º 218/ MAIO 2019

LOUD!
Sede do editor/redacção:
Rua Carlos Mardel, 32 - 3.º Esquerdo
1900-122 Lisboa
Tel. 215816655

E-MAIL
[geral@loudmagazine.net]

WEBSITE
[www.loudmagazine.net]

FACEBOOK
[www.facebook.com/loudmagazine.net]

ASSINATURAS
[assinaturas@loudmagazine.net]

PUBLICIDADE
[ads@loudmagazine.net]

PUBLICAÇÃO MENSAL
ISSN: 087-9531
DEPÓSITO LEGAL: 152667/00

Registada na Entidade Reguladora para a Comunicação Social sob o n.º 126774

TIRAGEM
15.000 exemplares

PROPRIEDADE
Pessoal do 13 – Publicações, Lda.
NIF: 510172342

DETENTORES COM MAIS DE 5% DO CAPITAL DA EMPRESA
José Miguel Rodrigues, José Carlos Santos, Bernardo Serralha, Pedro Oliveira, Signoff - Consulting Unipessoal, Lda.

DIRECTOR
José Miguel Rodrigues
[jmr@loudmagazine.net]

CHEFE DE REDACÇÃO / DIRECTOR ADJUNTO
José Carlos Santos
[jcs@loudmagazine.net]

GERÊNCIA
Pedro Oliveira, Daniel Marujo

COLABORADORES
Carlos Guimarães, Emanuel Ferreira, José Almeida Ribeiro, José Raposo, Luís Pires, Luís Rattus, Marta Louro, Nelson Santos, Pedro C. Silva, Ricardo Agostinho, Ricardo S. Amorim

FOTOGRAFIA
Catarina Torres, Estefânia Silva, Jorge Botas, Pedro Almeida, Pedro Roque
Capa: Ester Segarra

DESIGN
Joaquim Pedro

ILUSTRAÇÕES
Stebba Ósk, Pedro Silva

IMPRESSÃO
Jorge Fernandes, Lda.
Sede do Impressor: Rua Quinta Conde de Mascarenhas, Lote 9, Vale Fetal, 2820-652 Charneca Da Caparica

DISTRIBUIÇÃO
VASP

ESTATUTO EDITORIAL
Disponível online em:
loudmagazine.net/estatuto-editorial

A LOUD! escreve de acordo com a antiga ortografia.

ÍNDICE
#218

NOTÍCIAS 06

STUDIO REPORT
SOLAR CORONA 08

MARGINÁLIA E IMAGINÁRIO
POR DAVID SOARES 10

MYRATH 12

ASSINATURAS 14

CINEMUERTE 16

EARTH 18

LOUD! DJ
FILII NIGRANTIUM INFERNALIUM PT. II 20

INTER ARMA 22

GAAHLS WYRD 24

ENFORCER 26

MARTELO NEGRO 28

DARKTHRONE 30

ENTHRONED 36

FULL OF HELL 38

POSSESSED 40

FLESHGOD APOCALYPSE 42

DISCOS 44

LIVE & LOUD! 54

AGENDA 58

NOTÍCIAS

NOTICIAS@LOUDMAGAZINE.NET

TRINTA & UM

Os **TRINTA & UM** estão de volta! Depois de, em Novembro de 2018, terem apanhado toda a gente de surpresa ao anunciarem um concerto com a sua formação clássica, algo que não sucedia desde 2010, a mítica banda de Linda-A-Velha confirmou agora oficialmente, depois de meses de especulação, que **Pedro "Sarrufo" Ataíde** e **Ricardo Rações** estão finalmente de regresso ao grupo. Os músicos explicam: "*Durante anos os fãs esgrimiram argumentos apaixonadamente, mas a verdade é que no fundo todos desejavam ver os TRINTA & UM originais juntos num palco. Finalmente é chegada a altura de pôr termo a todas as dúvidas e os TRINTA & UM anunciam que estão mesmo a trabalhar num regresso em grande força! Chegou a hora de pôr fim às divisões. Será um palco, um público, uma banda!*"

Já está disponível, numa iniciativa da Carbono, a reedição do disco homónimo dos **VASCO DA GAMA**. Cantado em português este é, para muitos, o primeiro disco de hard rock/heavy metal feito em Portugal. Mal distribuído à data da edição original, com a maior parte das cópias a serem destruídas pela editora, os poucos exemplares comercializados tornaram-se peças de coleccionador, estando avaliados na casa das centenas de euros. A fazer juz ao seu valor, esta pérola do peso nacional está agora disponível pela primeira vez em vinil, sendo ainda acompanhada de uma edição em CD, passados 36 anos da primeira prensagem. A versão em CD contém cinco temas extra, dois deles inéditos e os restantes ao vivo. Ambas as edições estão remasterizadas e incluem novas fotos e informação.

Os **CRAB MONSTERS** vão apresentar o seu novo álbum, intitulado **«High On Guts»**, a 1 de Junho no Centro Artístico Albicastrense, edifício centenário que, segundo as palavras da banda, "vai tremer!" A primeira parte do espectáculo será assegurada pelos **THE HALFZEIMERS** e **MAD MOJO GROOVE**. "*É hora de mostrar a todo este desvalido Estado português de que fibra somos feitos aqui na Beira! É tempo de fazer ver a toda a humanidade que ninguém faz melhor rock and roll do que nós, os extraordinários Beirões!*", apregoam os músicos na sua página de Facebook.

JOÃO RIBAS, um dos grandes impulsionadores do punk rock em solo nacional e icónico vocalista dos **KÚ DE JUDAS**, **CENSURADOS** e **TARA PERDIDA,** será um dos grandes homenageados na edição deste ano do IndieLisboa – Festival Internacional de Cinema. Na secção IndieMusic será exibido pela primeira vez o documentário **"Um Punk Chamado Ribas"**, de Paulo Antunes, que narra a história de João Ribas, figura de proa de algumas das bandas de punk rock mais influentes e históricas de Portugal, através de testemunhos de músicos, amigos, familiares e radialistas, fazendo um retrato do músico e prestando-lhe homenagem. Nomes de peso do panorama musical português como Henrique Amaro, Tó Trips, Orlando Cohen, João Pedro Almendra ou Samuel Palitos, entre muitos outros, falam da sua relação com o músico nascido em Alvalade, do seu génio e de um homem que ajudou a moldar a cena punk nacional. **O IndieLisboa – Festival Internacional de Cinema** decorre de **2 e 12 de Maio**.

Os **AFFÄIRE** vão lançar um novo disco, intitulado **«Less Ain't More»**, a 19 de Abril. Gravado no Dynamix Studio, em Lisboa, produzido por Ricardo Dikk, e masterizado por Phil Brewster (nome associado a Sebastian Bach, Steve Vai, Halestorm, The Darkness, entre muitos outros) em Los Angeles, o álbum vai ter distribuição mundial através da conhecida Perris Records, sediada no Texas e que tem no seu catálogo nomes como L.A. Guns, Stephen Pearcy, Helix, Babylon A.D., Enuff Z'Nuff, Bang Tango, Dirty Looks, Vain ou Love/Hate. Surgida no final de 2011, com o *single* de estreia «Born Too Late», a banda teve em «At First Sight» o seu primeiro álbum, lançado em 2015 pela Demon Doll. Os AFFÄIRE são D. D. Mike na voz, J.P. Costanza na bateria, Rick Rivotti na guitarra e Tawny Rawk no baixo.

PLAYLISTS

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES
DEAFKIDS – Metaprogramação
GOLD – Why Aren't You Laughing?
GREAT GRIEF – Love, Lust And Greed
NUSQUAMA – Horizon Ontheemt
SVARTKONST – Devil's Blood

JOSÉ CARLOS SANTOS
WEYES BLOOD – Titanic Rising
FULL OF HELL – Weeping Choir
CONNY OCHS – Doom Folk
TEHO TEARDO & BLIXA BARGELD – Still Smiling
SUTEKH HEXEN – Sutekh Hexen

PEDRO ROQUE
SUNN O))) – Life Metal
THE DEVIL AND THE ALMIGHTY BLUES – Tre
LASTER – Het Wassen Oog
USA/MEXICO – Matamoros
KAP BAMBINO – Forever

LUÍS RATTUS
MOB 47 – Back To Attack 1983-1986
VEX – Capitalism Is Cannibalism
CRUCIAL CHANGE – The Fire Next Time
SHAM 69 – Tell Us The Truth
7 SECONDS – The Crew

CARLOS GUIMARÃES
DEVIN TOWNSEND – Empath
GRAND MAGUS – Wolf God
RHAPSODY OF FIRE – The Eighth Mountain
BROTHERS OF METAL – Prophecy Of Ragnarok
KING DIAMOND – Songs For The Dead Live

MARTA LOURO
MAGGOT HEART – Dusk To Dusk
MIDNIGHT – No Mercy For Mayhem
PARABELUM – Tempus Mortis
VOËMMR – O ovnh intot adr mordrb
BLACK MAGIC – Wizards Spell

★★★ OS TOPS DO ★★★ JCS

MELHORES ÁLBUNS DOS

01. UNDER A FUNERAL MOON
02. TRANSILVANIAN HUNGER
03. A BLAZE IN THE NORTHERN SKY
04. THE UNDERGROUND RESISTANCE
05. PANZERFAUST
06. THE CULT IS ALIVE
07. RAVISHING GRIMNESS
08. PLAGUEWIELDER
09. CIRCLE THE WAGONS
10. ARCTIC THUNDER

MALEVOLENT CREATION

XXXAPADA NA TROMBA FREAK N´ GRIND FEST

MALEVOLENT CREATION ENCABEÇAM EDIÇÃO DE 2020

A quinta edição do **XXXAPADA NA TROMBA - FREAK N' GRIND FEST**, terá lugar a **17 e 18 de Janeiro de 2020**, em Lisboa, no RCA Club. O cartaz quase terá como atracção principal os norte-americanos **MALEVOLENT CREATION** e está completo, sendo que se vão juntar ao grupo da Florida mais dezanove nomes, numa edição que a organização define como "*quase completa, pois existe a possibilidade de ser adicionada uma ou outra banda surpresa mais para a frente*". Neste momento está também já confirmada a presença dos **UNFANTHOMABLE RUINATION**, **SPASM**, **RECTAL SMEGMA**, **CYTOTOXIN**, **NASHGUL**, **ACRANIUS**, **KADAVERFICKER**, **TWITCH OF THE DEATH NERVE**, **PARTY CANNON**, **BYONOISE GENERATOR**, **MDMA**, **DISTURBANCE PROJECT** e **DIAROE**. A todos estes nomes internacionais, juntam-se ainda os portugueses **HOLOCAUSTO CANIBAL**, **SERRABULHO**, **ANALEPSY**, **RDB**, **BLEEDING DISPLAY** e **CRONAXIA**. Os bilhetes vão custar 45€ para os dois dias, havendo uma promoção especial com 50 bilhetes por apenas 40€. Mais informações através de xxxapada.fest@gmail.com

ALMA MATER RECUPERA DIREITOS DOS MOONSPELL

Depois de ter estado a comemorar, na companhia da LOUD! e da Chaosphere, o RSD 2019, na FNAC do Colombo, em Lisboa, a **ALMA MATER**, editora independente nacional propriedade de Fernando Ribeiro e Pedro Vindeirinho, já tem disponíveis os seus três lançamentos mais recentes. Um deles é a reedição das maquetas dos **PARADISE LOST** em vinil e os outros são, apropriadamente, dos **MOONSPELL**. Primeiro, uma reedição completa e revista para LP-duplo de «Night Eternal», de 2008; depois, a estreia em vinil 10" de «Scorpion Flower», tema que conta com a participação de Anneke Van Giersbergen. Note-se, estes lançamentos marcam a recuperação dos direitos de vários discos por parte da banda, sendo os primeiros lançamentos em quase três décadas de carreira que fazem de forma totalmente independente.

SOLAR CORONA

De certeza que o nome SOLAR CORONA já terá, no mínimo, aparecido no campo visual do leitor, algures num cartaz de festival, isto porque o grupo tocou por todo o lado no Verão passado. Agora, vem a caminho o primeiro-longa duração, já neste mês de Maio, e tivemos direito a uma antevisão exclusiva.

EMANUEL FERREIRA

Numa biografia dos Solar Corona disponível *online*, sugerem que se imagine os Hawkwind se o Lemmy nunca tivesse sido expulso da banda. A escuta de «Lightning One», o álbum de estreia, oferece mais que isso, como vamos ver mais adiante. O agora quarteto é formado por Rodrigo Carvalho, na guitarra e sintetizadores, José Roberto Gomes, no baixo, Peter Carvalho, na bateria e Julius Gabriel no saxofone e sintetizadores. O ponto de encontro é uma garagem na casa de Zé Roberto – esse mesmo, o guitarrista dos Killimanjaro, agora transmutado em baixista. É numa aldeia perto de Barcelos, aquela terra que os músicos locais insistem em colocar no mapa. Com ele está Julius Gabriel, ocupado a, literalmente, introduzir um microfone dentro de um saxofone, "*só para experimentar o som que produz*". Julius nasceu na Alemanha, e actualmente reside no Porto, colaborando com inúmeros projectos, quer lá fora, como The Dorf, About Angels And Animals, Blutiger Jupiter e Das Behälter, quer por cá, como Ikizukuri e Paisiel, isto além do seu próprio projecto, Julius Gabriel's Cosmic Messengers.

Peter e Rodrigo chegam depois, ocupando-se logo de preparar instrumentos. Estão a dias de uma digressão europeia que os levará da Casa da Música, no Porto, até Karlsruhe, na Alemanha, ao longo de dez datas. Isto sem o disco estar cá fora, pois a data de lançamento é a 3 de Maio e ainda estamos em Março aquando desta conversa. Zé Roberto vai explicando: "*A* tour *já estava a ser falada e queríamos mesmo fazê-la, curto sempre fazer isto antes de lançar um trabalho, fazer algo fora do circuito onde somos conhecidos, tocar o disco para no regresso a máquina estar bem oleada.*" Arriscado? Talvez não, pois como refere o baixista, "*no ano passado, só com um EP de duas faixas, tivemos um ano muito fixe de concertos, tudo na base do passa a palavra, com pessoal que nos via numa cidade e depois nos chamava para tocarmos na terra deles.*" Foi assim, naturalmente, que a ideia foi germinando. "*Pensámos que seria fixe tirar quinze dias para fazer uma* tour *no estrangeiro, mesmo sem todas as músicas estarem feitas e sem haver um plano definido sobre a data de gravação e edição do disco.*" A experiência de estrada do Zé e de Julius certamente ajudou a fazer o *booking* e lançar os quatro músicos no asfalto. Apesar de parecer, os Solar Corona não nasceram no Verão passado. O grupo original, do qual só resta o Rodrigo Carvalho, já vem de 2012, tendo parado por iniciativa do próprio. "*O processo estava pa-*

rado porque a formação antiga não estava a servir para continuar, além de que, por razões pessoais, estava a necessitar de fazer uma pausa," explica. Mas o bichinho ficou. *"A uma dada altura a pausa já não dava e tinha imensas ideias para realizar. Fiquei a pensar em quem poderia alinhar e se faria sentido convidar alguém. Conheci o Zé, já conhecia o Peter, antes tínhamos feito* jams *sem compromisso, e percebi que havia entendimento."* O Peter, que é tão calado quanto corrosivo, e que se apressa a atirar que a escolha apenas se deu porque *"era o único baterista em Barcelos que aceitava."* A estrada foi-se então fazendo. *"Este Verão houve fins-de-semana em que tínhamos três concertos, em Portugal e Espanha,"* explica o Zé Roberto. *"Foi para ganhar respeito e agora poder vender os discos,"* remata Peter. *"Ao longo destes dois anos, nunca parámos de tocar para compor,"* explica o agora baixista. *"As músicas foram nascendo e crescendo no asfalto, com temas que foram caindo e outros que foram sendo feitos."* Já depois da gravação, a única vez que tocaram o disco na íntegra foi no Maus Hábitos, bar do Porto, inserido na já mítica festa/festival O Salgado Faz Anos.

O álbum é composto por seis temas, três para cada lado, *jams* com múltiplas influências que tanto podem passar por um aroma latino no início de «Drive-In» ou pelo frenético solo de saxofone na excelente «Beehive». A música dos Solar Corona é instrumental, o espírito de *jam session*, não se consegue esconder e percebe-se pela *performance* de cada um como Rodrigo escolheu os músicos. As teclas, que têm agora papel importante, foram um elemento que se foi intrometendo no dia-a-dia dos Solar Corona, e não é só o órgão de Julius, pois o principal culpado é Rodrigo. *"Gosto de música electrónica e muitas das bandas que curto é por causa do uso que dão aos sintetizadores e da capacidade que isso introduz numa banda de rock, abrindo o espaço da música e levando para outros registos,"* revela. Para o músico, *"é uma experiência diferente de estar a tocar guitarra. Primeiro arranjei um sintetizador, depois outro e neste momento estou até bastante entusiasmado com a parte electrónica. Depois de gravar este disco, fiquei com a sensação de que é um elemento importante e que quero introduzir ainda mais nas músicas."*

> *"As bandas de rock devem estar muito tempo na estrada e fazer o som deles ao vivo, é o que interessa."*

A estadia em estúdio foi curta, pois *"as bandas de rock devem estar muito tempo na estrada e fazer o som deles ao vivo, é o que interessa,"* atira Rodrigo. Apesar de tudo, explica também que a escolha do produtor foi um passo essencial. *"Já tínhamos a ideia de trabalhar com o José Arantes e em algumas ocasiões ele veio fazer-nos som e sempre existiu uma boa relação, sentimos que se identificava com a dinâmica da banda. O que ele conseguia fazer estava dentro do que curtíamos, além de que a sua visão era não convencional. Por tudo isso, nem sequer foi discutido o assunto, foi mesmo avançar para gravar um disco com ele, não interessava quando. Foi uma aposta ganha!"* Os músicos não escondem que o que importava na gravação era mesmo captar o momento e a química, deixando para o produtor todos os arranjos finais, ficando a masterização a cargo de Chris Hardman e a autoria da capa para Serafim Mendes, neste trabalho gravado em Janeiro deste ano, que vai ter selo Lovers & Lollypops, ficando a Ya Ya Yeah responsável pela edição em cassete. «Lightning One» *"foi gravado em modo* live, *com alguns* overdubs *feitos por cima e só agora vamos transpor isso para concerto,"* conclui o Zé Roberto. *"Pretendemos andar para a frente, de forma que o concerto não seja só o disco."*

Todos os meses, o DAVID SOARES explora os aspectos mais recônditos, negros ou extraordinários da música, literatura e história.

A ORIGEM DE TODAS AS CONSPIRAÇÕES SATÂNICAS

DAVID SOARES PIETER BRUEGHEL

O filósofo oitocentista alemão Arthur Schopenhauer execrava a história enquanto disciplina, mas compôs no segundo volume de «Parerga e Paralipomena» um aforismo que melhor figuraria como máxima ou advertência de historiadores: "Assim como cada homem possui uma fisiognomonia a partir da qual se pode avaliá-lo provisoriamente, também cada época possui uma fisiognomonia não menos característica." A enfermidade do presentismo, que perturba as análises contemporâneas da história, empurra para uma unívoca ucronia; aplicável arbitrariamente a todos os semblantes do passado. Um antídoto contra essa propensão contemporaneísta é ler-se os clássicos, pois é provável que quase tudo aquilo que hoje se computa como sendo inédito e assombroso já existisse nessas páginas na altura da redacção.

Uma ilustração imaginativa desse enunciado encerra-se na nona história que é contada no oitavo dia pelas personagens do amotinado romance trecentista «Decameron», do escritor florentino Giovanni Boccaccio: nesse livro, um grupúsculo de aristocratas, refugiados numa propriedade rural, situada em arrabalde florentino, recreia-se contando cem histórias escabrosas no decurso de dez dias, enquanto na desgraçada cidade grassa a epidemia da Peste Negra. Pela pena de Boccaccio, a mordaz crítica de costumes guinda-se a contundentes bicadas de corvo – e, precisamente, o oitavo dia temático foi dedicado pelas personagens às comédias de enganos.

Nessa nona narrativa, dois valdevinos pintores florentinos enganam um recém-licenciado físico que alimenta uma ideia exagerada sobre as suas capacidades intelectuais (efeito Dunning-Kruger *avant la lettre*). A patranhice inventada pelos pintores para subjugar ao seu serviço o físico palerma é simples: pertencem a uma multilateral sociedade secreta, criada pelo famoso matemático escocês Miguel Escoto, afamado de grande bruxo, e é através dela que são capazes de perdulariar todas as noites em farras faustosas, enriquecidas com sumarentos banquetes e belíssimas mulheres. A menção a uma sociedade secreta que se dedica à realização de banquetes de luxo em que principiam mulheres fáceis lembra logo a agremiação "gastronómico-filantrópica" do Clube dos Makavenkos, que, nas vésperas da Primeira República portuguesa, se reunia nas caves do Teatro Condes e no restaurante Abadia, do Palácio Foz, em Lisboa, para serões sumptuosos de deboche e degustação. Porém, o que é notável neste conto é que além de prefigurar as "makavenkadas" (como lhes chamava Grandella, o organizador), se inaugura nessas linhas a matriz das contemporâneas teorias das conspirações sobre sociedades secretas e a sua ascendência satânica sobre o destino do mundo.

Com efeito, segundo a pataratice dos pintores para escarnecer do físico, é a diligência satânica que, através de magia negra, providencia de riquezas os variados membros da sociedade secreta – e, ao desfecho, um dos pintores aparece finalmente ao físico de noite num cemitério, disfarçado de demónio cornudo, para levá-lo às cavalitas até ao conventículo (o facto de levá-lo, em vez disso, a um fosso cheio de estrume é justificado ao estupefacto e estercado físico por este ter, num átimo de tonta hesitação, chamado pelo nome de Deus no início da viagem, cunhando-se indiscutivelmente a índole diabólica do multilateral empreendimento). Assim, os plumitivos de conspirações globais, desde Augustin Barruel, Joseph de Maistre, John Robison, mas também nomes mais recentes e politizados como os de Nesta Webster, seguiram – provavelmente sem o saber – o satírico molde forjado por Boccaccio – no século XIV!...

No entanto, é mesmo verdade que quando se propagam pragas, seja qual for a sua natureza, se inventam logo teorias de conspirações. É uma lição sempre actual.

BAD RELIGION

+

MAD CADDIES

+

LESS THAN JAKE

15 MAIO 2019 · LISBOA
ALTICE ARENA · SALA TEJO

Epitaph · NOEKE, LLC · Hell Xis Agency · HFMN · Evil Angels · Clockwork · Blue Ticket

BADRELIGION.COM

ÁFRICA NOSSA

Zaher Zorgati é um apaixonado pela música. Não é difícil perceber isso, na entrevista que nos concedeu a propósito de «Shehili», novo disco dos tunisinos MYRATH. Aquele que é hoje o maior nome do metal vindo de África tem no seu vocalista uma pessoa que ainda acredita no poder da música, e que no fim da entrevista ainda lançou um "obrigado" em português, recordando a sua recente passagem pelo nosso país.

EMANUEL FERREIRA NIDHAL MARZOUK

Esperavam o sucesso de «Legacy»?
Na realidade foi meio-meio. Por um lado estávamos entusiasmados com o disco e contentes com o resultado conseguido nas gravações, por outro lado tínhamos algum receio pois o álbum era menos progressivo que os anteriores, era um pouco mais pesado em alguns riffs, noutros sítios era mais melódico e temíamos que as pessoas gostassem menos, especialmente por estarem habituadas a «Desert Call» e «Tales Of The Sands». No final resultou ter um impacto maior do que o esperado e até nos assegurou um contrato melhor, conseguindo esta nova editora, a earMUSIC, e daí a este «Shehili».

Qual é o significado do título?
«Shehili» é uma antiga palavra berbere, usada pelos nossos antepassados, é o mesmo que siroco. É uma palavra que designa um forte vento, muito quente, que surge no deserto e provoca tempestades de areia. Ele bate-te na cara com toda a força e calor.

Alguma relação com vocês e esta forma como têm conquistado a Europa?

Sim, é uma nova corrente que chega. É por isso que apelidamos o estilo de música que fazemos de blazing desert metal. Não queremos ser classificados de oriental ou african metal. Foi uma decisão da editora. Queremos trazer algo novo para o metal, há hoje todo um movimento inovador no metal na nossa área. Myrath pretende fazer algo único, algo diferente, claro que haverá sempre fãs que irão ficar decepcionados e não gostar, mas a outros irá agradar.

Além de serem os primeiros tunisinos a assinarem com uma grande editora, são também dos poucos nomes africanos com expressão a nível mundial, o que traz mais responsabilidade.
Sim, e não é só a responsabilidade, é tudo o que envolve esta mudança de editora, mas para lá da parte financeira, da editora, de todo este novo compromisso, éramos músicos que fazíamos isto pelo gozo, pela diversão, e queremos que isso continue. No momento em que deixar de ser divertido e de nos entusiasmar, perde o sentido fazer música, e será como estar numa fábrica. É uma responsabilidade, mas não queremos assumir isto como uma máquina de produção, somos jovens e queremos fazer algo que venha do coração e seja honesto.

Há muitos nomes novos a surgir em todo o continente africano, pelo menos é a sensação por cá. Sentes que é isso que acontece na Tunísia e outros países do norte de África, como o Egipto?
Penso que em África há sede de metal, como de água, os jovens querem novas experiências e o metal é uma delas. No norte de África, o estilo mais comum é a música tradicional de cada país, depois vem a música dos tops europeus e americanos. É isso que escutas na rádio e nos outros *media*. Rock e metal não são assim tão familiares, por isso há muitos jovens a descobrir o estilo e a querer saber mais. Não falo apenas de descobrirem Myrath, mas outros nomes que surgem a todo o momento. Claro que com Myrath estamos a tentar contribuir para aumentar essa divulgação, ao mesmo tempo que vivemos o nosso sonho. Tentamos ajudar outros amigos e trabalhamos para que todos percebam que não existe apenas música tradicional e pop, e que existe este estilo, já antigo, que chamamos metal.

A transição política, com a revolução recente, ajudou a divulgar mais o estilo?
Antes da revolução a cena metal local era mais forte que hoje, embora pequena, era unida e intensa. Depois da revolução, estilos como rap e hip-hop começaram a aparecer mais nos *media* e tudo se diluiu mais. Não temos mais grupos de metal a tocar hoje do que antes da revolução, por exemplo. Ainda há uma grande comunidade de fãs de metal e rock: em finais de Julho passado, tivemos um anfiteatro local, com 7.000 pessoas para um concerto nosso. Pessoas jovens, velhas, mulheres, o que mostrou haver público, mas infelizmente não podemos dar muitos mais concertos e nem temos mais nomes estrangeiros por cá do que antes. Estamos a tentar, depois da revolução, que a cena local aumente e se espalhe para outros países africanos.

Apesar disso, Myrath é o nome mais internacional que a Tunísia tem hoje.
Sim, e mesmo no norte de Africa em geral. Há treze anos que trabalhamos para isso e continuamos com o mesmo entusiasmo, até porque ainda estamos no princípio de um longo caminho. Todos estes anos, foram para nós como estar numa cave e só agora chegámos ao primeiro andar, por isso ainda há muito para subir, para inovar e dar. Myrath tem muito mais para dar.

Este disco foi gravado em três locais diferentes. A que se deveu isso?
Em parte ao trabalho dos produtores, pois cada local teve um produtor diferente. Alguns instrumentos são tradicionais e pretendíamos gravar com músicos locais, até mesmo a forma de tocar violino, é diferente da europeia. Na Tunísia gravamos o violino e as percussões, clarinete oriental, com uma escala diferente da europeia, um outro som. Usámos também oud, a guitarra local. Depois as guitarras e teclas foram gravadas em França com Kevin Codfert. A bateria foi gravada em Hamburgo já com o Jens Bogren, que nos tinha ajudado no disco anterior, e que trabalhou com Gamma Ray e Alice Cooper. Eike Freese trabalhou a mistura na Suécia. Três produtores pelo amor à música. Não foram escolhidos pelo seu nome, mas porque cada um deles tinha uma ideia, uma visão, mas todos com a mesma linha de pensamento que levou a um só disco. O Kevin Codfert era suposto ser o único produtor, mas quando se tratou de fazer a mistura, apareceu o Eike cheio de sugestões e quase de forma inconsciente entrou no processo de produção, e o mesmo aconteceu com o Jens que era suposto apenas fazer captação da bateria. O Max, o dono da companhia, ouviu o disco e achou que a bateria podia soar melhor, e tivemos de a regravar por isso surgiram novas opiniões e sugestões, acabando o Jens Bogren por entrar na ficha de produção.

"Todos estes anos, foram para nós como estar numa cave e só agora chegámos ao primeiro andar, por isso ainda há muito para subir."

Penso que a vossa próxima grande meta será a apresentação no Wacken deste ano.
O grande Wacken, aquele com "W" maiúsculo! Antes iremos estar no lendário Sweden Rock Fest, mas em Agosto será o Wacken, um sonho tornado realidade. Estamos a preparar um grande *show*, que será *indoor*. A ideia original era actuar num dos palcos abertos, mas a editora mudou-nos para uma das tendas, de forma a podermos ter uma boa posição no cartaz ao princípio da noite, pois nos outros palcos seria impossível. Vamos ter em palco um ilusionista e tudo funciona melhor sem a luz solar. Além disso vamos ter um grande écran na parte de trás do palco e também pirotecnia, tudo isso precisa de um espaço escuro.

Será uma grande exposição para vocês, podendo abrir mais portas.
Não diria portas, mas antes um grande portão para o nosso estilo. Hoje todos fazem o mesmo e é importante, quer com o Sweden Rock Fest, quer com o Wacken, que ouçam a nossa música e percebam o que trazemos de inovador. São excelentes locais para verem o que fazemos, não só a música, mas também o *show* que iremos levar e com que esperamos poder espantar e maravilhar todos os que nos virem.

ASSINA A LOUD!

ASSINA A LOUD! E VAI À BORLA VER

ALIEN WEAPONRY

7 JULHO
RCA CLUB (Lisboa)
1.ª Parte: **TITAN SHIFT**

Se optares pela subscrição **LOUD! PREMIUM** vais
– **SEM QUALQUER SORTEIO!** – a este concerto.

Para tal, basta que efectues a tua transferência e nos envies o respectivo comprovativo, para **assinaturas@loudmagazine.net**, a partir das 12:00 do dia 4 de Maio. Os novos assinantes têm direito a uma entrada para este concerto dentro do limite do *stock* existente. **Sejam rápidos!**

SE ASSINARES

- Poupas dinheiro, porque compras a LOUD! ao preço antigo
- Recebes a LOUD! no conforto do lar sem esforço adicional
- Podes começar a ler a LOUD! antes de chegar às bancas

LOUD! BASIC
ASSINATURA ANUAL EM PAPEL
36€ (DESCONTO DE 14%)

LOUD! PREMIUM
ASSINATURA ANUAL EM PAPEL E DIGITAL
45€ (DESCONTO DE 32%)

O pagamento pode ser feito por cheque ou vale postal em nome de Pessoal do 13 - Publicações, LDA. e remetido para a nossa morada ou, mais simples ainda, por transferência bancária (num multibanco não existem quaisquer comissões de transferência) para o seguinte NIB: 0036 0027 99100151466 59.

Essencial é também o envio do nome completo, número de B.I., morada, contacto telefónico e e-mail, assim como o comprovativo da transferência, para o endereço assinaturas@loudmagazine.net

Se resides no estrangeiro, a LOUD! pode chegar a ti pelo correio na mesma. Envia e-mail para o endereço referido acima a pedir informações.

⋆ Atenção! Não adianta enviarem o comprovativo antes das 12:00 do dia 04/05, porque a promoção só é mesmo válida a partir dessa hora.

ASSINA JÁ!

CHAOSPHERE RECORDINGS
PRESENTS

CHAOSV031

INHUMAN "FORESHADOW"

333 COPIES
LIMITED EDITION - 222 BLACK VINYL / 111 CRYSTAL CLEAR VINYL

Celebrating the 20th anniversary of the "Foreshadow" release (1998), the first vinyl reissue!
A landmark in the Portuguese goth metal from the southern lands!
Produced by Simon Efemey (Paradise Lost, Amorphis, ...).

Glam-O-Rama ROCK SHOP
www.glam-o-rama.net

INFO / ORDER:
RUA VIRIATO Nº 12, 1050-235 LISBOA, PORTUGAL
GLAMORAMA.ROCKSHOP@GMAIL.COM / + 351 211 320 835

CHAOSPHERE RECORDINGS
www.chaosphererecordings.net

18+

WHAT IS AVAXHOME?

AVAXHOME-

the biggest Internet portal, providing you various content: brand new books, trending movies, fresh magazines, hot games, recent software, latest music releases.

Unlimited satisfaction one low price
Cheap constant access to piping hot media
Protect your downloadings from Big brother
Safer, than torrent-trackers

18 years of seamless operation and our users' satisfaction

All languages
Brand new content
One site

AVXLIVE.ICU

AvaxHome - Your End Place

We have everything for all of your needs. Just open https://avxlive.icu

e·a·r MUSIC
proudly presents

MYRATH

BLAZING. DESERT. METAL.

CAOS E HARMONIA

Estão finalmente de volta aos longa-duração, os CINEMUERTE, oito anos depois de um já longínquo «Wild Grown», nos quais apenas tivemos o EP «DHIST» para saciar as saudades. A banda lisboeta tem em «O Refúgio» mais um capítulo na sua eclética discografia, e fomos saber mais com a vocalista Sophia Vieira e o baterista Sérgio Lopo.

JOSÉ CARLOS SANTOS

PEDRO ALMEIDA

Houve algum acontecimento em particular que tenha atrasado esta edição, ou os anos que passaram foram mesmo só a vida a acontecer?

Sophia: Fomos todos experienciando fases muito complicadas a nível familiar. Foi estranho, porque primeiro foi um, depois dois, depois três, e depois os quatro... Teve que ser assim, e isso reflectiu-se na banda, claro. Mas sempre estivemos presentes, estivemos aqui o mesmo número de dias que antigamente. Nunca parámos de fazer música, estivemos se calhar foi um bocado afastados da vista das pessoas, e pode ter parecido que tivessemos parado. Mas não.

Sérgio: Estivemos sempre a funcionar, de facto. Mas também não nos sentimos pressionados, temos o nosso tempo, a nossa forma de fazer as coisas, somos uma família, somos amigos, e essa é a base da nossa banda. Ao mesmo tempo somos profissionais, mas havia que respeitar os espaços e tempos de cada um. Depois também houve vários factores técnicos que atrasaram um bocado mais ainda o trabalho, mas muito disso foi até opção nossa. De montarmos o nosso próprio estúdio, de sermos nós a fazer a captação, a mistura... Não foi propriamente um processo de aprendizagem, porque o «DHIST» também já foi feito assim, mas de refinamento da nossa parte técnica, de gravação. Isso atrasou ainda mais o processo, claro.

Quando editaram o «DHIST» já havia alguma ideia para este «O Refúgio»?

Sophia: Muitos dos temas já existiam, sim. Aliás, ainda me recordo que no Verão de 2012 já estávamos a trabalhar em alguns temas que estão agora neste disco. Entrámos um bocado em *slow motion*, digamos assim. Noutra dimensão.

Consta que este refúgio mencionado é o vosso espaço de ensaio, que se encontra agora em processo de substituição. Era um sítio muito importante para a banda?
Sérgio: Ainda estamos lá, mas dentro de dois ou três meses acho que vamos ter que sair. Esta ansiedade que se começou a criar acerca disso já desde há um ou dois anos atrás materializou-se então nesta homenagem que fizemos ao espaço no disco. Porque era assim que falávamos entre nós, "vamos para o refúgio". Este conceito surgiu logo em 2002, quando viemos ensaiar para aqui.

E já têm sítio novo?
Sérgio: Sabes de algum? [risos] É difícil encontrar um bom espaço com as características que nós tínhamos, mas estamos à procura. Repara, ali podemos ensaiar 24 horas por dia, sete dias por semana. Podemos fazer o barulho que queremos, temos muito espaço… vai ser difícil termos a mesma qualidade noutro lado qualquer. Mas vamos procurar um sítio que nos satisfaça.

Falem-nos um pouco do conceito do álbum.
Sophia: O conceito não foi propriamente pensado, não partimos para o disco a pensar "vamos escrever sobre isto" ou algo assim. Nem nunca foi essa a nossa forma de fazer música nesta banda, aliás. As coisas foram nascendo, e basicamente acompanharam o nosso trajecto com todas as circunstâncias que nos aconteceram. Eu falo por mim própria, mas senti o mesmo com eles – à medida que fomos experenciando a vida, agora de uma forma um pouco diferente do que ela era antigamente, começámos a tentar perceber e aceitar as mudanças por que passámos. Esta ligação com aquilo que a vida é, que a natureza é, para o bem e para o mal… houve aqui uma tentativa de encaixe e um desenvolvimento pessoal de todos, e da banda em si, que resultou numa forma de estar nova, neste sentimento de "novidade". Há um amadurecimento. Estas coisas más que nos acontecem, o caos, acaba por trazer equilíbrio. E do equilíbrio nasce desiquilíbrio também. Não me quero tornar demasiado filosófica, mas realmente é isso que acho que está subjacente a estes novos temas. Conquistarmos a harmonia através do caos, chegarmos a um patamar onde temos maior paz interior, porque temos maior capacidade de encaixe em relação a tudo o que nos rodeia, de bom e de mau.

Há alguma coisa neste álbum que considerem uma novidade em relação ao que já fizeram antes?
Sérgio: Acho que o álbum novo é a consolidação de todos os nossos trabalhos anteriores. Acho que se consegue detectar a influência do «Born From Ashes» em alguns temas, noutros está mais presente a toada mais gótica, mais metal do «Aurora Core», e noutras ainda um bocado do rock mais alternativo do «Wild Grown». Acaba por ser uma súmula, um crescimento nosso e uma consolidação da nossa identidade. Esta formação está junta há quase dez anos, e a forma de fazermos música nunca mudou muito. Nós é que estamos mais maduros, mais calmos, mais tranquilos, temos as nossas inspirações que são todas diferentes, mas também há muito coisa em comum. Acho que há uma identidade da banda, acho que todos os álbuns são diferentes, e este parece-me ser o mais consolidado em relação a essa identidade. É um álbum calmo, ponderado, equilibrado. Retrata aquilo que a Sophia disse, a nossa convivência com a luz e com a sombra.

O que é que levou à escolha do primeiro *single*, o «Me, Myself And I»?
Sérgio: É um anti-*single*! [risos]
Sophia: Quase sete minutos…
Sérgio: É uma música que conta uma história, e a nossa decisão passou por aí. Tem um crescendo, vai subindo, decresce, volta a crescer… Não estivemos preocupados se era a malha mais orelhuda, ou a mais curta para passar na rádio. Tudo bem que estamos inseridos num meio, mas também somos donos daquilo que fazemos e que queremos mostrar aos outros. Vai ser o primeiro de três *singles*, três vídeos. Temos três conceitos diferentes que estamos a trabalhar com o José Dinis, porque achamos que a imagem é muito importante. Por isso fizemos um esforço particular para que estes três vídeo-clips sejam algo de muito especial.

"Esta formação está junta há quase dez anos, e a forma de fazermos música nunca mudou muito. Nós é que estamos mais maduros, mais calmos, mais tranquilos."
– Sérgio Lopo

O álbum vai ser editado pelo vosso próprio selo, a Core Artists. É mais um degrau de autonomia. É algo importante para vocês?
Sérgio: Nós somos muito autónomos em tudo o que fazemos. O *artwork* foi feito pelo Fred [Gonçalves, guitarrista], aliás, o desenho da capa foi um desenho feito pela mãe dele quando ela tinha dezasseis anos, há aqui uma história interessante, foi recuperado e por aí fora. A parte musical tem muito a mão do João Vaz [baixista], que faz a captação e as misturas… a masterização ainda não somos nós que fazemos, mas é mesmo só o que falta. Depois eu e a Sophia dividimos o trabalho de sapa, que são os contactos, marcar concertos, dar entrevistas… Por isso chegámos a uma altura em nos questionámos para que é que precisávamos de uma editora. O que faz uma editora hoje em dia? Claro que estivemos com o Daniel [Makosch, RagingPlanet], e demo-nos muito bem, numa editora que tem muitos artistas, estivemos na Sony, que acabou por não nos dar o destaque que esperávamos na altura, e agora… O conceito de editora antigamente era alguém que financiava a gravação, o lançamento e isso tudo, de um projecto. Era quase um banco. Como isso não acontece hoje em dia, que sentido faz para nós mantermos actualmente essa ligação? Este nome, Core Artists, já existe há muitos anos, não é de agora, e então foi só esperar só pela altura oportuna para dar este passo. Queremos lidar com os nossos sucessos e os nossos fracassos, queremos ter a autonomia para lidar com os números da coisa. E isso só se consegue fazendo nós toda essa gestão. É óbvio que vamos trabalhar com distribuidoras, e que continuamos a querer que a nossa música chegue ao maior número de pessoas, mas somos donos do nosso tempo e daquilo que fazemos. Isso é muito importante.

SR. DRONE

Ao longo das suas 30 viagens ao redor do sol, os EARTH permaneceram diligentes em relação ao seu compromisso com uma sonoridade minimalista e monolítica. E sim, de facto o vocabulário usado pode ter mudado – das descargas sísmicas de álbuns como o «Earth 2» ao rock meditativo do «Primitive And Deadly», passando pela beleza etérea do «Hex; Or Printing In The Infernal Method» – mas os princípios de austeridade e contenção subjacentes às composição permaneceram uma constante imutável. Para «Full Upon Her Burning Lips», Dylan Carlson, com quem conversámos, decidiu eliminar as camadas de instrumentação auxiliar que embelezaram alguns dos seus discos mais recentes e reduzir a dinâmica ao essencial, o núcleo formado por si e pela percussionista Adrienne Davies.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES HOLLY CARLSON

Dylan, para ti estes últimos anos têm sido muito produtivos. Isso quer dizer que estás sempre a "trabalhar"?
Bem, isto é a vida que escolhi e, desde 2009, tenho tido a sorte de poder viver da música, sem ter de ter um emprego normal para pagar as contas, por isso... sim, é isto que faço e gosto muito de o fazer, por isso tento ser o mais produtivo possível. [risos] Não é só um *hobbie*, percebes? Não é algo que faça apenas ao fim-de-semana ou assim. Talvez um dia haja espaço para fazer mais qualquer coisa. Se sentir que cheguei ao fim da linha no que toca à música, certamente que procurarei alternativas, mas por enquanto é tudo aquilo que faço e que adoro fazer. Neste momento não sinto qualquer falta de inspiração, mas isso não quer dizer que as coisas não possam mudar no futuro.

Mencionaste que só começaste a viver a 100% da música que fazes em 2009. Isso mudou a tua perspectiva ou nem por isso?
Bem, apesar de antes não viver única e exclusivamente da música, era aí que já estava o principal foco de tudo o que fazia. É óbvio que uma mudança dessas altera sempre a tua forma de ver a música, mas eu tento fazer a minha cena. Independentemente do que se passa à minha volta. Nunca estive propriamente interessado no que é popular em determinado momento, nunca deixei que isso influenciasse a música que vou fazendo. Nunca alterei a minha música por pensar que isto ou aquilo podia vender mais discos.

Pelo contrário, aliás.
Inadvertidamente, mas sim... Aprendi desde muito cedo a lidar com o facto de que não é possível agradar a toda a gente. No entanto, sempre persegui a estética que criei desde cedo para os Earth e nunca comprometi a identidade deste projecto, por isso o facto de viver da música, nesse aspecto, acabou por não mudar nada. Continuo a fazer música que não se verga a aspectos ou pressões comerciais, a única coisa que se alterou foi o facto de ter deixado de ser apenas o meu *outlet* criativo, porque agora é um pouco mais do que isso. Na falta de uma expressão melhor, isto é a minha vida, é a minha carreira, no verdadeiro sentido da palavra. A música afecta tudo o que se passa.

Da última vez que tocaste em Portugal estavas a promover o álbum que fizeste em parceria com o The Bug e, em 2018, lançaste um álbum a solo. Essas duas experiências tiveram impacto no que fizeste no «Full Upon Her Burning Lips»?
Não penso necessariamente que tenham tido... [pausa] Este disco surgiu de uma forma muito, muito espontânea. Eu tinha três temas em carteira há algum tempo. Um deles já tínhamos tocado, ainda numa versão embrionária, no Hellfest, em França; outro veio de uma ideia que se foi desenvolvendo durante o ciclo de promoção ao «Primitive And Deadly» e, por último, havia uma peça que tinha composto para a banda-sonora do filme «Belladonna Of Sadness», mas que não tínhamos gravado. Portanto, havia essas três ideias – que foram, obviamente, modificadas e afinadas – e, depois, o restante material surgiu de uma forma bastante rápida no período de cerca de um mês que antecedeu as gravações. Os arranjos, na sua maior parte, foram feitos quando já estávamos em estúdio.

Fluiu tudo muito bem, então.
Sem dúvida, fluiu até melhor do que em alguns dos nossos discos anteriores, que tinham um conceito forte ou uma influência literária definida por trás. Desta vez, a música surgiu rapidamente e, só depois dos temas estarem gravados, já na fase das misturas, comecei a ter uma noção do que iam ser os títulos e tudo o mais. Foi um processo diferente, talvez mais próximo em termos de metodologia do que fizemos num álbum como o «Angels Of Darkness, Demons Of Light»... Digamos que não foi tão improvisacional como esse, mas a forma rápida como as ideias passaram da minha cabeça para a gravação foi semelhante.

Quanto deste material foi, de facto, improvisado no estúdio?
Todas as estruturas estavam compostas, mas depois fizemos pequenos apontamentos de improvisação... Foram pormenores, aqui e ali, que não alteraram de forma significativa os esqueletos dos temas. Demorámos uns oito dias a gravar todas as pistas básicas, por isso nem sequer tivemos muito tempo a perder. Os *overdubs*, no entanto, foram todos criados no momento. Não escrevi nenhum dos solos, foi pôr a máquina a gravar, tocar e pronto.

Um dos objectivos do «Full Upon Her Burning Lips» era simplificar grande parte dos processos no que ao som geral dizia respeito, não era?
Sim, desde o início que quis que as guitarras e a bateria estivessem mais à frente, mais presentes, neste álbum. Geralmente, os meus riffs são aquilo que aguenta a estrutura dos temas, mas no passado sempre usámos instrumentação extra para dar outras tonalidades e melodias ao resultado final. Para o «Full Upon Her Burning Lips» queria que a guitarra não fosse apenas a base de tudo, queria ter liberdade para explorar melodias, para ser eu o responsável pelos ganchos e tudo o mais. Acabou por ser muito divertido, porque gravei o baixo também e, como guitarrista, acho que tenho uma abordagem distinta da que um baixista a tempo inteiro teria – e isso veio trazer ainda mais melodia. Depois temos, claro, a Adrianne, que fez um trabalho fantástico... Acho que, pela primeira vez, a bateria tem a mesma presença num disco que costuma ter nos concertos dos Earth.

Para ti, o que difere mais nas gravações e nas actuações ao vivo?
As gravações são o registo de um momento específico, num ambiente controlado, feitas perante um grupo específico de pessoas. Ao vivo, é sempre diferente. Há um grupo de músicos e um público, que se juntou num sítio com um propósito específico, para criar um momento que nunca mais se vai repetir. Acho que isso permite às canções crescerem, o que é muito entusiasmante. Há coisas que acontecem que não estávamos a prever e temos de lhes dar resposta. Mesmo a forma como um músico se relaciona com as canções pode ir mudando de noite para noite, conforme a energia que vem do público – e que, definitivamente, não está lá no estúdio. É engraçado porque, quando comecei os Earth, só queria trabalhar no estúdio, mas à medida que os anos passaram, acho que desenvolvi a confiança necessária para também já me sentir totalmente confortável num palco.

Três décadas depois, continuas aqui com os Earth. Alguma vez pensaste que o percurso do projecto poderia estender-se por tanto tempo?
Não, *man*, diria até que é uma enorme surpresa ainda estar aqui, a fazer música com os Earth. Quando comecei a banda, as coisas eram muito mais difíceis; pouca gente entendia o que estava a tentar fazer – e foram bastante vocais em relação a isso. Tive de trabalhar e batalhar muito para continuar. Não sei bem porquê, mas não me parece que se tenham passado trinta anos... Quer dizer, há dias em que sim, parece que já se passou uma série de tempo. [risos] Mas, em geral, não posso acreditar que faço isto há 30 anos e ainda há gente interessada. Aliás, hoje em dia parece que há cada vez mais interesse no que faço e sinto-me afortunado por, depois de ter estado afastado durante uns anos, ter tido uma segunda oportunidade. É bom perceber que me consegui aguentar; há por aí músicos com imenso talento que, infelizmente, não podem dizer o mesmo.

"Nunca estive propriamente interessado no que é popular. Nunca alterei a minha música por pensar que isto ou aquilo podia vender mais discos."

FILII NIGRANTIUM INFERNALIUM (PARTE 2)

Outra vez?! Pois é, se bem se lembram, depois de muito tentarmos, os FILII NIGRANTIUM INFERNALIUM foram finalmente vítimas do LOUD! DJ na edição #213, e superaram as nossas expectativas já altas de tal forma que a sessão até deu para preencher dois LOUD! DJs. Na altura deixámos no ar a promessa de publicar esta segunda parte no nosso *site*, mas um pequeno demónio (um Belathauzer Jr., vá) sussurrava-nos ao ouvido que os restantes seis temas da sessão tinham dado conversa boa demais para não voltarmos a ocupar umas páginas da nossa edição impressa com este pessoal. Sendo assim, preparem-se para mais uma cavalgada selvagem com Belathauzer e Arrno Maalm, nesta segunda parte de um dos LOUD! DJ mais delirantes da nossa história.

BAUHAUS

«Bela Lugosi's Dead»

Do *single* «Bela Lugosi's Dead» [1979]

Como terão percebido pelo primeiro volume deste LOUD! DJ, não é preciso ter grande justificação para tocar coisas aos Filii. Aliás, a tentação é de tocar o maior número de estilos diferentes só para os ter a dizer cenas várias sobre eles. Assim sendo, vamos aos primórdios do gótico, com aquele que é frequentemente considerado o primeiro disco de rock gótico.

***Belathauzer*:** Maquinetas… Isto será alguma coisa de Triptykon que eu não conheço? Triptikona.

Não é, mas continua.

***Belathauzer*:** Ah, isto é o próximo dos Square Beast, dos quais eu fui expulso -- contrataram logo uma máquina! Não, isto será o quê? Não sabes? Vamos chegar lá.

Confiança. Espera aí que isto já desenvolve.

***Arrno*:** Isto é demasiado para um gajo fritar a cabeça.

***Belathauzer*:** É Moonspell. É o «Serpent's Goths». «Opium». Não. Isto é um CD de demonstração daqueles que aparecia nas revistas de guitarra, nos anos 90. Do séc. XVIII!

Um CD de limpeza! Daqueles que tinham duas escovinhas!

***Belathauzer*:** É isso! Acertámos! Mas eu já devia ter reconhecido isto, agora a sério. Isto é uma espécie de Peter Murphy pós-Peter Murphy. É Bauhaus, mas com o som… Espera aí, isto é Bauhaus?

É, mas não queríamos interromper a tua elaboração. [risos]

***Belathauzer*:** «Bela Lugosi's Dead»? Ainda noutro dia ouvi isto, pá. É muito bom! Eu por acaso ando com vontade de fazer uma banda estilo Bauhaus, mas sem as tretas todas pseudo-góticas, ou gótico-metaleiras que apareceram depois (e que algumas são fixes). Eu curto. E se alguém está a ler isto, e tocar estas coisas…

***Arrno*:** Tens noção que a partir de agora, vão-te cair em cima constantemente, eh pá, 'bora fazer aquela banda que tu querias!

***Belathauzer*:** Tens razão. Não escrevam isto então! Olha, eu quero fazer uma banda assim, mas só daqui a dez anos e dois meses. Que falem comigo nessa altura, mas apenas por fax. *Fax like a beast*!

E falando dos Bauhaus, faz-te confusão o circo gótico à volta disto, é?

***Belathauzer*:** Eu na verdade sempre ouvi mais Sisters Of Mercy e Fields Of The Nephilim do que Bauhaus, só mais recentemente é que comecei a ouvir mais estes. Não percebo porque é que demorei tanto. Mas cheguei lá.

DESTRUCTION

«Under Attack»

Do álbum «Under Attack» [2016]

Pronto, chega de gótiquices, vamos para a violência agora. Era giro tocar o «Mad Butcher» ou assim, mas como da outra vez teve piada tocar uma malha nova dos Venom, vamos continuar nesse registo e ver o que o nosso duo dinâmico acha dos Destruction recentes. Esta até tem uma *intro* meio marada para despistar…

***Belathauzer*:** Só coisas esquisitíssimas, pá…

***Arrno*:** Isto é demasiado bem tocado, não sei o que é.

Confessamos que nós também não adivinhávamos isto se nos tocassem.

***Arrno*:** E agora era Michael Jackson.

Damos já uma pista: não é.

***Belathauzer*:** É o próximo de Slayer! [entra a voz] Foda-se, que horror. Isto é uma cena muito moderna. É o Schmier? É o Schmier a fazer de conta que é o Schmier?

Boa descrição, sim.

***Belathauzer*:** Mas olha, é bom eles gravarem, mesmo que não sejam discos à altura de outros. É Destruction, pá. Prefiro que haja bandas assim – e isto também se aplica aos Slayer – a gravarem novos discos do que porcarias como… outras cenas que poderíamos referir.

***Arrno*:** Felizmente Slayer vai acabar.

***Belathauzer*:** Felizmente.

Só para estragar o argumento?

***Belathauzer*:** Pá, mas é muito difícil. A uniformização de soluções, a informatização de todo o processo de gravação, deu nisto. Mas é importante que bandas destas continuem a existir seja de que forma for, para também continuarem a tocar ao vivo. Prefiro ir ver os Destruction ao vivo do que 50 concertos de 50 bandas que imitam Destruction.

GRUESOME

«Closed Casket»

Do álbum «Savage Land» [2015]

Na nossa eterna fuga ao óbvio, não vamos tocar Death, mas vamos tocar algo que é quase mais Death que os Death – os Gruesome, que mantêm viva a homenagem à histórica banda de Chuck Schuldiner.

***Arrno*:** Isto é Deathssssss.

***Belathauzer*:** É deathsss metal, mas não são os Deathsss.

[entretanto carrega-se em stop sem querer, mas a conversa continua imperturbável]

***Arrno*:** Mas é Death!

***Belathauzer*:** Não é nada, isto é uma daquelas bandas que…

***Arrno*:** Sim, são aqueles que tocam em homenagem aos Death!

***Belathauzer*:** Isso, mete lá a tocar outra vez. É aquela banda de homenagem, eu li a entrevista na LOUD!, fica bem dizer, não fica?

Apreciamos imenso.

***Belathauzer*:** Pois é, li a entrevista na minha revista favorita! Mas olha, o gajo até tem aquela voz, é muito parecido. É impossível ser o Chuck Schuldiner, mas… Eh pá, esta parte aqui mesmo à «Leprosy». Tenho mesmo que ouvir isto. Isto é boa ideia, há uma banda que nós gostamos que acaba e nós queremos que continue, então continuamos nós no lugar dela. Agora, estar à altura de fazer isso é que é difícil.

E estes estão muito lá, realmente.

***Belathauzer*:** É totalmente Death, se tivessem deixado isto a tocar mais um bocado eu acho que até acabava por duvidar, dizia que era mesmo Death, alguma coisa da altura que eu não tinha ouvido muito ou qualquer coisa assim. Isto parece da altura do «Leprosy».

***Arrno*:** Olha o solo!

BEHERIT

«Gate Of Nanna»

Do álbum «Drawing Down The Moon» [1993]

Já que já temos a reputação de só tocar esquisitice, toquemos agora uma esquisitice importantíssima para o black metal dos anos 90 – fora do eixo norueguês, os Beherit serão um dos nomes mais cruciais no desenvolvimento que o estilo sofreu nesta altura, particularmente com este disco.

***Belathauzer*:** Isto começa bem, é muito *necro*, podia ser Square Beast! Estou a gostar. Podia ser a *demo* de Holocausto. Vou tentar adivinhar a nacionalidade. Vila Franca de Xira!

Quase, mas não.

***Belathauzer*:** Não sei, mas gosto. Posso não adivinhar, e gostar?

Nós permitimos, sim.

***Belathauzer*:** Acho que não conheço. Por acaso parece-se com coisas que estamos agora a compor. Será que eles tiveram acesso? Estamos a fazer coisas deste género, muito *necro*.

E se dissermos que não é Vila Franca, mas Finlândia?

***Belathauzer*:** É Beherit, foram-me meter Beherit.

Estava na tua lista de "proibidos", era?

***Arrno*:** Estava no "bué"! Ou então no "etc"!

***Belathauzer*:** O que eu vos digo é que graças a vocês, vou ouvir mais Beherit, porque de facto eu não ouvi isto as vezes suficientes, e isto é muito bom.

***Arrno*:** Mas as nossas cenas novas estão um bocadinho diferentes.

***Belathauzer*:** Pois, não podemos desvendar muito, mas por acaso fez-me logo lembrar. É que eu não ouço Beherit há décadas – foi uma banda que ouvi na altura, e depois pus de lado, ao contrário do que fiz com outras bandas, Venom, Bathory ou Celtic Frost, que continuei sempre a ouvir. Toca aí mais outra então, ou já acabou? É agora que metes Abba?

***Arrno*:** AbbaTH!

APOKALYPTIC RAIDS

«Necromaniac (Is Back)»

Do álbum «The Pentagram» [2018]

Não, porque na altura ainda não tínhamos o álbum novo do Abbath, só por isso, porque senão tinha dado uma conversa com piada. Mas já que se falou em continuar a ouvir Celtic Frost, lembrámo-nos que há toda uma cultura de bandas que não só continuaram a ouvir, mas também continuaram a tocar Celtic Frost…

***Belathauzer*:** É Celtic Frost! Não é, mas é. São aqueles gajos norte-a-americanos? Usurper?

Não, mas tanto faz. Já conta como adivinhado.

***Belathauzer*:** Tu devias conhecer, porque Martelo Negro é outra banda que tem esta inspiração. Não é Martelo Negro, pois não? Isto é Hellhammer em versão não-Hellhammer.

***Arrno*:** Deve-se chamar qualquer coisa Hammer. Ou então são os brasileiros. Apokalyptic Raids?

São esses, são.

***Belathauzer*:** É giro, nunca tinha ouvido. Mas é daquelas coisas… gostaria muito de os ver ao vivo. Mas em casa, duvido que acabe de ouvir um disco completo de uma banda assim. Vou gostar, mas assim que acabar o lado A, ou o lado *necro*, provavelmente vou buscar mesmo o «Apocalyptic Raids» a sério. Mas é fixe que haja bandas assim. Já que o Tom G. Warrior não faz, há quem faça!

A proliferação deste tipo de bandas é um fenómeno curioso.

***Belathauzer*:** Vivemos num momento histórico em que se valoriza imenso a cópia, a imitação. É parecido com o renascimento, mas leva a um caminho um pouco estéril. Olha a televisão – nos anos 80 e 90, havia concertos e actuações de artistas à noite, havia programas que tinham música ao vivo. Mão Morta, por exemplo, na RTP2, a devastar aquilo. Ou uma das minhas bandas favoritas dos anos 90, os Dinosaur. [risos]

IRON ANGEL

«Heavy Metal Soldiers»

Do álbum «Hellish Crossfire» [1985]

O speed metal foi um género mais ou menos efémero, apesar dos *revivals* de hoje em dia, mas de importância capital, incluindo para os Filii. E os Iron Angel são um dos seus melhores exemplos a nível europeu.

***Arrno*:** Pensava que era a «Wake Up Dead», com esse início.

***Belathauzer*:** É a «Wake Up Dead» em versão Square Beast! Parecia, não parecia?

Realmente parecia. Mas agora já não.

***Belathauzer*:** Não é Iron Angel, mas são uns gajos que estão na compilação «Speed Kills».

Deixa lá de dizer as coisas que não são. Já acertaste.

***Arrno*:** Era só para ver se vocês estavam com atenção…

***Belathauzer*:** Isto é muito bom, pá! E ouvido nestas colunas, ainda fica mais *necro*! Podes pôr o último da Madonna aqui, que vai parecer Holy Moses.

Gostas dos Iron Angel, então?

***Belathauzer*:** Este disco é muito bom, mas por azar meu, só conheço mesmo este. O Zé dos Decayed é fanático dos Iron Angel. É fixe, mas não sei porquê nunca fui completamente à bola com a voz. Mas ouvi muito a tal colectânea, isso sim… Acho que é no segundo volume que eles aparecem. Belas compilações. Isto hoje com a internet deve ser inimaginável, mas um gajo entrava numa loja de discos e via um disco como o «Speed Kills», e era uma maravilha, um regalo para os olhos. Tínhamos logo ali uma série de bandas que não conhecíamos.

TRANSCENDÊNCIA CÓSMICA

Para os INTER ARMA, mais concretamente para o vocalista Mike Paparo, *"a transcendência pode ser alcançada de várias formas"*. No caso deste colectivo oriundo de Richmond, na Virgínia, o facto de terem passado grande parte da última década a viajar pelos Estados Unidos e pelo mundo incansavelmente pode ser só a mais óbvia e também uma das mais cruciais – a música que fazem é, literalmente, moldada pelos altos e baixos vividos nessas experiências. Em «Sulphur English», a sua mais recente odisseia, o quinteto reage ao que viu e sentiu *on the road* desde o lançamento do muito aplaudido «Paradise Gallows», de 2016, criando um colosso demolidor e sufocante de doom/sludge, death cósmico, black metal dissonante e uma pitada do que faziam os Neurosis por alturas do «Souls At Zero».

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES JOEY WHARTON

Vocês são, de há uns anos a esta parte, uma banda difícil de categorizar. Isso tem sido positivo ou negativo para a vossa carreira?
Para ser muito sincero, não sei. [risos] Por um lado temos recebido comentários melhores a cada vez que lançamos um novo disco, por isso acho que as pessoas já perceberam que nunca vamos fazer algo como gravar o mesmo álbum duas vezes. Para nós, tem sido um crescimento lento e acho que o facto de não sermos propriamente uma banda previsível pode ter algo a ver com isso. Se és uma pessoa que só gosta de determinadas coisas, se só gostas de black metal, de doom metal ou de death metal, provavelmente os Inter Arma não serão uma banda ideal para ti. Agora, se gostas disso tudo, se não te importas com misturas, então é possível que sejamos um pouco mais apelativos. Mas isso não é algo em que pensemos muito... Temos noção de que não fazemos música fácil de ouvir.

Essa imprevisibilidade de que falas, deixa as pessoas desorientadas?
Sinto que ainda deixa um pouco, sim. Basta pensarmos numa banda como os Torche, por exemplo... Basta pormos um disco deles a tocar durante dez segundos e, basicamente, percebemos se gostamos ou não do que fazem. Atenção, porque adoro os Torche e acho que há espaço para bandas como eles, mas no nosso caso as coisas não são assim tão simples. Se ouvires dez segundos de um tema nosso não vais sequer ter uma ideia do que vai ser o resto do álbum... Vais ter de te sentar, ouvir tudo e digerir o que fizemos – só aí vais ter uma ideia do que os Inter Arma são como banda.

O objectivo era esse quando a começaram?
Não, só queríamos fazer o que nos apetecesse, sem estarmos preocupados com a reacção que íamos provocar nas pessoas. Na verdade, nunca estabelecemos grandes objectivos para esta banda. Começámos por fazer pequenas actuações em Richmond e passámos uma série de tempo a fazer apenas isso. Depois decidimos que, se calhar, já estava na altura de comprarmos uma carrinha e decidimos fazer digressões totalmente DIY... Mas não, não havia nenhum objectivo definido. Mesmo no que toca à nossa sonoridade, todos gostamos de música muito diversa, por isso seria uma estupidez estarmos-nos a limitar a apenas um género ou subgénero.

"Nós nunca dissemos que íamos amolecer!"

Como descreverias a evolução musical dos Inter Arma até este novo álbum?
Acho que demorámos um bocado a encontrar a nossa própria voz, na verdade. O primeiro disco ainda tinha uma forte influência thrash e partes muito doom, que era o que alguns de nós estavam habituados a fazer. Ao longo dos anos aprendemos imenso, o que, como é óbvio, nos permitiu refinar a nossa sonoridade e criar uma identidade própria. Gosto muito de pensar que, actualmente, já não soamos tão desconexos como quando começámos a fazer música juntos. [risos]

Em que álbum atingiram esse equilíbrio? No «Sky Burial», de 2013?
Para ser honesto, não sei bem! O «Sky Burial» é um disco um bocadinho estranho, porque algumas das canções tinham sido escritas e gravadas para um EP chamado «Destroyer», em 2012, que fizemos para enviar a editoras potencialmente interessadas em trabalhar connosco. Na altura não havia ninguém realmente apostado em editar a nossa música, por isso gravámos os temas em dois ou três dias, e começámos a enviá-los na esperança de recebermos algum feedback. Eventualmente a Relapse acabou por chegar-se à frente, fez-nos uma proposta e, já não me lembro bem porquê, resolvemos regravar esse material e juntar-lhe mais algumas canções que tínhamos escrito entretanto. Resultado, é um disco de longa-duração, mas não tem o *feeling* de continuidade que eu procuro num álbum – e que gosto que os nossos registos tenham. De certa forma, continuo a gostar muito do «Sky Burial» e ainda adoro o «Paradise Gallows», mas sinto que o «Sulphur English» é, muito provavelmente, o primeiro disco em que as peças estão todas no seu devido lugar e em que tudo faz, efectivamente, sentido.

O «Paradise Gallows» recebeu elogios, mas isso não parece ter tido qualquer tipo de impacto no novo álbum, que vos mostra a mudarem de pele novamente.
Não teve, de todo. A partir do momento em que pensarmos assim, vamos estar automaticamente a analisar demasiado as coisas – e esta banda não pode ser assim. Não nos queremos repetir. [pausa] É certo que nunca mais vamos escrever outra canção como a «Primordial Wound», percebes? É um bocado por aí, essa é a única regra quando chega a altura de compor. Acredito que houvesse por muita gente que achasse que, em vez de nos tornarmos mais abrasivos, pesados ou obscuros, iamos optar por uma direcção mais acessível neste novo disco.

Vai ser uma grande surpresa, porque vocês fizeram exactamente o contrário. O «Sulphur English» é, sem dúvida, o álbum mais extremo que já fizeram.
É, de facto... Mas nós nunca dissemos que íamos amolecer! [risos] Não sei, *man* – isto diz muito acerca da nossa atitude enquanto banda, mas de certa forma estávamos a desejar que algumas pessoas não gostassem do que fizemos desta vez. Tínhamos esperança de afastar alguns dos nossos seguidores menos aventureiros, se é que se pode dizer assim. O que acaba por ser hilariante, meio ridículo até para quem vai ler isto, mas a verdade é que é mesmo assim. A música que escrevemos é uma reacção a tudo o que se passa à nossa volta no período que antecede a escrita de um álbum.

Sejamos, então, concretos – o que inspirou a "brutalização" do vosso som?
Andámos os últimos dois anos na estrada e... [pausa] A cena do doom, sludge e stoner rock tornou-se uma coisa enorme nos Estados Unidos; bem, tornou-se enorme aqui e no resto do mundo, na Europa também. E, para mim, que gosto deste tipo de música há uma série de anos, transformou-se um bocado em motivo de riso. Eu tive uma banda de sludge quando era adolescente e, nessa altura, ninguém queria ouvir esse tipo de música. Lembro-me bem de ir às *one dollar bins* nas lojas e encontrar lá discos dos Eyehategod. Havia discos dos Iron Monkey a *50 cents*! Ninguém queria saber daquilo. [risos] Hoje em dia, todas as cidades têm uma banda assim. Nós tocámos com muitas nos últimos dois anos, e era sempre a mesma coisa, noite após noite. E isso cansou-nos, a todos no grupo. Continuamos a partilhar algumas dessas características, mas tínhamos de fazer uma coisa muito mais abrasiva com a nossa música.

GAAHLS WYRD

O SILÊNCIO É DE OURO

O primeiro álbum dos GAAHLS WYRD, o projecto iniciado em 2015 pelo bem conhecido vocalista e antigo *frontman* dos Gorgoroth, Kristian "Gaahl" Espedal, é no mínimo surpreendente. Mantendo a fúria e intensidade que associamos à figura, mas igualmente recheado de atmosferas e vocalizações sinistras como nunca lhe tínhamos ouvido antes, «GastiR – Ghosts Invited» é um dos pontos altos do black metal deste ano para já, e como tal estivemos à conversa com o soturno e tranquilo Gaahl.

JOSÉ CARLOS SANTOS JØRN VEBERG

Tinhas algum objectivo particular quando formaste esta banda em 2015?
Começo sempre tudo sem nenhum tipo de expectativas. E continuo sem as ter, neste momento.

Foi importante, este período de quatro anos antes da edição de um álbum?
Sim. É importante saber que a banda é a certa. Que a formação vai durar. Portanto, tivemos que fazer várias rondas de espectáculos ao vivo, para ver como é que as pessoas iriam reagir a esse tipo de situação, para avaliar a sua determinação. Se estão comigo pela música, ou por outra coisa qualquer.

Qual é a ideia essencial que pretendes passar com este «GastiR – Ghosts Invited»?
A ideia é apresentar o que é essencial para mim e para a banda. Normalmente deixo que a criatividade escorra livremente, é o que interessa acima de tudo. Explicar mais elaboradamente que isso é muito complicado para mim. Estou só a entregar aquilo que sou hoje. Para além disso, não considero as coisas dessa forma, sinceramente. Claro que esta música foi criada de forma natural, em todos os sentidos, mas não a comparo sequer com outros trabalhos que já tenha feito. É a sua própria criação, e existe como tal. Mas claro que é resultado de um longo processo. Apesar de a gravação em si ter sido rápida e eficiente. Gostamos de preparar tudo devidamente, com antecedência, e isso durou cerca de três anos a fazer. A forma de comunicarmos é difícil de verbalizar, mas claro que temos encontros de banda e é aí que a maior parte do progresso se faz. É um processo contínuo, não passa por situações isoladas. Acho que a única palavra que posso usar para descrever a nossa comunicação em termos de criação da música é "constante". Está sempre a acontecer de uma forma ou de outra.

A arte utilizada no álbum é particularmente impressionante, queres descrever um pouco o método utilizado?
Foi essencialmente usada uma técnica fotográfica denominada *wet paint*. Tratou-se de uma colaboração com uma artista cujo método de eleição é esse. Trabalhámos em várias peças, e acabámos por seleccionar aquilo que vão poder ver no produto final. Temos várias outras que estão ligadas ao álbum, mas que não vão ser mostradas por agora. A capa é basicamente uma fotografia *wet paint*, e a imagem no *inlay* foi tratada com os mesmos químicos, mas directamente pintada com eles, não é portanto uma fotografia, é uma pintura. Claro que o modelo também teve muita importância no impacto da imagem da capa, usámos alguém que sabia exactamente o que fazer para obter os resultados pretendidos. Fiquei muito satisfeito. E prefiro não dizer mais que isto. Nunca gosto muito de explicar demasiado as ligações entre as coisas, seja em termos de letras ou de imagem. É por essa razão que criamos, para não termos que atafulhar as pessoas de informação. Esse trabalho, é o álbum que o tem de fazer.

O teu processo criativo é… difícil, digamos assim? É algo que te custa, mesmo quando ocorre com naturalidade? Daí recorreres muitas vezes ao silêncio, conforme já explicaste noutras ocasiões?
A criação e o nascimento são sempre difíceis. É algo que requer muita concentração e muito foco. O silêncio… é só a forma como trabalho. É um processo normal, acho. Depende do grau de envolvimento que tenho num projecto, mas sim, é a minha técnica principal. Sentar-me em silêncio e deixar que as coisas venham até mim.

Consta que só revelas o *setlist* de cada concerto ao resto da tua banda momentos antes de subirem ao palco. É uma forma de os manter sempre concentrados?
Sim. E a mim também! Queremos a todo o custo evitar que as coisas se tornem numa rotina. Queremos estar sempre alerta. Há uns anos, quando andávamos em *tour* com os Gorgoroth, havia muito poucas alterações nos *setlists*, muito poucas mesmo, durante anos e anos. E isso faz com que se caia em repetição e se perca o foco no que se está a fazer.

Falando de concertos, dada a tua diversidade vocal neste álbum, alguns dos temas serão previsivelmente difíceis de interpretar ao vivo. Estás preparado para isso?
Todos eles terão o seu lugar, mas sim, claro que há algumas canções que vão precisar de um tratamento particular. Para alguns deles vou ter de escolher que voz vou querer usar. Uma coisa é a versão do álbum, outra coisa será a forma como os vou apresentar em palco. Vou ter que me alimentar da energia que exista no momento. Mas estarei pronto para isso. Dou como exemplo a «Veiztu Hve» ou a «Within The Voice Of Existence», que têm vários diálogos, e portanto vou ter que escolher que tipo de energia vou querer transmitir em determinada altura. Mas reforço que todos os temas são realizáveis ao vivo, e todos vão ser tocados ao longo do tempo.

A tua voz, ou melhor, as tuas vozes, são mesmo um dos pontos altos do álbum. É uma *performance* que resulta de maior confiança trazida pela experiência?
Sim, e claro que temos uma energia excelente no seio da banda, e isso ajuda muito em termos de me sentir confortável comigo mesmo. Quando há energias… cooperativas, digamos assim, quando subo a um palco ou quando entro num estúdio e só tenho mesmo que me concentrar no meu próprio trabalho, isso ajuda a que a criatividade flua com muito maior facilidade.

Sem te pedir qualquer exercício de futurologia, dá a sensação que este projecto é bem mais estável e com maiores probabilidades de longevidade do que outros que já tiveste. Concordas?
Para mim, este projecto é para durar muito tempo, é assim que olho para ele. Claro que tenho outras actividades às quais me quero dedicar, porque não posso fazer só uma coisa, mas este é sem dúvida o elemento principal do caminho que quero traçar. É esse o plano, e esperemos que continue assim.

"O silêncio... é só a forma como trabalho. É a minha técnica principal. Sentar-me em silêncio e deixar que as coisas venham até mim."

ENFORCER

Os suecos ENFORCER estão de regresso com um novo disco de originais, «Zenith», o quinto da sua carreira. No Moita Metal Fest os fãs portugueses tiveram o prazer de ouvir quatro temas deste novo trabalho, que é o mais diversificado da banda até ao momento. Ainda antes da passagem por Portugal, estivemos à conversa com o líder, guitarrista, vocalista e compositor da banda, Olof Wikstrand, que nos conta um pouco mais sobre este novo álbum.

JORGE BOTAS CINTIA REGUEIRO

AGENTES PROVOCADORES

Como vão as coisas por aí?
Está tudo bem! Estou ansioso para perceber a reacção das pessoas ao novo disco. Publicámos o primeiro tema, «Die For The Devil», e já começou a haver feedback, por isso vamos ter tempos excitantes pela frente.

Este novo trabalho aparece quatro anos depois do último. Desta vez levaram o vosso tempo a escrever...
Sim e não! [risos] Nós estivemos na estrada durante dois anos a promover o disco anterior, «From Beyond», por isso não tivemos muito tempo para escrever. Quando terminámos a última digressão desse ciclo, não tínhamos material quase nenhum e estávamos a precisar de descansar um pouco depois de 220 concertos, ou algo do género. Tirámos meio ano de férias antes de começarmos a recolher algo para o novo disco e isso acabou por ser bom. Precisávamos de ter uma ideia forte de que caminho quería-

mos seguir, e tínhamos de descobrir como lá chegar. Pessoalmente, se quero fazer algo, tenho de o fazer com convicção e não só porque sim. Acho que há muitas bandas a fazer coisas que não interessam muito, porque têm essa necessidade de lançar algo só por "dá cá aquela palha". Parece que há uma certa pressão para que isso aconteça...

Fizeram bem. Nota-se que há trabalho pensado e que levaram o vosso tempo a aperfeiçoar as canções. Por exemplo, na «Searching For You», há uma mudança de tempo quase ao estilo prog que só pode ter sido planeada, não é?
Sim, foi pensado e intencional. Na versão original, o refrão estava no mesmo tempo que o resto da canção, mas depois decidimos mudar as coisas. Queríamos separar o verso do refrão, para que este se destacasse mais e fosse mais épico, para contrastar com a velocidade dos versos e do riff. É assim que se constrói essa sensação de que estavas a falar e era exactamente isso que queríamos fazer com esta canção.

Este novo trabalho conta com alguns novos elementos, mas mantendo aquele estilo clássico dos Enforcer. Outro tema que se destaca é a balada «Regrets» que é absolutamente adorável com aquela *intro* de piano...
Esse foi um tema que o Tobias [Lindqvist, baixista] tinha escrito para outra banda, mas eu gostei tanto do raio da música que consegui persuadi-lo a fazer uma versão Enforcer. Acabou por se tornar na primeira canção que tivemos pronta. Também é uma pequena provocação, para ver quantos fãs de metal vão ficar ressabiados ao ouvi-la! [risos] Eu acho que é uma grande canção! Adoro a melodia, adoro tudo nela.

Se incluíram esta canção com esse intuito provocador, se calhar ainda vão ficar surpreendidos com a reacção desses fãs que vão acabar por mostrar o seu lado mais *soft*...
[risos] Também acho que sim, mas temos todo o tipo de fãs. Vai haver pessoas que não vão gostar, mas de certeza que vai haver muita gente a adorar também. Quem não gostar, certamente que vai encontrar outros temas mais do seu agrado. Pessoalmente, gosto de variar e brincar com os extremos dos vários estilos ao invés de fazer dez ou doze temas dentro do mesmo género.

Este disco acaba por ser um pouco uma viagem, com algumas variações pelo caminho, o que faz com que não seja aborrecido de todo, e acaba por captar um pouco mais a atenção de quem ouve...
Exactamente! No caso do death metal, por exemplo, quando se começa a 100% não há muito mais a fazer. Mas se jogarmos com a variedade do som mais pesado e mais rápido, acaba por se destacar mais, e foi isso que quisemos fazer neste novo trabalho. Temos canções mais pesadas, que comparadas com as mais rápidas, com a balada ou com o tema «Sail On», que é mais rock progressivo, e até mesmo com o tema «One Thousand Years Of Darkness», que é uma canção mais pop, acabam por se destacar. Por isso, há um pouco de tudo.

Voltaram a ser vocês os responsáveis pela produção do disco... Continua o caso de não gostarem de interferências exteriores?
Nós tínhamos algumas ideias para este álbum, mas a verdade é que não consigo ouvir nenhum trabalho recente que soe bem. Ou são muito comprimidos, ou soam muito plásticos e sem dimensão nenhuma... Parece que está tudo à frente, sem alma! Falámos com alguns produtores, mas eles diziam algo do género: "*Deviam ter mais* samples *no disco*" ou "*deviam usar um baixo de cinco cordas para terem aqueles graves.*" Eu só disse: "*Não, obrigado!*" [risos] Sem falar em nomes, mas foram basicamente estas as reacções que tivemos quando falámos com alguns dos produtores. Típico de produtores de metal! Por isso não encontrámos ninguém que fosse bom o suficiente para trabalhar connosco.

Algo único que fizeram para este disco foi gravarem uma versão totalmente em espanhol! Contaram com ajuda de alguns amigos hispânicos na tradução das letras.
Tivemos ajuda de uma amiga do Chile... e como deves saber, não podemos traduzir inglês directamente para espanhol. Por essa razão tivemos que reescrever as letras para encaixarem no conceito e fazerem algum sentido. Pensei que ia ser bastante fácil porque sei algum espanhol, mas foi um inferno! Tivemos de cortar as letras a meio, porque um verso em inglês era equivalente a dois versos em espanhol. Entretanto já recebi alguns pedidos para gravar músicas noutra língua, mas acho que esta experiência em espanhol já foi suficiente. [risos] Só o fiz porque achei que aguentava bem com a língua espanhola... Acabou por ser um bom desafio, a Carolina, que escreveu todas as letras, fez um trabalho fantástico.

"Não encontrámos nenhum produtor que fosse bom o suficiente para trabalhar connosco."

Já conta com um novo guitarrista a tempo inteiro. O Jonathan Nordwall teve alguma influência no processo de composição?
Nem por isso. Ele ainda não veio com muita criatividade no processo de composição. Na verdade, porque só eu e o Jonas [Wikstrand, baterista] é que trabalhamos na esmagadora maioria da composição do disco. Só o Tobias é que apresentou dois temas completos: «Regrets» e «Forever We Worship The Dark». De resto, foi feito tudo por mim e pelo Jonas. Mas será quase sempre assim, porque eu o Jonas trabalhamos juntos e fazemos quase tudo os dois.

E é fácil trabalhar na mesma banda com o teu irmão?
Depende da ligação que tenhas. No meu caso, tanto eu como o Jonas temos ideias similares daquilo que queremos e de como a música deve soar, por isso não temos de comunicar muito nesse aspecto. Acaba por ser um processo natural para nós, porque passamos muito tempo juntos, saímos juntos... Temos muito tempo para falar de outras coisas da vida também.

Para terminar, e lembrando a balada «Regrets», tens algum arrependimento de algo que tenhas feito ao longo da carreira?
Não. Não me arrependo de nada... Talvez fizesse algumas coisas de forma diferente, como por exemplo não trabalhar com certas pessoas, se soubesse o que sei hoje, mas nada de arrependimentos.

UM NEGRO E FAMILIAR DESTINO

Cinco anos após o lançamento de «Equinócio Espectral», os MARTELO NEGRO estão de volta com o seu terceiro longa-duração, «Parthenogenesis», que é uma autêntica demonstração de vitalidade e uma franca maturação de processos que, tal como o Beyonder havia adiantado à LOUD! na análise tema a tema do álbum publicada o ano passado, deixa em claro uma aprofundada apreciação e compreensão de várias vertentes *old school* do metal. Umas semanas antes do lançamento do novo registo e subsequente apresentação ao vivo no SWR Barroselas Metalfest, falámos com o fundador da banda e seu actual baixista e vocalista, o sempre prolífico The Beyonder.

LUÍS PIRES

Quando anteviste o «Parthenogenesis» o ano passado, mencionaste influências do crust, speed, e death *old school*, que vão bem para além da associação do vosso som ao black e black/thrash.
São bandas que eu sempre apreciei e no «Parthenogenesis» notam-se mais do que nos trabalhos anteriores, nos quais acho que a gente se preocupava demasiado em emular a sonoridade dos Hellhammer e Celtic Frost. Mas mesmo que fosse de uma forma muito subtil, essas influências já lá estavam. Sempre fui fã do Kam Lee, dos Massacre, sempre fui fã de Impetigo, que é uma banda que é pouco referenciada no meio dos Martelo Negro – eles são mais ligados ao goregrind – e, no entanto, nós até adoptámos algumas dinâmicas deles neste disco.

O álbum conta com participações que deduzo terem sido especiais; da tua sobrinha, a Carina Domingues e do Rui Sidónio. Como correram as experiências?
O dueto com a Carina correu lindamente, o metal e o punk estão no ADN dela. Não é preciso dizer-lhe absolutamente nada, ela conhece bem as directrizes do género. Foi muito simples e muito rápido e resultou muito bem. É um orgulho, obviamente. A experiência com o Rui Sidónio foi também muito interessante. Eu sou fã de Bizarra Locomotiva há muitos anos e toda a vida cantei as coisas do Rui Sidónio. Na minha intimidade, enquanto ouço os discos, gosto de acompanhar as músicas can-

tando-as, pelo que foi surreal ter o Rui Sidónio a cantar coisas minhas. Quando o convite lhe foi lançado ele aceitou com toda a gentileza e o processo de gravação foi fantástico. Ele foi para o estúdio connosco a um sábado ou domingo de manhã, creio, e levámos a manhã toda na conversa. No fim da manhã ele disse "*okay, vamos lá fazer isto*," e em vinte minutos, quase tudo ao primeiro *take*, ficou feito. É um grande orgulho ter o Rui Sidónio no disco.

Deste-lhe liberdade em termos de letras?
A letra é minha, o que me deixa mais orgulhoso ainda. Eu escrevo todas as letras dos Martelo Negro. A excepção é um tema no disco anterior que teve a ajuda do Pedro Pedra. Na altura de gravar achou que era uma boa ideia adicionar qualquer coisa. Escreveu, gravou, e eu no final aceitei. Mas, de facto, o Pedro Pedra é daquelas pessoas que tem carta branca no nosso meio.

Continuando na componente lírica, como foi a tua abordagem neste disco?
Eu escrevo as letras no dia em que as gravo. Isto pode parecer surreal a muita gente mas eu vou para estúdio sem ter absolutamente nada. Antes de gravar as músicas consigo rabiscar as letras no papel, tenho a métrica mais ou menos encaixada, e acabo por gravar no próprio dia em que escrevo. As coisas surgem-me quase de forma epifânica.

Sempre foi assim?
Quando escrevia para os Neoplasmah, na altura os Systematic Collision, fazia trabalho de casa. Entretanto percebi que isto resulta melhor e ocupa-me menos tempo, portanto em equipa que ganha não se mexe.

A que temas te levou essa espontaneidade?
Este é um disco que versa, talvez excessivamente, sobre entidades femininas, talvez influenciado pelo "*female fronted metal.*" Se calhar é esse o fio condutor, a figura feminina, na sua faceta mais maligna, é o que está mais presente neste disco.

Podes elaborar?
É uma influência negativa porque vejo o fenómeno do "*female fonted metal*" como algo muito negativo. O que tenho contra é em relação ao género em si, enquanto algo nocivo em que a mulher é instrumentalizada. O "*female fronted metal*" usa e abusa da beleza feminina para conseguir um lugar de destaque.

Sentes portanto que estão a explorar o que afirmam querer combater?
Exactamente.

Durante a tua carreira, já te expressaste musicalmente através de um sem fim de géneros e subgéneros. Ainda te falta algum?
[risos] Electrónica, adorava fazer música electrónica. É um fetiche que tenho de realizar, fazer qualquer coisa entre o electrónico e o industrial, e provavelmente será algo no qual irei investir depois do Barroselas, até porque estou a angariar meios para o fazer. Não sei o que será mas será algo nesse registo.

Portanto no pós-SWR vais estar a trabalhar nisso e em Namek. Vai haver tempo para mais Martelo Negro?

"Acima de tudo, acho que o riff é a identidade da banda."

Sim. Aliás, nós já temos um disco novo de Martelo Negro composto que só está à espera de ser gravado. Já existe um disco pós-«Parthenogenesis» que foi escrito na mesma altura. Dividimos esse reportório em dois, o «Parthenogenesis» sai agora e o restante material sairá mais tarde. Provavelmente ainda será reestruturado, modificado, e afinado, mas ele já existe.

Qual foi o critério subjacente a essa divisão?
Tinha a ver com a familiaridade dos temas. Havia temas que tinham um pendor diferente de outros e nós agrupámo-los dessa forma. Os que separámos para o próximo álbum farão mais sentido todos juntos do que na companhia dos do «Parthenogenesis».

Em termos estílisticos, que diferenciação esperar?
Penso que os temas que temos postos de lado são menos sinistros que estes. Talvez por isso mesmo terão de ser remodelados, talvez porque lhes falte um pouco de carga sinistra. A alegria e a felicidade não são muito bem-vindas na nossa música.

Queres portanto que a vossa identidade se mantenha, é isso?
Passa por aí, exactamente. Acima de tudo, acho que o riff é a identidade da banda.

Falando em riffs, quando escreves tens sempre um projecto em mente?
Quando escrevo para um projecto, foco-me nesse projecto e escrevo para esse projecto. Às vezes surgem riffs que são divergentes e que eu ponho para o lado porque sei que vão servir para outra coisa qualquer, mais cedo ou mais tarde. Sendo espontâneo consigo ser metódico e isso aplica-se ao resto da banda, que as músicas de Martelo Negro são escritas pelos três de forma igual. Fechamo-nos os três no estúdio, eu, o Melkor e o Thamuz, fazemos um *brainstorming*, e a verdade é que nós os três funcionamos lindamente. O trabalho de composição é mesmo feito por três pessoas.

Têm abordagens semelhantes?
Sim, sim. Mesmo a construção dos temas, a parte instrumental, surge da criação dos riffs. Tudo se vai compondo em torno dos riffs e surge tudo de forma natural. Raramente vejo alguém chegar à sala de ensaios com um riff feito em casa. Nós fazemos as coisas no local e não na sala de ensaios, é à frente do computador. Isto não deixa de ser subversivo, uma banda que se diz primitiva compor em frente a um computador e recorrendo a ele como nós recorremos, mas a verdade é que é um processo que tem resultado.

Portanto tratam o computador como uma ferramenta e não como um fim, como aliás se reflecte na sonoridade do disco.
Exactamente, o computador é perfeitamente instrumentalizado em função do propósito. É um disco *old school* gravado com meios modernos e nós não o vamos esconder nunca, não há como ocultá-lo sequer.

Realmente, essa complementaridade de estilos de escrita já tinha sido evidenciado no *split* que lançaste enquanto Black Blood Whoracle, que partilhaste com bandas do resto dos membros de Martelo Negro.
A ideia desse *split*, do «Plague Spreaders», foi exactamente essa, que cada um dos membros dos Martelo Negro criasse um *side project* e que uníssemos os quatro projectos num álbum só. Eu fiz os Black Blood Whoracle, o Thamuz fez a parte dele com os Bathurzum, mas como não tem muito jeito para cantar convidou-me para gravar as vozes, depois houve Culto Macabro que é o Melkor a solo, e os Ultrasatan que são do Charles Sangnoir.

Com quem de resto tens, ou tinhas, os muito interessantes Hibernáculo.
O Sangnoir é um cúmplice já de velhos tempos. Ocasionalmente gravamos coisas juntos. Por acaso temos um projecto de doom/stoner que está na gaveta e estamos a ver se o acabamos, chamado Edgar Allan Podre, que é um nome curioso e acho que revela algum sentido de humor da nossa parte. Diria que em 2020 o mundo irá conhecer esse aborto sonoro.

HOMENS DA LUTA

Um dos álbuns mais importantes da carreira recente dos DARKTHRONE chamou-se «The Underground Resistance», e de certa forma esse título encapsulou tudo aquilo que os noruegueses representam para o metal hoje em dia, mais de três décadas depois de se terem lançado para um percurso ímpar a todos os níveis. Ao longo de várias fases e transformações sonoroas, o que sempre ficou óbvio como essência pura do duo Fenriz/Nocturno Culto – dois personagens completamente diferentes um do outro e ao mesmo tempo perfeitamente complementares – foi uma dedicação e devoção profundas ao metal underground, que é celebrado a cada disco, a cada tema, a cada "ugh!" que é largado com gosto a pontuar mais um grande riff. São uma banda tão preciosa, que nos damos ao luxo de lhes dar a capa sem pensar duas vezes, sem ter ouvido ainda o novo «Old Star». É verdade, desta vez não houve *promos* para ninguém, sabemos tanto como vocês do muito aguardado álbum novo que está previsto para 31 de Maio, e avançámos pela conversa com o Fenriz a dentro como intrépidos exploradores a entrar num maravilhoso mundo novo… pela mão do sábio guia que tudo conhece.

JOSÉ CARLOS SANTOS ESTER SEGARRA

Explica lá o porquê de nos deixarem neste sofrimento, sem podermos ouvir o «Old Star» da forma estupidamente privilegiada a que estamos habituados? Muitos *leaks* ao longo dos anos?
Ah, *the ides of launch*! [risos] A ideia é toda do Ted [Skjellum, *aka* Nocturno Culto], sempre foi ele a decidir estas coisas – quando é que os álbuns saem, quem é que os recebe, isso tudo. É assim que dividimos as coisas. Acho que é por causa disso, sim – o «Arctic Thunder» *leakou* bastante cedo, e ele foi desenvolvendo opiniões muito específicas acerca desta fase promocional. Eu já tenho coisas suficientes que fazer para a banda, por isso não interfiro nessas decisões, se bem que preferia que as entrevistas fossem feitas depois da data de lançamento, mas também percebo porque é que não pode ser assim.

Vamos lá então a uma pergunta geral e meio parva – conta-nos aí como é que é o álbum! A verdade é que algumas das descrições que já utilizaste para o descrever, como "*like the 80s never left*" ou "*more metal than EVER*", são muito promissoras.
Descrever a nossa própria música é como se eu e o Ted estivessemos fechados numa cabana, e só podemos descrever o que lá está dentro a pessoas que só conseguem espreitar do lado de fora. Percebes? A música é uma linguagem universal e tem que ser ouvida. Por isso, *kudos* por sequer tentares a tarefa impossível, especialmente a falar comigo, um tipo que só gosta de ouvir música e pensar sobre música, e detesta escrever sobre ela. Mas pronto, acho que o «Old Star» representa finalmente o ponto onde já toquei e já ouvi metal suficiente para ser capaz de ser inspirado apenas por nós próprios. No geral, sinto que lidei com o mesmo tipo de material que no «Arctic Thunder», mas a paisagem sonora é mais adaptada ao facto de que o «Old Star» tem riffs mais lentos, mais mastodônticos. É um disco mais metal, na verdade.

O método de escrita foi o vosso do costume?
Sim, exactamente o mesmo em todos os álbuns desde o «The Cult Is Alive», ou seja, gravar o álbum de uma vez depois de cada um de nós ter escrito vários temas separadamente. Desta vez, tal como no «Arctic Thunder», até tivemos duas sessões de gravação, uma em Outubro e outra em Dezembro de 2018. Já tinha começado a escrever as letras na Primavera de 2018, mas perdi a primeira letra no trabalho e não me consegui lembrar de nada do que tinha escrito. Tive que voltar ao princípio. E sei que era um bom texto, merda! Mas sim, ao longo do tempo lá vou gravando no telemóvel riffs que vou

cantando ou tocando, e quando marcamos a data para a gravação acabo por preferir material mais fresco do que esse que fui gravando. [risos] Acho que por volta de Setembro peguei na bicicleta, fui buscar a minha guitarra ao abrigo subterrâneo que é o nosso estúdio (é uma guitarra sem caixa nem alça que tenho desde 1995), fui para casa, sentei-me à porta e instantaneamente escrevi ali metade do que viria a ser o tema de abertura, «The Hardship Of The Scots». Foram umas horas felizes, pelo que me lembro. Trocámos umas mensagens, para ver em que ponto estávamos com o material, e o Ted disse-me que tinha um par de temas já. Como normalmente só precisamos de seis, oito no máximo, tentamos ver mais ou menos pela duração do material que temos aquilo que vamos precisar para a sessão. Quando lá chegamos, montamos o nosso material todo, fazemos um *soundcheck* rápido, e normalmente pegamos num tema do Ted primeiro para o aprendermos juntos e gravarmos. Depois um meu, e assim sucessivamente. O Ted vai gravando guitarras adicionais depois disso, no fim do dia fechamos a porta, vamos beber um copo e ouvir uns discos, dormimos uma boa noite de sono, na manhã seguinte tomamos um pequeno-almoço reforçado e voltamos ao *bomb shelter* para gravar mais um tema. No final separamo-nos, vamos cada um para sua casa, e sabemos que vamos repetir tudo na próxima sessão para os temas que faltam. Pode acontecer durante este processo que eu a certa altura me retire para uma sala separada para tomar decisões sobre os meus temas, ou, se estiver inspirado, escrever um tema novo baseado no arquivo de riffs que tenho no telemóvel ou em ideias súbitas que tenha tido durante a gravação. Frequentemente, essas ideias espontâneas são muito mais excitantes do que qualquer outra coisa que eu tenha preparada, e decido-me muitas vezes por elas.

Não têm saudades, ou pelo menos vontade, de tentar escrever um tema juntos para ver o que dá?
Confesso que não. O último tema que fizemos juntos, no sentido de que tem riffs dos dois, foi o último do «Sardonic Wrath», porque nos disseram depois da gravação que o álbum era muito curto e que precisávamos de voltar ao estúdio imediatamente e gravar mais um tema. Foi uma merda para o Ted, porque ele vivia muito longe na altura. Desde aí que estamos bem assim, tudo funciona.

"O «Old Star» tem riffs mais lentos, mais mastodônticos."

Falemos das letras, porque pelo menos a essas já temos acesso! São deliciosamente crípticas como de costume. Conta aí, a «Alp Man» é sobre alguém em particular?
Não, por acaso não é. As letras poderiam ter dado azo a títulos completamente diferentes, mas eu também sinto necessidade de alguma variação e fuga ao comum. É difícil arranjar títulos interessantes, e eu tenho a tendência para dar títulos muito longos. Desta vez, como o álbum tem um título curto, precisava também de títulos mais curtos para ecoar isso. Vai daí, «Alp Man».

O "Uh!" no fim da «The Hardship Of The Scots» é uma Tom G-zada?
Sim, claro! Nunca consigo evitar o "G". UH!

E usas a palavra "*Satan*" na «The Key Is Inside The Wall»! Fui investigar e percebi que não a usavas desde a «Canadian Metal». E mesmo aí, era numa semi-citação de outro título. Achas que isso quer dizer alguma coisa? Se estiveres farto de perguntas parvas sobre as letras também nos podes fazer um desenho fixe no Paint e ignorar as perguntas.
Se achas que eu sei usar o Paint, isso só pode ser baseado nas capas dos nossos álbuns mais antigos! [risos] E é verdade, o "*Satan*" na «Canadian Metal» era basicamente outro título, essa letra era toda ela uma homenagem a várias bandas canadianas, e «Sex With Satan» é um tema famoso dos Piledriver. Acho que as minhas letras são sobre o inferno e sobre Satanás com muita frequência, mas não uso as palavras de forma directa. Seria interessante ir analisar as minhas letras para estudar isso. Interessante para outra pessoa, quero eu dizer, porque eu tenho mais que fazer e ainda tenho que ir fazer umas compras para a casa depois desta conversa! Confesso que não tenho vontade nenhuma de revisitar as minhas letras, há tanta agonia e tanta insanidade por trás delas que não sei se seria saudável. Para mim, pessoalmente, escrever letras é o mais parecido que há com xamanismo.

Outro assunto que te é caro é o som de bateria. Qual é o melhor som de bateria que ouviste num álbum desta década?
Whoa, boa pergunta. Acho que ouvi coisas a mais para dar uma resposta perfeita, mas os Horisont vêm-me logo à memória. Os Robert Pehrsson's Humbucker tinham um som de bateria muito fixe também num álbum mais antigo, acho eu. Mas sei que me estou a esquecer de milhões de álbuns que poderiam ser aqui mencionados. Mas assim de repente, em termos relativos, também gosto muito de álbuns que têm o som certo para esse álbum específico, como aconteceu no melhor disco de metal do ano passado, o «Hellions Of Fire» dos Black Viper.

Falando de som, aqui vai uma pergunta de entrevista séria: a escolha do Sanford Parker para fazer a mistura do vosso álbum é, no mínimo, intrigante. Conhecendo o Sanford e o seu trabalho há muito tempo, não seria de todo uma escolha óbvia para os Darkthrone à partida. E ainda assim, parece fazer todo o sentido. Como é que aconteceu?
Na verdade, não foi uma escolha nossa. Não conhecemos engenheiros de som nenhuns. Temos feito a nossa própria mistura desde o «The Cult Is Alive». Mas desta vez, quando chegámos ao estúdio, alguém nos tinha levado um dos *decks* de mistura, por isso tivemos que fazer alguns rearranjos de microfones e coisas assim, o que nos deixou um bocado na dúvida em relação à qualidade final do som. E acho que o Ted queria experimentar alguma coisa nova, também. Acho que já lhe passou, porque já me disse que quer voltar a fazer a mistura do próximo… [risos] *Anyway*, o que aconteceu foi que o nosso amigo Jack Control, da Enormous Door, que faz a masterização dos nossos álbuns, disse que tinha dois tipos fixes para fazer a mistura, o tipo dos Voivod e o tipo dos Motörhead. Eu disse que tudo bem, mas para ele ter cuidado porque eu só gosto de sons de bateria antigos e não gosto nada das gravações recentes de ambas as bandas. Foi uma luta, ainda, a chutar misturas para trás e para a frente, o Jack não tinha tomado totalmente em consideração o quanto eu odeio sons de bateria modernos, mas finalmente lá chegámos a uma versão que se adequa muito bem ao tipo de música que temos no álbum, plena de riffs lentos e pesadões.

Aprenderam alguma coisa com este processo todo de *outsourcing*, chamemos-lhe assim?
É interessante ver a maneira de pensar que o pessoal das misturas tem. Aprendi isso já com o Patrick Engel. Eles não ouvem música como nós, ou seja, os criadores da música, os fãs ou os jornalistas. Eles tendem a ouvir num só a totalidade do álbum e do som – enquanto para nós é normal começarmos a formar opiniões em breves segundos, os *mixers* geralmente esperam três ou quatro temas antes de tomarem decisões em relação ao que estão a ouvir. O factor mais importante para eles é que o som não deve ser maçador ao fim de dez minutos, de forma alguma. Deve ser, aliás, cada vez mais confortável à medida que se vai ouvindo. Já eu, a ouvir uma cena nova, desligo ao fim de catorze segundos se não gosto. [risos]

Das muitas fases que os Darkthrone já tiveram, há alguma que aches que foi mal compreendida? E alguma que seja a tua favorita? Pessoalmente acho que o «The Underground Resistance» foi um marco importantíssimo para os Darkthrone do séc. XXI.
Acho que o período entre o «The Cult Is Alive» e o «Circle The Wagons» é um bocado ignorado, e há muitas canções e muitos riffs totalmente *killer* nesses discos. Mas ganharam a reputação de serem punk, e acho que o são muito mais em espírito do que propriamente em termos musicais. O «The Underground Resistance» foi muito importante, porque pela primeira vez tivemos a masterização "gorda" do Jack, trabalho que ele continuou depois no «Arctic Thunder», que tem o meu som de bateria favorito de todos os nossos álbuns, à excepção do «A Blaze In The Northern Sky». O «The Underground Resistance» é um álbum de metal muito variado, finalmente consegui aplicar muitas influências do speed metal de 1983/84, o speed metal belo, não o "rufia" que se seguiu. Especialmente nos versos e refrão da «Valkyrie», e também na «The Ones You Left Behind» - um tema que adoro. O tema final, a «Leave No Cross Unturned», podia ter sido dividido em dois temas dierentes… e o Ted escreveu grande heavy metal e doom metal nesse disco. Surpreendeu-me um bocado, até a mim, que nos dois álbuns seguintes, o «Arctic Thunder» e este novo, tenhamos "virado a mesa" outra vez, regressando ao heavy e ao doom mais lentos.

Como é bem sabido, tens gostos musicais extremamente vastos, e és admirador de muita música não-metal. Como é que nada disso alguma vez "pingou" para os Darkthrone? Tens que fazer um esforço para compartimentar as coisas?
Bom, ainda cheguei a ter os Neptune Towers, que eram um projecto não-metal… mas não, não é um esforço. Rapidamente percebi que tinha que dividir o que são as coisas de que gosto e que sinto necessidade de ouvir, e o que são os Darkthrone. Foi por isso que também criei os Isengard em 1989. Mas com esses projectos também aprendi que fazer música de um género que gosto também o rouba do seu misticismo e magia para mim. Portanto, neste momento ouço um espectro de música mais abrangente do que nunca, mas não tenho vontade nenhuma de tocar nada disso e estragar a magia. Sim, de tempos a tempos dá-me vontade de tocar qualquer coisa diferente, mas nessas alturas encaro a realidade e penso sempre que o melhor é fazer mais coisas para os Darkthrone. Esta "nova" fase musical por que os Darkthrone estão a passar agora não é mais que uma continuação do que eu estava a fazer em finais de 1988, está a resultar muito bem, e estamos os dois muito satisfeitos com isso.

"Esta "nova" fase musical por que os Darkthrone estão a passar agora não é mais que uma continuação do que eu estava a fazer em finais de 1988."

TED TALKS

"*Ele não é muito bom em frases* catchy *ou em descrições, ele só faz coisas,*" diz Fenriz acerca do seu companheiro de banda, Ted "Nocturno Culto" Skjellum. Ainda assim, conseguimos conversar um bocadinho com ele dias depois da conversa com o Fenriz, e até lhe extraímos algumas pepitas de conversação preciosas.

Estás a terminar não um, mas dois álbuns… Como estão os Sarke?
Os Sarke são uma cena fixe para eu ir fazendo, é um bom "desvio". O álbum novo já está terminado também, e está a soar muito bem! É um disco bem mais lento que o anterior, e talvez vá ser surpreendente. Mas o «Old Star» se calhar também vai surpreender, por isso…

Também consideras o «Old Star» uma continuação lógica do «Arctic Thunder»?
Sim, os elementos principais desse álbum estão ainda mais à frente. Eu e o Fenriz estamos a escrever temas bem diferentes um do outro, mas o álbum, no geral, é mais lento… apesar de haver partes rápidas, com muito pedal duplo. Os temas são longos, são 39 minutos e só seis temas, mas não está lá nada só por estar, não tem *filler*. Os riffs são muito fortes, alguns repetidos ao longo do tempo, mas na minha opinião sem cansarem. Também é um disco com mais voz, eu canto bem mais do que é costume.

Foi difícil prescindir da mistura do álbum desta vez?
Foi muito intimidante passar os ficheiros a outra pessoa, confesso. Assustador, mesmo. É o primeiro álbum desde o «The Cult Is Alive» que eu não misturo. Mas sabia que ia correr bem, ao mesmo tempo… Não sabíamos nada sobre o Sanford Parker, sinceramente, mas eu estava confiante com as referências dele. Eu e o Fenriz somos muito sensíveis em relação ao som de bateria, ainda houve algumas trocas de impressões e algumas versões diferentes da mistura, mas no final ficámos com um som muito poderoso. Insano mesmo! Tem piada, porque nós estamos ali no nosso *bomb shelter*, a cheirar a mofo, e o som é tão maluco lá em baixo que é difícil ter bem a noção do que temos até ouvirmos as gravações depois. Há sempre um elemento surpresa. E foi muito, muito bom desta vez sentarmo-nos a ouvir a mistura final e termos a nítida sensação que tudo resultou na perfeição. Nós também já fazemos isto há 30 anos, por isso acho que já temos alguma ideia do que andamos a fazer… [risos]

O Fenriz gostou mesmo do som de bateria na mistura final? A sério?
Quando aceitámos a mistura, ele disse que já não achava o som do bombo horrível. Era só nojento! [risos]

A tua relação musical com ele parece estar numa fase particularmente harmoniosa.
Sim, acho que é esse o termo. Fazendo coisas juntos há 30 anos, claro que vai sempre haver altos e baixos, mas no geral – e já estamos "sozinhos" na banda desde 1994 – acho que a toada sempre foi essa, de harmonia. Concordamos na maior parte das coisas, especialmente em termos musicais, e conhecemos perfeitamente a forma de cada um tocar. Estamos felizes com os Darkthrone hoje em dia, basicamente, e acho que o «Old Star» é o reflexo perfeito dessa boa relação. Dito isto, apesar de vivermos "em paz", quando entramos no estúdio, é uma guerra. Estamos em guerra aberta com o nosso ambiente. Não nos permitimos muito tempo, e temos zero luxos. Gravámos bateria, guitarras e baixo em dois fins-de-semana, e fiz as vozes algum tempo depois. Essa parte nunca é pacífica, porque não queremos que seja. Se bem que às vezes penso se não será altura de procurarmos um estúdio confortável, onde podemos ter alguém a fazer-nos a manicure… [risos] Mas a verdade é que ali atingimos os resultados que pretendemos, e é difícil discutir com isso.

Já pensas no próximo disco?
Ainda estamos um bocado em modo «Old Star», mas temos ideias para próximo, sim. Temos mais ou menos o plano de gravar um bocado mais cedo do que é costume, acho que o álbum não deverá demorar tanto tempo a aparecer como o «Old Star». Já falámos sobre isso, e acho sinceramente que tivemos um *boost* de motivação com este álbum novo. Estou entusiasmado para escrever mais temas. Já comecei a olhar para a minha guitarra, pelo menos, por isso…

Preocupa-te a possibilidade de os Darkthrone acabarem um dia? Achas que o legado que já tens garantido te dá alguma paz de espírito nesse sentido?
Neste momento, espero que os Darkthrone existam até que a saúde nos separe. É a única coisa que me ocorre quando me perguntam isso e quando penso eu próprio nesse assunto. Neste momento estou muito entusiasmado, sinto que a nossa música está a encaixar perfeitamente naquilo que pretendemos, tenho riffs sólidos e fortíssimos a brotarem-me do cérebro com frequência… Não vale a pena pensar muito mais além disso. Estar focado no passado não nos faz mais felizes ou melhores. Como tenho que responder a muitas entrevistas, muitas vezes sinto-me aprisionado no meu passado, e penso demasiado nele, mais do que seria saudável. Tivemos alguns tempos difíceis, mas acho que não mais que outra banda ou qualquer entidade que tenha durado mais do que 30 anos neste planeta. Pessoalmente, nas nossas vidas privadas, se calhar tivemos mais problemas a acontecer do que a maior parte das pessoas, mas ainda continuamos aqui. Em termos de banda, a grande mudança deu-se há quinze anos com o estabelecimento do nosso mini-estúdio, e desde aí temos uma estabilidade importante. Deixámos de fazer álbuns com tanta frequência, porque eu próprio, como jornalista, comecei a achar que era irrtante acompanhar aquelas bandas que têm discos todos os anos. Dito isto, agora o Ted quer fazer outro álbum rapidamente a seguir, por isso vamos ver.

"As pessoas ficariam surpresas se vissem o tipo de ofertas para fazer filmes que já recusámos..."

Vi os *biopics* dos Mayhem, Queen e Mötley Crüe todos no último mês, e digo-te – se já não era grande fã desse tipo de coisa antes, ainda sou menos agora. Consegues imaginar algo desse tipo a existir sobre os Darkthrone? Só gostaria da ideia se fosse em versão animada, 95% fictício, e fossem mesmo vocês os dois a fazer as vossas vozes.
[risos] Sabes que temos tido imensas ofertas para coisas desse género… mas recusámo-las todas. Ainda não ouvi nada sobre a Reese Witherspoon ter ficado com o meu papel, nem de querer fazê-lo, portanto até isso acontecer, não vou ver nenhum filme desses. Mas as pessoas ficariam surpresas se vissem o tipo de ofertas para fazer filmes que já recusámos…

Full of Hell

Weeping Choir

Full of Hell redefine sheer brutality with their highly anticipated new album, *Weeping Choir*. Recorded by the critically acclaimed KURT BALLOU at God City Studio, *Weeping Choir* culls the extreme elements from hardcore, metal, and harsh noise!

MAY 17 ON CD/LP/CS/DIGITAL

INTER ARMA

SULPHUR ENGLISH

INTER ARMA mines deeper into proggy organic doom fields while expanding further on the psych-folk strain renowned from their previous material!

OUT NOW ON CD/2XLP/DIGITAL

Ringworm

DEATH BECOMES MY VOICE

30 years into their storied career, metallic hardcore legends **RINGWORM** return to take the world by force with their 8th studio offering *Death Becomes My Voice* 35+ minutes and 11 tracks of no-holds-barred aggression

OUT NOW ON CD/LP/DIGITAL

Incantation

UPON THE THRONE OF APOCALYPSE

The original rough mix of the recording that became INCANTATION's *Mortal Throne of Nazarene*, remastered and available on LP for the first time!

OUT NOW ON CD/LP/DIGITAL

RELAPSE RECORDS

RELAPSE.COM /RELAPSERECORDS @RELAPSERECORDS /RELAPSERECORDS @RELAPSERECORDS

GRAN SOL

HEAD TO WWW.**RELAPSESAMPLER.BANDCAMP.COM** TO DOWNLOAD A **FREE 33 SONG SAMPLER** FROM THE LABEL'S ROSTER!

ENTHRONED

O novo trabalho dos ENTHRONED, gravado em Portugal, intitula-se «Cold Black Suns» e tem vindo a ser acompanhado pela LOUD! há algum tempo. Agora é altura de falar com o baterista Menthor Serpens acerca do resultado final, e perceber o que tem mudado na banda ao longo dos anos.

EMANUEL FERREIRA DAVID FITT

GUERRAS E TRONOS

Foram cinco anos entre discos, mais tempo que o habitual.
Quando gravámos o «Sovereigns», em 2014, eu era novo na banda e aquela formação já se mantinha há bastante tempo, então a máquina estava oleada e as coisas corriam bem. Entretanto, nos últimos quatro anos, houve alterações, elementos que mudaram como pessoas e começaram a perder o interesse, outros que tiveram problemas de saúde. Sempre que se tentava escrever um álbum, não se chegava a lado nenhum. Houve um período em que considerámos fazer uma pausa de um ou dois anos, só para carregar energias, mas entretanto não aconteceu porque saíram dois membros da banda, baixista e guitarrista. Isso veio atrasar ainda mais as coisas. Quando os músicos estão juntos, a tocar há muito tempo, também se precisa de uma pausa.

Este novo trabalho, com esta abordagem mais moderna e afastado do anterior, teria sido possível com a velha formação?
A mudança com certeza que influenciou, mas acho que não é a principal diferença para o «Sovereigns». Quando me tornei membro efectivo dos Enthroned, já antes tocava como membro de sessão, pois o antigo baterista tocava nos Gorgoroth e eu substituía-o quando ele não podia. Quando ele saiu definitivamente, entrei oficialmente para o grupo, mas como ainda

era novo, na gravação do «Sovereigns» não participei tanto na composição, porque queria perceber primeiro como a banda funcionava, embora me tenha sido dada já nessa altura toda a liberdade para o fazer. Com o «Cold Black Suns» já estive mais activo na composição do álbum, é um *input* diferente, e é essa uma das razões para as diferenças. A outra razão é porque as pessoas mudam. Tanto o Nornagest como o Neraath estão mais velhos, amadureceram como músicos, têm uma visão diferente de como as coisas deviam ser nos Enthroned e queriam a mudança. O álbum foi feito, principalmente, por nós os três, e acho que todas essas razões levaram a que resultasse assim.

Curiosamente, dos elementos novos, o Norgaath, baixista, já tinha estado nos Corpus Christii ao mesmo tempo que tu. Tiveste influência na escolha?
Já tinha partilhado com ele vários projectos, como estava a viver na Bélgica, foi uma escolha óbvia. Quanto ao Shagãl, ele já era guitarrista de sessão nos Enthroned, por isso foi outra escolha óbvia e natural.

Até que ponto Portugal influenciou este disco?
Acho que é uma grande influência em «Cold Black Suns», para já pela minha presença. Os outros elementos do grupo já tinham estado cá e gostavam do país. Com o meu *background* em antropologia falei da história do país ao Nornagest e muitas das letras dele foram a interpretação do que eu lhe contava. «Ophiusa», a primeira faixa do disco, é um bom exemplo disso, inspirada nos trabalhos de Eduardo Amarante e Teixeira de Pascoaes. Mesmo quando estava a compor a parte instrumental do «Ophiusa», uma das minhas inspirações eram as paisagens do Marão. Era mesmo a imagem mental que tinha quando estava a gravar os temas.

"Quando estava a compor a parte instrumental do «Ophiusa», uma das minhas inspirações eram as paisagens do Marão."

A mudança acentua-se com a entrada numa nova editora.
Sim, queríamos uma editora com melhor distribuição, algo que esteve em falta nos últimos trabalhos da banda. Consideramos a Season Of Mist uma das melhores editoras do género e o Michael, dono da editora, já conhecia o grupo e seguia-o há muitos anos, inclusive, tinha-se falado antes da entrada do grupo para a *label* e finalmente aconteceu. Mais uma vez um processo natural e nesta altura da história do grupo faz todo sentido que seja esta a editora.

Já está programada uma nova digressão, que já se sabe não passar por Portugal e que apenas será o início de um conjunto extenso de datas.
Em termos de actuações ao vivo, existe muita coisa planeada. Logo que o álbum saia, vai haver uma digressão europeia. Em Portugal iremos tentar fazer alguns festivais, ainda não sei. A nossa *booking agency*, a District Nine, já está a tratar disso. Vamos também ter digressões fora da Europa, Estados Unidos, América do Sul e Ásia. Mas tudo por definir, certo para já, apenas a digressão e algumas datas em festivais europeus.

Noutra conversa, falavas-me do potencial da América Latina, enquanto mercado para vocês. Entretanto registaram-se todos aqueles problemas.
No que diz respeito aos fãs, a nossa relação continua na mesma, somos sempre bem recebidos. Uma das coisas que achamos que nunca funcionou bem, a distribuição dos álbuns. O *feedback* que tenho dos fãs, é ser muito difícil encontrar os discos por lá e terem de importar da Europa o que fica caro. No que diz respeito à América Latina, os fãs continuam a apoiar a banda, mesmo depois daquilo que se passou com a última digressão que fizemos por essas paragens, com os Marduk.

O problema é o enquadramento político e religioso que existe por lá.
Começamos a ter mais visibilidade por causa dos Marduk e por tocarmos com eles em alguns concertos. A atenção que os Marduk estavam a ter, passou também para nós. Apenas um dos concertos foi cancelado, tivemos problemas a atravessar fronteiras, mas foi bastante pior para eles, que tiveram bastantes concertos cancelados.

Com todo este conservadorismo que começa a crescer, não falo só dos problemas com os Marduk, mas também de recentes situações na Indonésia, não tens receio que isso também comece a surgir na Europa, afectando a circulação de grupos?
Acho que já se vê acontecer na Europa, é um reflexo do que se está a passar em termos políticos e sociais no mundo. Os *social media* têm influenciado as pessoas e a forma de agirem. O que vier não me preocupa, é natural que afecte os Enthroned, como já afectou na América do Sul, mas é como qualquer onda: vai e vem.

Além desta banda, tens todo um conjunto de outros grupos em que participas, podes fazer um ponto de situação de todos esses projectos?
Neste momento Enthroned é a banda em que estou mais activo, principalmente em concertos ao vivo. Depois tenho os Nightbringer, não muito activos de momento, mas é provável que haja um álbum num futuro próximo, pois já está a ser falado. Com Lvcifyre é a mesma coisa, tendo lançado um EP recentemente, também toco com eles ao vivo, mas são menos activos que os Enthroned. Com Bestia Arcana também estamos a falar de um álbum para o futuro. Voz de Nenhum é outro projecto que lançou o disco de estreia há dias, com bastante influência da minha parte. E não posso deixar de mencionar os Epping Forest. Há ainda outros projectos, principalmente sessões, por exemplo gravei recentemente a bateria para o novo de Aoratos, que tem elementos de Nightbringer, há uns meses acabei a *tour* com os Schammasch, e estou em conversas com outros grupos para entrar noutras *tours*, mas ainda é cedo para confirmar. Há muita coisa a acontecer.

Como é que um português entra num grupo belga, particularmente vivendo em Londres?
Quando há uns anos atrás estava nos Corpus Christii, fomos gravar o «Luciferian Frequencies» aos Blackout Studios, em Bruxelas, que na altura era de elementos dos Enthroned. Técnicos que estiveram presentes nas gravações gostaram do que viram e convidaram-me para ser membro de sessão, ao vivo. Em relação às outras bandas, Nightbringer, nos Estados Unidos, e Lvcifyre, em Londres, fui contactado depois de terem escutado trabalhos em que participei. A maior parte dos contactos que tive foi mesmo por terem ouvido outros trabalhos em que participei e vieram ter comigo.

O Brexit é algo que te preocupa e afecta?
Pelo Brexit em si, não estou demasiado preocupado. Há muitos elementos em equação que não estão acessíveis ao público em geral. No resto, claro que afecta, pois quase sempre que tenho que tocar, isso implica viajar para fora de Inglaterra e isso pode vir a ser um problema, mas se isso se tornar num problema demasiado grande posso sempre considerar mudar-e e ir viver para outro país.

CAMPANHA PARA A DESTRUIÇÃO MUSICAL

Como herdeiras da velocidade vertiginosa do hardcore e do peso do death metal, muitas das bandas de grindcore renunciam às dinâmicas sónicas convencionais e, por extensão, fecham-se numa redoma. Resultado, a uniformidade da descarga acaba por torná-la quase irrelevantes. Os FULL OF HELL mostram ter noção disso e têm-se esforçado – e sido bem sucedidos, diga-se – para superá-las desde que começaram a tocar em 2009. Através de colaborações ou em nome próprio, o quarteto trata de subverter a uniformidade ao fundir velocidade, peso e as texturas próprias do noise, num colosso de extremismo abrasivo que mostra toda a diversidade que o caracteriza. «Weeping Choir», o quarto álbum da banda, está aí para provar que, nas mãos certas, a ferocidade deste estilo pode soar onírica, até mesmo sublime. Falámos com Dylan Walker, responsável pelas vocalizações e manipulação sonora.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES REID HAITHCOCK

Comemoram este ano dez anos de banda. Como olhas para o vosso percurso?
Acho que tem sido sempre em crescendo, o que é óptimo. No início não sabíamos porra nenhuma! [risos] Sabíamos como marcar uma digressão D.I.Y., mas pouco mais, por isso as coisas têm melhorado a cada ano que passa. Como qualquer banda, atravessámos situações complicadas e algumas foram difíceis de ultrapassar, mas ajudaram-nos muito a crescer e permitiram-nos acumular um nível de experiência que não tínhamos, nem de perto nem de longe, quando começámos. Não trocava esses contratempos por nada, actualmente somos como somos porque vivemos tudo isso. Por outro lado, a persistência faz com que cada nova conquista seja ainda mais saborosa. O termos assinado agora com a Relapse, para a edição do novo disco, por exemplo, foi o atingir de mais um *plateau*. Até agora, parece um viagem interminável.

Com uma média de duas ou três edições por ano, também não têm sequer tido muito tempo para pensar no que tem acontecido.
Não mesmo. O Spencer [Hazard, guitarrista], que é o meu parceiro a tratar dos assuntos da banda, não pára! Assim que conseguimos qualquer coisa, passam uns cinco minutos, se tanto, e começa a falar do que vamos fazer a seguir. [risos] Eu acho fantástico, porque não perdemos tempo. E é engraçada, essa história dos lançamentos múltiplos. De vez em quando perguntam-nos sobre isso e eu digo sempre que não fazemos nenhum esforço consciente para lançar tanta música quanto possível... Aliás, já nem sei se isso é assim tão vantajoso. A questão é que temos sempre muita música nova na cabeça e, à excepção de quando estamos na estrada ou nos períodos logo depois de gravarmos um disco, estamos sempre a trabalhar em temas.

As pessoas referem-se aos Full Of Hell como "uma das bandas mais abrasivas da actualidade". O vosso objectivo era esse quando começaram?
Não, nem por sombras. Quando começámos, o Spencer tinha alguns sons em mente e, na verdade, juntámos-nos para criar a música que queríamos ouvir e ninguém estava a fazer. É difícil traduzi-lo por palavras, mas... queríamos criar uma banda que fizesse música dura e pesada, mas onde também houvesse espaço para sermos criativos e não nos limitarmos a um só estilo. Não me cabe a mim tecer julgamentos, mas acho que temos conseguido manter-nos fiéis a esse plano, porque a música continua a ser tão, ou mais, castigadora do que era no início. Nunca traçámos, no entanto, um mapa do que devíamos fazer. Muito sinceramente, não nos interessa minimamente se somos, ou não, a banda mais abrasiva do planeta ou o que quer seja. Isto não é uma competição.

É justo dizer que misturam tudo o que vos agrada na música extrema?
Quase tudo, sim... Há, obviamente, coisas que nos agradam, mas que não encaixariam no contexto dos Full Of Hell. Estes são os estilos com que nos identificamos todos e aqueles com que nos divertimos mais a tocar. As pessoas podem achar que, por exemplo, hoje em dia temos um ADN death metal um pouco mais proeminente, e não estão enganadas, mas só decidimos começar a incorporar mais referências desse género porque, para nós, isso representava um desafio como músicos. O álbum novo tem menos noise, e tem menos electrónica também, mas isso é uma reacção ao facto de termos feito dois discos com os The Body, onde explorámos mais a fundo essa faceta da nossa sonoridade.

"Não nos interessa minimamente se somos, ou não, a banda mais abrasiva do planeta. Isto não é uma competição."

Este é o segundo álbum que gravam com o Kurt Ballou. Encontraram a pessoa perfeita para captar o som que têm nas vossas cabeças?
O Kurt está muito próximo da perfeição, sim. Não posso dizer que vamos fazer os próximos álbuns todos com ele, porque provavelmente isso não vai acontecer, mas adoro trabalhar com o Kurt. Tendo o papel que tem nos Converge, está numa posição em que percebe perfeitamente os Full OF Hell como banda, mas isso é só o início... Também sabe produzir um disco sem estar em cima dos músicos e isso, para nós, é crucial. Precisamos de alguém que tenha um papel activo nos nossos álbuns, mas não de um produtor, porque os temas estão 99% feitos quando vamos gravar. O Kurt sabe dar dicas para os temas ficarem ainda melhores – neste disco, por exemplo, ajudou-me imenso com as métricas vocais.

O que te fez querer fazer parte de uma banda?
Por estranho que possa parecer, não foi uma canção, nem sequer um disco. O que me fez realmente querer fazer parte de uma banda foi mesmo o «Get In The Van», que o Henry Rollins escreveu quando andava em digressão com os Black Flag. Esse livro foi crucial para mim e para muitos dos meus amigos, acho que o li quando tinha doze ou treze anos e, desde então, estar numa banda que fizesse digressões tornou-se um enorme sonho. Depois, em termos vocais, tenho obviamente de citar o Alexis Marshall dos Daughters e o Jon Chang, dos Discordance Axis. Arranjei uma compilação da Hydrahead quando era adolescente e o meu cérebro explodiu. [risos] A verdade é que nunca tinha ouvido música extrema assim tão variada e a minha vida mudou para sempre. Tomar o primeiro contacto com Merzbow, por exemplo, que era algo que na altura eu nem sequer conseguia compreender, abriu-me a mente de uma forma considerável.

Enfiares-te numa carrinha para ir em digressão, continua a ser tão estimulante como quando leste o «Get In The Van» pela primeira vez?
Às tantas comecei a achar que um dia me ia fartar, mas até hoje isso não aconteceu. Vai tudo mudando, na verdade... Os estímulos hoje são diferentes, mas continuo a divertir-me imenso sempre que vamos em digressão. Já estamos juntos há dez anos e, hoje em dia, quando me enfio na carrinha com os outros três membros dos Full Of Hell, não existe nada de muito misterioso, mas esse sentimento de irmos em busca do desconhecido foi substituído por nostalgia porque é como se voltássemos a ter dezanove anos outra vez, mas com a confiança extra que só a experiência nos dá. Portanto, somos só nós, em *tour*, a fazer a nossa cena... Nesse aspecto, não mudou nada. Continua a ser muito excitante.

POSSESSED

ATÉ AO FIM

Se há quinze anos atrás vos perguntassem qual dos discos seria mais provável de sair em 2019, um dos Candlemass com o Johan Längquist na voz, um dos Saint Vitus com o Scott Reagers, ou um dos POSSESSED, a vossa resposta provavelmente teria sido "nenhum." Estamos mesmo num ano estranho, já que o primeiro foi editado em Fevereiro e os dois últimos terão o mesmo destino em Maio. «Revelations Of Oblivion» de seu nome, trata-se do primeiro disco dos fundadores do death metal em mais de 30 anos e tem essencialmente tudo o que um fã dos Possessed podia esperar. Perante tamanha ocasião, tínhamos de falar com o icónico Jeff Becerra e assim o fizemos, interrompendo-lhe o segundo café após acordar.

LUÍS PIRES HANNAH VERBEUREN

É surreal para ti estares a dar uma entrevista em 2019 a promover um novo álbum dos Possessed?
De forma alguma. Os Possessed têm sido a força motriz da minha vida há imenso tempo. Desde a primeira separação [em 1987] que queria reformar a banda, mas infelizmente fui alvejado duas vezes [em 1989] e levou-me muitos anos para recuperar, tanto emocional como espiritualmente, e para chegar onde precisava de chegar para o fazer. De várias formas, os Possessed salvaram-me a vida e foram incrivelmente importantes durante os tempos mais difíceis. As pessoas também não se esqueceram. Ao longo dos anos, recebi milhares de cartas e e-mails a pedirem-me para voltar. Somos a primeira banda de death metal e senti que ainda tinha muito para dizer sobre o que é ao certo o death metal, porque vejo pessoas com uma visão muito restrita do mesmo. Originalmente, eu queria-o como algo versátil, que não fosse sobre seguir um conjunto coeso de regras, mas sobre quebrá-las, sobre liberdade. Eu sei que tocamos um death metal meio *thrashy*, naquela mistura OG de thrash e black, e não estou a dizer que a única forma de fazer death metal é à Possessed, apenas que fazemos uma de muitas formas e que sempre lutámos por ser descritos enquanto death metal. Apesar de termos inventado o género, ainda há quem nos chame thrash, o que é insano, porque somos os OG do death metal californiano, a cena real, o pacote inicial. É com isso que nos identificamos e não cheguei perto do fim do que quero dizer, longe disso.

Como é que foi observar o teu bebé crescer e passar por tantas fases distintas ao longo dos anos?
Deixou-me feliz, desde ver aparecer o death mais técnico, ao viking e ao melódico, mas acho que se devia simplesmente chamar death metal. Não acredito em subgéneros de death metal e quero vê-lo transformar-se numa coisa gigante, numa besta que significa tanta coisa diferente para tantas pessoas diferentes. É esse o meu sonho e ver todas essas bandas novas a fazê-lo é fantástico. É algo que mantenho sempre na algibeira, o poder dizer "*criei o death metal, fui a primeira banda de death metal*," e foi algo propositado. Por mais controverso que soe, sei que é a verdade. É porreiro vê-lo crescer, especialmente quando as pessoas te dão crédito ou dizem que os Possessed as influenciaram ou as ajudaram a atravessar tempos difíceis ou a crescerem. Ouvir pessoas descreverem o que a banda significa para elas espiritual e emocionalmente é comovente. Ver a paixão das pessoas pela música e a forma como se agarram a ela faz tudo valer a pena.

Quando reformaste a banda há dez anos já tinhas pensado em gravar um terceiro disco?
Ao início, o objectivo era só voltar à estrada, mas na altura com os gajos dos Sadistic Intent, eles tocavam tudo afinado em *drop E*. Era errado e tive de corrigir isso. Sou assim, quero tudo em 4/4, com a afinação tradicional e as notas todas no sítio, a soar como Possessed antigo mas melhor, porque o Mike Sus estava sempre atrasado. Eu nunca parei de escrever para os Possessed, quer tenha recebido o devido crédito ou não. Desta vez, simplesmente garanti que o meu nome aparecia. Sabes que quando conheci os Mikes [Torrao e Sus, fundadores da banda], eram só dois gajos sentados numa garagem. De certa forma, a banda evoluiu como uma metamorfose dos Blizzard, porque mais de metade da banda veio de lá, comigo no baixo e voz e com o Larry [LaLonde, guitarra] a fazer os ritmos e os solos nos discos todos. Eu estive em bandas com o Larry desde que éramos míudos e sempre tivemos esse plano geral de nos tornarmos famosos. Não vou mentir, a nossa cena sempre foi a de querer *rockar* pelo mundo todo.

Foi complicado encontrar pessoal que se encaixasse na tua visão para os Possessed?
Foi, sim. Há uma data de gente, os chamados puristas, que nos exigem um *standard* impossível e que não exigem a outra banda nenhuma, que é o de mantermos os membros originais todos. Dá-me o nome de uma banda com quase quatro décadas de existência que mantenha os membros originais. Até nós mudámos de formação antes do «Seven Churches», portanto é uma merda sem sentido. Se vou fazer uma banda, quero fazê-la com pessoal incrível. Se quero regressar, eu conheço as falhas das primeiras formações, nós tínhamos limitações e não nos dávamos muito bem. Eu e o Larry gostávamos imenso um do outro, éramos como irmãos, e eu queria toda a gente assim. Nesse aspecto sou um bocado como o Chuck, de quem aliás fui mentor, porque ambos estávamos sempre à procura da formação certa. Vais mudando, e mudando até acertares.

Foi desta que acertaste?
Havia muitas coisas que queria corrigir nos Possessed antigos e tive imensa sorte em encontrar o Daniel Gonzalez e o Claudeous Creamer, que são fantásticos, e claro, o Emilio Marquez que é um baterista semelhante ao Sus, mas acerta nos tempos e tem um pedal duplo estável. É a formação mais forte com que já toquei em toda a minha vida. Finalmente encontrei os verdadeiros Possessed. Em vez de teres sempre um gajo que não aguenta o ritmo, agora tens cinco a lutar por poder, a competir para escrever melhor que os outros, e eu acho que essa é a única forma de manter uma banda de verdadeiro death metal desafiante, com toda a gente a adorar-se enquanto irmãos e capaz de morrer uns pelos outros, mas ao mesmo tempo a lutar e a esfolar-se por ter aquele crédito de autor.

Com o disco lançado pela Nuclear Blast e gravado com o Peter Tägtgren, deduzo que tenham tido condições completamente diferentes do que no passado.
Por muito que a tecnologia tenha mudado tudo, acaba por ser modelada na maneira como as coisas eram. Não vais ver as ferramentas a metamorfosear tudo em algo irreconhecível, não vais entrar num mundo novo, simplesmente num melhor. Foi como entrar numa máquina do tempo e sair num mundo em que tudo é mais fácil e mais barato. Meu deus, gravar cinco malhas costumava custar 85.000 dólares e era uma trabalheira ter de cortar as fitas de ampex e montar tudo no fim. Hoje precisas de duas salas, bons microfones e Pro Tools. Podes fazê-lo numa casa qualquer, mas quando vais a um estúdio bom, como nós fomos, tens imenso material antigo com que brincar, e isso permitiu-nos atingir um misto entre a velha e a nova escola.

O vosso objectivo passava por conseguir um som com esse equilíbrio?
Não, a nossa abordagem sempre passou por ter o melhor som que conseguirmos. Claro que é diferente quando tens dezasseis anos e quando tens 50. Não quero fazê-lo moderno porque sim, quero que soe a Possessed mas que soe a Possessed em 2019. Os nossos fãs são inteligentes e percebem isso, que a razão do «Seven Churches» soar aos 80s é porque era a porra dos 80s. A nossa *demo* de '83, gravei-a numa casa de banho por causa do eco. A explosão na «Swing Of The Axe» é uma porta de carro a fechar com um monte de efeitos. Mudou mesmo muita coisa. Respondendo à tua pergunta sobre o Peter, foi um sonho trabalhar com ele e é algo que tenciono repetir no próximo disco, ele sabe perfeitamente o que está a fazer e podes explicar-lhe as coisas ao mais ínfimo pormenor e não se vai perder ou fazer merda. Ele é o derradeiro magnata do death metal, a história de sucesso, ele é dono de uma cidade, tem uma mansão de milhões de dólares, é o maior. É sempre bom poder trabalhar com este tipo de pessoas, os Rick Rubins, os Peter Tägtgrens e os Bob Rocks deste mundo, os productores que são autênticas estrelas de rock mas que são tão humildes que ofuscam as maiores estrelas.

Dizias antes que ainda tinhas muito por dizer. O «Revelations Of Oblivion» era o que faltava ou o futuro trará ainda mais discos dos Possessed?
Bem, eu tenho um contrato para três álbuns. Posso ser um gajo complicado de aturar, mas faço-o por amor à música e já me disseram que posso ficar na editora durante 25 discos se quiser. Tenciono continuar até não aguentar mais.

"É a formação mais forte com que já toquei em toda a minha vida. Finalmente encontrei os verdadeiros Possessed."

FLESHGOD APOCALYPSE

SUBSTÂNCIAS TÓXICAS

Ao longo desta última década, os FLESHGOD APOCALYPSE transformaram-se nos grandes mestres do death metal orquestral. Planeando meticulosamente cada passo, discutindo cada nota e garantindo que cada saudação a Paganini, Bach e Mozart fosse equilibrada por um equivalente de death metal igualmente técnico e brutal, o colectivo conduzido com mestria por Francesco Paoli lançou quatro álbuns que deixaram fãs e críticos de queixo caído. Para «Veleno», que em italiano quer dizer "veneno", o músico operou uma mudança de abordagem, optando por uma atitude mais espontânea e deixando a inspiração fluir livremente. O resultado é um registo mais maduro, e uma mistura ainda um pouco mais eficiente da sua visão musical muito própria.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES DAVE TAVANTI

De onde surgiu a ideia de misturarem death metal e música sinfónica?

Bem, eu sempre gostei muito de música clássica e de death metal melódico, por isso... porque não misturar os meus dois estilos de música favoritos? A ideia era, basicamente, essa. No entanto, foi-se desenvolvendo ao longo dos anos, porque não me surgiu logo concretizada em pleno, se é que me faço entender. No primeiro álbum, o que queria fazer era misturar as qualidades dos dois estilos, mas sem as orquestrações. Nessa altura, até já tinha o Francesco [Ferrini, pianista e orquestrador] a trabalhar comigo, mas ele não fazia parte da banda e, para o primeiro álbum e EP, estávamos a tentar misturar estas duas realidades, mas ainda coexistiam em patamares diferentes. Depois as coisas acabaram por ir mudando e, com o lançamento do «Agony», tornou-se tudo mais complexo. A ideia base nunca mudou, no entanto; sempre foi a mesma: fazer um som extremo, tão melódico e clás-

sico quanto possível, mas sem nunca comprometer a agressividade ou o peso que se quer do death metal.

Já andam em digressão e o «Veleno» ainda nem sequer foi editado. Porquê?
Bem, a data de edição do álbum teve de ser adiada e esta *tour* norte-americana, com os Hypocrisy, já estava agendada, por isso não havia grande coisa a fazer. Cancelar não era uma opção, portanto... Aqui estamos! E ainda bem que estamos, porque as reacções têm sido fantásticas. Confesso que, inicialmente, estávamos um pouco receosos, não sabíamos muito bem o que esperar, mas a forma como o público tem respondido aos temas novos, como o «Sugar», tem sido surpreendente.

O que provocou esse atraso na edição do disco?
Foi tudo culpa nossa, basicamente – não conseguimos cumprir os prazos. Álbuns como o «Veleno», ou qualquer um dos discos que tenhamos feito no passado, são complicados de misturar, e nós demorámos mais tempo do que estávamos a contar com esse processo. O *deadline* passou e, depois, a Nuclear Blast teve de ajustar o calendário de edições e tudo o mais. Há sempre muito, muito trabalho árduo envolvido na concepção de um álbum dos Fleshgod Apocalypse; não só a nível da música e da sua gravação, mas também de tudo o resto – a arte da capa, as fotografias da banda, tudo. Passámos três anos a compor estes temas, o processo foi longo e queríamos ter a certeza que estávamos satisfeitos com tudo antes de entregarmos o álbum à editora. Desta vez, não queríamos apressar nada.

Tiveste de enfrentar algumas mudanças drásticas de formação depois da edição do «King». Foste apanhado de surpresa?
Todas as bandas passam por mudanças, isso acaba por ser inevitável. É perfeitamente natural que, a dada altura, as pessoas queiram mudar de vida ou seguir outro rumo, que não envolve estar constantemente em digressão. Foi exactamente o que se passou com o Cristiano [Trionfera, guitarra/voz] e o Tomasso [Riccardi, voz/guitarra] no início de 2017. No entanto, não posso dizer que tenha sido uma surpresa, porque ambos já tinham dado a entender que não estavam totalmente satisfeitos... E, verdade seja dita, quando uma pessoa não está dedicada a algo a 100%, quando não está disposta a dar tudo, acho que não faz sentido estar a insistir. Daí que tenhamos decidido tomar caminhos diferentes, sem grandes dramas.

Sentes que os Fleshgod Apocalypse estão mais fortes agora?
Sem dúvida! Não quero, de forma alguma, estar aqui a menosprezar o que eles os dois fizeram pela banda, continuamos a ser bons amigos, mas a verdade é que sinto que estas mudanças foram uma bênção. O ambiente entre nós está diferente, estamos todos bem, todos em sintonia e motivados. E, para mim, é mais confortável desempenhar aquele que sempre devia ter sido o meu papel nesta banda. Eu era o *frontman* quando começámos, mas como não conseguíamos encontrar um baterista e eu até tinha uma boa noção do instrumento, optei por assumir um compromisso: passar para a bateria e procurar alguém que desempenhasse a função de vocalista e de guitarrista. É lógico que, depois de oito anos com a mesma formação, não sentia propriamente necessidade de mudar nada, mas sempre quis voltar para a voz e para a guitarra, por isso, a partir do momento em que o Tomasso decidiu abandonar, pude recuperar a minha posição, e sinto-me mais confortável que nunca. Continuo, basicamente, a fazer o que sempre fiz – compor os temas, escrever as letras, criar todos os conceitos, trabalhar nos arranjos e nas orquestrações.

Isso quer dizer que estas mudanças não tiveram sequer um grande impacto no processo de concepção do «Veleno», é isso?
Sim, não tiveram impacto absolutamente nenhum. Eles nunca escreveram uma nota, uma única nota que fosse. Eu, desde o início, depois com a ajuda do Francesco, sempre fomos os responsáveis pela criação artística. O Tomasso e o Cristiano iam sempre ajudando, mas o Cristiano, por exemplo, tocava os solos de guitarra que eu compunha. Faziam pequenas contribuições, a escrever letras ou nos arranjos, mas era só isso – o que até é um bocado estranho, porque são óptimos artistas. Mas, respondendo à pergunta, não. Nesse aspecto não mudou nada e o álbum prova-o, porque soa totalmente a Fleshgod Apocalypse. [risos]

É mais um passo em frente, não é?
Sim, desta vez quisemos ter um som diferente. E as pessoas, se calhar, até vão achar que isso se deve às mudanças de formação, mas foi apenas resultado de, tanto eu como o Francesco, termos mudado de ponto de vista em relação a algumas coisas. Estamos mais maduros, desenvolvemos as nossas técnicas e, desta vez, queríamos fazer um disco mais focado no metal, um pouco menos orquestral. Este é o resultado. Mas quem sabe? Pode dar-se o caso de fazermos um álbum super épico e orquestral da próxima vez. Nós só não queremos estar a fazer sempre as mesmas canções.

"Estamos mais maduros, desenvolvemos as nossas técnicas e, desta vez, queríamos fazer um disco mais focado no metal, um pouco menos orquestral."

A abordagem soa mais dura, mais focada nas guitarras.
Sim, porque para este álbum queríamos ter um som mais orgânico. Decidimos que íamos gravar todos os instrumentos reais; por isso trabalhámos com um quinteto de cordas e um coro real. Além disso, quisemos privilegiar o piano, que é o que o Francesco toca nos concertos. De certa forma, é uma tentativa de dar às pessoas um álbum o mais próximo possível do que somos como banda em concerto. Nós sempre compusemos grandes peças épicas, bombásticas, mas ao vivo somos só seis e tudo o resto tinha de estar pré-gravado. Para o «Veleno», tínhamos como objectivo um som mais real. E, pelas reacções que temos estado a receber nos concertos, parece-me que conseguimos.

DISCO DO MÊS

FULL OF HELL

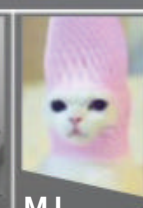
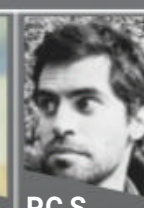
«Weeping Choir»

[Relapse]

Visto muitas vezes desde a sua génese como um estilo algo limitado, e olhando para as suas características base de forma fria até se compreende o porquê dessa opinião superficial, o grindcore tem tido a "sorte" de irem aparecendo bandas que contrariam de forma violenta e contundente qualquer noção desse género. Desde os seus próprios originadores, os Napalm Death, que já vão em mais de 30 anos de constante reinvenção, passando pelos Brutal Truth, Nasum, Pig Destroyer, Discordance Axis, Agoraphobic Nosebleed ou Genghis Tron (só para listar alguns dos mais aventureiros), têm sido vários os que teimam em redefinir as fronteiras daquele estilo que, para tantos ouvidos, é só barulho à máxima velocidade. E a cada passo em que se pensa que pronto, é isto, agora não dá mais, lá aparecem mais uns putos quaisquer a esfregar-nos na cara que sim, que dá sim senhor, para ir mais além. E nesta geração actual, são os Full Of Hell quem mais parece querer chutar o grind para o próximo nível. Como é costume nestas bandas, o quarteto norte-americano tem sido fértil em lançamentos, com mais de vinte *splits*, EPs e colaborações já editados em menos de uma década de existência, mas a regularidade dos álbuns a sério tem sido sólida e "normal", e sendo neles que está contida a fatia principal da importância da banda, até são relativamente fáceis (especialmente por comparação com alguns dos seus pares) de acompanhar. E seja lá quantos lançamentos tenham, «Weeping Choir» seria sempre um acontecimento. Atira-se logo para cima de nós, sem *intros* nem merdas, com uma «Burning Myrrh» que roça o death metal ultra-brutal, vozes guinchadas e guturais a competirem pela maior dor de cabeça causada, e confessamos que mesmo que o disco fosse só isto, nós até já ficávamos satisfeitos, porque é mais intenso e mais selvagem do que qualquer outra banda actual que nos lembremos. Mas não, isto é só o princípio – a própria «Burning Myrrh», a meio dos seus dois minutos e pouco, decide abrandar para um ritmo paquidérmico colossal, mantendo no entanto os *blastbeats* durante a maior parte dessa lentidão opressiva (é todo um *mindfuck*, senhores), e fazendo esses tais dois minutos parecerem muito mais que isso. E essa é uma toada que se mantém durante todo o álbum – são "só" 25 minutos, mas ouçam-nos sem pensar nisso e depois digam-nos quanto tempo vos pareceu. Para aí duas horas, no mínimo, ou uma semana, ou uma eternidade de horror e violência. Ao contrário de muito *grinder* que chuta para a frente e corre, os Full Of Hell sabem manter-nos sempre em pulgas. A electrónica é abrasiva e usada sempre como complemento do ataque principal, mesmo quando toma a dianteira, as descargas de minuto-e-tal convivem alegremente com monstros descomunais como a «Rainbow Coil», a «Angels Gather Here» ou a rainha-mãe de todos eles, «Armory Of Obsidian Glass», que do alto dos seus sete minutos, coros doentios e dinâmicas avassaladoras, se afirma como o ponto central do disco, e um dos melhores temas extremos do ano desde já. Para terem uma ideia, a «Silmaril» que já foi tornada pública parece uma cançãozita quase normal quando é disparada a seguir. A tortura termina com «Cellar Of Doors», que deixa cinco segundos de silêncio no final da sua raivosa e imparável selvajaria antes de o disco terminar mesmo, como que para nos dar um bocadinho antes do regresso à realidade. Um marco indelével não só no grind, como em toda a música extrema de 2019. [9] J.C.S.

L! RANKING

MAIO 2019

	C.G.	E.F.	J.C.S.	J.M.R.	J.R.	L.P.	 M.L.	 P.C.S.	R.A.	
POSSESSED «Revelations Of Oblivion»	7	7	7,5	7	8	7	6	7,5	8	**7,22**
GAAHLS WYRD «GastiR - Ghosts Invited»	6,5	8	6	7	8	8,5	6	7	7	**7,11**
HAUNT «If Icarus Could Fly»	7,5	6,5	8	7,5	7	7,5	5	6	6	**6,78**
VOËMMR «O Ovnh Intot Adr Mordrb»	3,5	7,5	7,5	7,5	7,5	8,5	7	6	4	**6,56**
CINEMUERTE «O Refúgio»	8	7,5	7	6	6,5	6	5	5	7	**6,44**
FLESHGOD APOCALYPSE «Veleno»	7,5	7	5	7	7,5	5	4	6	7,5	**6,28**

A DREAM OF POE

«The Wraith Uncrowned»

[Edição de autor]

Quarto disco para os açorianos sediados em Edimburgo, na realidade o projecto de Miguel Santos com letras de Paulo Pacheco, recorrendo a alguns músicos para voz, guitarra e baixo. Inscrevendo-se em territórios de doom, o trabalho aborda uma temática gótica, que o próprio nome do grupo não esconde, sendo de mais interesse para fãs de My Dying Bride, que para *doomsters* pela vertente rock. O álbum sofre da falta de um orçamento que permitisse incorporar mais elementos, pois a boa composição sai menorizada pela ausência de um baterista e de instrumentos clássicos de cordas, ficando o digital como insuficiente. Exemplo disso é «Punished», tema que poderia ser claramente melhorado. Nota para as vozes de Kaivan Saraei, em particular na «Spirits Of The Dead», com letra retirada de um poema de Edgar Allan Poe, e provavelmente o tema mais ousado do disco. Nota final para a bela capa, faceta cada vez mais ignorada pelos grupos nacionais, apesar de dispormos de muitos e bons ilustradores no território. [7] E.F.

ÁRSTÍÐIR LÍFSINS

«Saga Á Tveim Tungum I: Vápn Ok Viðr»

[Ván]

O novo disco dos Árstíðir Lífsins é a primeira de duas partes numa história que deverá ser concluída lá para o fim do ano e cuja análise individualizada peca por falta de contexto. Em primeiro lugar, porque o tratamento dado à história sobre a vida (e lendas associadas) do rei norueguês Olaf II permanece inacessível devido à barreira linguística, em segundo porque as canções agora editadas são ostensivamente parte de uma narrativa maior. Posto isto, o álbum oscila entre um black metal de teor pagão, cuja falta de dinamismo e pobreza ao nível das texturas são os defeitos óbvios, e passagens folk que, evocativas e cativantes a espaços, ficam muito à quem daquilo que bandas como Heilung e Wardruna têm vindo a fazer. A luz ao fundo do túnel é a síntese das vertentes encetadas a espaços durante o disco, e sobretudo em «Haldi Oss Frá Eldi, Eilífr Skapa Deilir», misto entre o épico e o *cliffhanger* que encerra o álbum e nos deixa curiosos para o revisitar aquando da compleição da obra. [6] L.P.

ASHTMA CASTLE

«Mount Crushmore»

[Hellmistress]

O ano ainda agora começou, mas já temos aqui um sério candidato a melhor título do ano. E, com sorte, a banda mais inspirada para criar trocadilhos também – convenhamos, «The Incline Of Western Civilization», «Methlehem» ou «The Book Of Duderonomy» estão mais que ao nível do título do disco. No entanto, o melhor é perceber que não é só para as palavras que estes Ashtma Castle têm jeito. O que, verdade seja dita, é o que realmente interessa aqui. Sim, é sempre fixe esboçar um sorriso quando se olha para o alinhamento de um álbum, mas se a música não estiver lá, a piada vai-se toda num ápice. Felizmente, não há necessidade para receios desses neste caso, porque a banda tem pendor para escrever riffzorros do tamanho do mundo e temas que soam como os Corrosion Of Conformity cruzados com os High On Fire, daqueles que castigam o pescoço do ouvinte sem piedade. Olhando para o *pedigree* desta gente não seria, de resto, de esperar algo diferente – a banda conta com o baterista Adam Jarvis (dos Pig Destroyer, Misery Index, Scour) e com Justin Ethem (guitarrista de digressão dos Integrity) na formação. Aqui, não soam como uma dessas bandas, mas criam uma sinergia totalmente nova que, apesar de familiar, soa diferente, como se esta malta tivesse mergulhado as mortalhas em *speed*. [7] J.M.R.

BEHTLEHEM

«Lebe Dich Leer»

[Prophecy]

Tanto tempo que andámos a "chorar" a ausência do Rainer Landfermann, o visceral vocalista do lendário «Dictius Te Necare», mesmo em discos muito bons como o «S.U.I.Z.I.D.» ou o «Hexakosioihexekontahexaphobia», por exemplo, e agora que, finalmente, o fundador Jürgen Bartsch conseguiu encontrar uma criatura capaz de rivalizar com esse horror vocal que nunca esquecemos (a polaca Yvonne "Onielar" Wilczynska, que se estreou no anterior «Bethlehem»), e... é a música que nos desilude! Caramba, ó Jürgen, já parece a gozar. Vamos lá ver, «Lebe Dich Leer» não é propriamente um desastre, nem é sequer um disco mau, tem inclusivamente algumas explorações interessantes misturando metal melódico e moroso com melodias próprias do post punk e da no wave dos anos 80. Só que, perversamente, o gargarejar agreste e os *death grunts* da Onielar não casam, de todo, com essa aproximação. Pela piada do contraste extremo, a coisa até resulta pontualmente, mas é mesmo quando o instrumental se aproxima da intensidade vocal, como por exemplo naquela guitarrada de abertura de «Ode An Die Obszöne Scheußlichkeit», que se percebe o que «Lebe Dich Leer» poderia ter sido, e o que não é, de todo. Acertem lá essas agulhas de uma vez por todas, vá. [6] J.C.S.

BIG | BRAVE

«A Gaze AmongThem»

[Southern Lord]

Formado em 2012, o trio canadiano tem feito do seu percurso explorar o volume e o espaço que se encontra compreendido entre o que há de sombrio no drone e o que há de etéreo no post rock, onde a emoção slowcore consegue soar animadora em contraste com a leveza minimalista, ao jeito que só o frio de Montreal permite. Pela voz clara e penetrante de Robin Wattie – que rapidamente nos evoca o registo de Julie Christmas nos seus devaneios em Battle Of Mice, misturados com alguma cadência de Jarboe e até por vezes as particularidades de Björk –, chega um lado delicado (mas não sem a sua dose de exasperação) que é oposto às ondas pesadas da reverberação, ora guiadas por compassos assertivos quase similares aos crescendos de Swans, ora levadas por expansões sem fronteiras tidas tão típicas dos Sunn O))). Desse experimentalismo, e à luz da capa que acompanha o trabalho, sobra um ambiente comparável a uma aguarela sonora que ganha corpo a cada pincelada catártica. [8] P.C.S.

Piranha
Loja de Música
c.c. Parque Itália, Loja 73 (à Boavista) · R. Júlio Diniz, 752 · 1º · 4050 012 PORTO
Metro: Casa da Música Telef: 22 6091004 email: piranhacd@gmail.com
AMON AMARTH - BERSERKER (ED. LDA BOX)
DARKTHRONE - OLD STAR
GAAHLS WYRD (GORGOROTH, WARDRUNA) - GASTIR GHOSTS INVITED
KAMPFAR - OFIDIANS MANIFEST
ELUVEITIE - ATEGNATOS (ED. LDA DIGIBOOK)
ULVER - DRONE ACTIVITY
ENISUM - MOTH'S ILLUSION (ED. LDA BOOK A5)
MARIANAS REST - RUINS
WASTE OF SPACE ORCHESTRA (ORANSSI PAZUZU) - SYNTHEOSIS
HOWLING VOID - BLEAK AND EVERLASTING
YERUSELEM - SUBLIME (ED. LDA)
SUNN O))) - LIFE METAL
SLOW - IV - MYTHOLOGIAE (ED. LDA)
OCTOBER TIDE - IN SPLENDOR BELOW (ED. LDA)
LICE (SHINING) - WOE BETIDE YOU
MY DYING BRIDE - A HARVEST OF DREAD BOX
FOREST OF SHADOWS - AMONG THE DORMANT WATCHERS
ENTOMBED - CLANDESTINE LIVE (ED. LDA COM TSHIRT)
VLTIMAS - SOMETHING WICKED MARCHES IN
DEATH ANGEL - HUMANICIDE
SAINT VITUS - SAINT VITUS
CANDLEMASS - THE DOOR TO DOOM (ED. LDA)
EARTH - FULL UPON HER BURNING LIPS
DIAMOND HEAD - THE COFFIN TRAIN
MANOWAR - THE FINAL BATTLE I
MIDNIGHT PRIEST - AGGRESSIVE HAUNTINGS
ICED EARTH - ENTER THE REALM (ED. LDA)
WHITESNAKE - FLESH & BLOOD CD+DVD (ED. LDA)
ARCH / MATHEOS - WINTER ETHEREAL
KING DIAMOND - SONGS FOR THE DEAD LIVE DVD+2CD/LP
YNGWIE MALMSTEEN - BLUE LIGHTNING (ED. LDA BOX)
CHILDREN OF BODOM - HEXED (ED. LDA)
MYRATH - SHEHILI
www.piranhacd.com
HAMFERD - ÓDN
MOONSPELL - SCORPIO FLOWER (ED. LDA RSD 2019)
ROTTING CHRIST - THE HERETICS (ED. LDA BOX/CD)
BESTA - ETERNO RANCOR (ED. LDA)
FLESHGOD APOCALYPSE - VELENO (ED. LDA)
IN FLAMES - I, THE MASK (ED. LDA)
INTER ARMA - SULPHUR ENGLISH
DEAD TO A DYING WORLD - ELEGY
ANTROPOMORPHIA - MERCILESS SAVAGERY
ABNORMALITY - SOCIOPATHIC CONSTRUCTS
PISSGRAVE - POSTHUMOUS HUMILIATION (CAPA NÃO CENSURADA)
MISERY INDEX - RITUALS OF POWER
FALLUJAH - UNDYING LIGHT
POSSESSED - REVELATIONS OF OBLIVION
NOCTURNUS AD - PARADOX
PERIPHERY - PERIPHERY IV: HAIL STAN
DEVIN TOWNSEND - EMPATH (ED. LDA 2CD)
DRUDKH - A FEW LINES IN ARCHAIC UKRAINIA (ED. LDA)
ENTHRONED - COLD BLACK SUNS
INCANTATION - UPON THE THRONE OF APOCALYPSE 2019
1349 - DØDSKAMP
ENVIAMOS À COBRANÇA PARA TODO O PAÍS E ILHAS
Todos os titulos que estão na Loud, estão disponiveis na Piranha
Abertos todos os dias, ininterruptamente das 11 às 21h
Domingos e Feriados das 15 às 19h

BLOWFUSE

«Daily Ritual»

[Infected Records]

Foi em 2012 que os portugueses tiveram contacto pela primeira vez com esta pandilha catalã de lunáticos do skate punk, quando vieram ao Santiago Alquimista tocar ainda sob o nome de Godfarts num Jurassic Club Fest. Logo após essa visita mudaram o nome para Blowfuse mas as raízes já cá estavam e voltaram muito mais vezes, tendo nascido também uma ligação à Infected Records que novamente volta a co-editar um trabalho da rapaziada. «Daily Ritual» é o terceiro álbum dos Blowfuse e marca uma viragem no som da banda, que teve a oportunidade de gravar com o canadiano Arnold Lanni (Finger Eleven, Simple Plan) nos estúdios Musiclan. A banda continua a ter como base o punk hardcore rápido dos RKL, dos Pennywise ou Adolescents, no entanto incutiram uma dose muito forte de rock alternativo dos 90 e até de algum *groove* quase a roçar os RHCP fase «Mother´s Milk». No entanto o registo vocal mais desenho animado e a boa dose de descontracção na boa tradição dos Guttermouth mantém o grupo no registo skate punk que sempre os caracterizou. [7] L.R.

BUCKCHERRY

«Warpaint»

[Century Media]

30 anos sobre o primeiro trabalho, e a banda de Josh Todd assina mais um disco que tem, como faixa-título, uma malha com o ADN do grupo, mas que depois entra num ritmo de tentar agradar a todos, tornando-se numa manta de retalhos que nunca consegue preencher totalmente as expectativas. Seja na abordagem a «Right Now», na veia de Rage Against The Machine, seja na toada rock da *cover* de «Head Like A Hole» (Nine Inch Nails), ou na balada nostálgica que é «Radio Songs», parece que falta sempre qualquer coisa. Para os mais persistentes ainda se encontram duas ou três malhas que permitem encontrar a energia de antigamente, como «No Regrets», uma descarga punk onde o grupo de L.A. mostra o que melhor sabe fazer. Mau disco? Claramente não, mas o experimentalismo e diversidade faziam mais sentido numa fase inicial de carreira, pois agora os fãs irão procurar uma abordagem mais conservadora. No fundo um daqueles discos que se poderão revisitar dentro de uma década ou duas e perceber como era bom, mas que falham sempre quando se espera pelo "novo" trabalho do grupo. [7] E.F.

CINEMUERTE

«O Refúgio»

[Core Artists]

Um trabalho que chega tarde demais na carreira de CineMuerte. A urgência dos dias não ajuda a guardar memórias perenes, por isso os últimos quatro anos podem ter sido gratificantes para o grupo, mas foi um longo silêncio que sucedeu ao EP «DHIST» e sete sobre o último longa-duração. O pioneirismo dos primeiros trabalhos e a sua importância desvaneceu-se com o tempo e hoje o impacto perde pela comparação, quando há outros nomes no circuito. Tudo isso pesa quando se escuta o disco, e é pena, pois os CineMuerte nunca atingiram a relevância a que pareciam estar destinados. É aqui que entra «O Refúgio», e nem sempre entra bem. Se a voz de Sophia Vieira continua poderosa, já o trabalho de composição sofre de alguma monotonia, com as dinâmicas a soarem muito semelhantes, ficando a sensação de sobrarem temas. No outro lado da moeda, há pérolas como «Silent Notes», bem como «Me Myself And I» que deu origem ao primeiro vídeo. No balanço final, que é positivo, fica no entanto a sensação de que poderia ter sido muito mais. [7.5] E.F.

THE DAMNED THINGS

«High Crimes»

[Nuclear Blast]

Se a memória vos falha, já que o primeiro álbum do supergrupo americano, «Ironiclast», já data de 2010, os The Damned Things são actualmente compostos, depois de ligeiras mudanças, por nada mais nada menos do que Keith Buckley (Every Time I Die) na voz, Scott Ian (Anthrax) e Joe Trohman (Fall Out Boy) nas guitarras, DanAndriano (Alkaline Trio) no baixo e Andy Hurley (Fall Out Boy) na bateria. Estão a torcer o nariz por dois dos cinco membros tocarem habitualmente pop punk? Na realidade, se já não o mostravam antes, é num projecto como este que os referidos músicos conseguem mostrar o seu talento para as lides mais musculadas, alicerçados numa mistura de hard rock sulista que oscila entre o tom punk e os riffs mais metálicos. Embora a jogar em terreno relativamente diferente das bandas principais de cada elemento – ou, por outro lado, considerando que cada um traz o seu cunho para o caldeirão –, não deixa de ser um disco na qual é evidente que se juntaram somente para se divertirem e fazerem algo descomprometido, exactamente as mesmas qualidades que podemos retirar como ouvintes. [7.5] P.C.S.

ENFORCER

«Zenith»

[NUCLEAR BLAST]

Os Enforcer têm-se revelado como uma das mais interessantes bandas de heavy metal que surgiram neste século. Neste quinto álbum, o grupo dos manos Wikstrand (Olof na voz e guitarra e Jonas na bateria) recebe mais um elemento, com a entrada do segundo guitarrista Jonathan Nordwall. Musicalmente os suecos continuam refrescantes, conseguindo abarcar uma miríade de influências dentro do heavy metal mais clássico. «Die For The Devil» pisca o olho ao hard rock dos tempos mais musculados de uns Scorpions, por exemplo, «Zenith Of The Black Sun» remete-nos para a sonoridade dos saudosos Warlord, «Searching For You» é um hino ao speed metal, e ao quarto tema, «Regrets», temos uma *power ballad*. Depois temos um cruzamento genético entre os Enforcer e os Manowar com «The End Of A Universe», uma «Sail On» a mostrar-nos uma pitada de hard rock norte-americano dos anos 70, avançando para a década seguinte com «One Thousand Years Of Darkness». «Thunder Of Hell» é speed/thrash puro e duro e em «Forever We Worship The Dark» temos de novo a faceta mais épica dos suecos, num dos melhores momentos do disco. Para o final a mesma toada continua com «Ode To Death» em mais um piscar de olhos aos Manowar. Mas o mais interessante disto tudo é que os Enforcer continuam a soar a Enforcer. E isso é um selo de qualidade. **[8.5]** C.G.

DEATH ANGEL

«Humanicide»

[Nuclear Blast]

Um dos nomes mais influentes do thrash norte-americano mantem-se no activo graças à persistência de Rob Cavestany e Mark Osegueda, os únicos sobreviventes da fase áurea do grupo californiano. E são também eles que continuam a marcar a sonoridade da banda, com o registo vocal marcante de Osegueda a dar aquele toque extra de agressividade aos temas. A guitarra de Cavestany (bem secundada pela de Ted Aguilar) guia o desfile de malhões thrash pujante como «Divine Defector», «I Came For Blood», «Ghost Of Me», «Of Rats And Man» ou o tema-título, mas também nos leva para outras paragens em «Immortal Behated», «Revelation Song» ou «The Pack». Este «Humanicide» estará muito longe de ser marcante

como foram os três álbuns antes da separação em 1991, mas tem o condão de manter vivo um nome que inspirou as gerações mais recentes das bandas de thrash metal. [7.5] C.G.

DESTRAGE
«The Chosen One»
[Metal Blade]

Chegados ao quinto álbum, os italianos Destrage continuam a não ser a banda mais convincente no campo do metalcore genericamente progressivo que têm vindo a produzir. Quando são bons (e há mesmo aqui algumas ideias com garra) trazem sempre consigo aquela familiaridade denunciada. Com o tempo, e ultrapassada a curva da década de existência, perderam também a vergonha e não escondem a paixão pelos refrães "açucarados" e popularuchos, como na «Hey, Stranger!», um daqueles temas com uma pretensão maníaca em ser um *hit-sempre-em-repeat*. Não é forçado, mas é francamente excusado. É verdade que esta vertente mais "acessível" sempre fez parte do código genético da banda, mas isso não implica que temas como «Mr. Bungman» – qualquer coisa entre Meshuggah e Gojira, mas versão pastilha elástica – ou os momentos mais *groovy* e explosivos como os primeiros momentos da «Rage, My Alibi» não sejam capazes de mostrar que há mais nestes Destrage do que o conformismo de uma carreira previsivel e até certo ponto garantida. [4] J.R.

DOOL
«Love Like Blood»
[Prophecy]

Com «Here Now, There Then» os Dool dividiram opiniões um pouco por todo o lado, não num sentido de ou se gosta ou não se gosta, mas sim entre gostar muito e passar ao lado. O que nos propõem agora é um 10", um *single*, com uma *cover* da «Love Like Blood» dos Killing Joke e mais duas gravações inéditas de «She Goat» e «In Her Darkest Hour», ambas captadas no Live Rock Hard Festival na Alemanha. A versão dos Dool do clássico «Love Like Blood» é no fundo uma versão modernizada que consegue soar um pouco mais *radio-friendly* do que a original. É uma sensação estranha, apesar de não se afastar assim tanto do ponto de partida, parece que os arranjos convergem todos para uma descaracterização daquela aura etérea e melancólica desta que na sua taciturnidade, nos conquista. A *cover* em si é desinteressante e despe o tema da sua beleza: o início combina os acordes iniciais com *synths*, que dão lugar ao riff inicial, entrando depois a voz cuja entoação não se distancia tanto da melodia original quanto isso. Juntemos-lhe aquele *tremolo picking* à GOLD (já que partilham guitarrista) e temos uma versão que em pouco faz jus à original – se bem que o verdadeiro *turn off* estará realmente na forma como o refrão é cantado, parece que sintonizámos o rádio numa frequência manhosa. Os outros temas, como foi dito, são versões ao vivo que não foram lançadas até hoje, mas que sinceramente, pouco acrescentam (ou salvam) a este lançamento. [3] M.L.

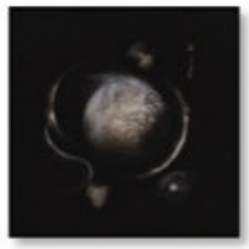
DREADNOUGHT
«Emergence»
[Profound Lore]

Quem os conhece, sabe que a sonoridade dos norte-americanos Dreadnought assemelha-se a uma excelsa tapeçaria pincelada de tonalidades distintas e adornada de texturas que, no mesmo momento, ora nos embalam e envolvem num lado mais melancólico, ora nos assombram com gritos dilacerantes e passagens que roçam ao de leve o black metal. E se vamos falar de géneros musicais, então falemos também de doom metal, de rock progressivo, de influências folk, clássicas e de Americana de tons bem negros. Falemos de diversidade, de abertura de espírito, de vontade em sair do óbvio. Falemos de SubRosa ou de Wolvserpent na aura que aqui se explora e procura transmitir, mas mantenhamos as devidas distâncias quando analisamos o produto final dessas e desta banda. «Emergence» é já o quarto disco de uma carreira muito discreta mas suficientemente interessante para suscitar o nosso interesse em dissecar cada novo disco. E, uma vez mais, o resultado é reconfortante, sem ser soberbo. Joga a seu favor a forma natural com que violinos, instrumentos de sopro, violas acústicas, teclados e guitarras pungentes se interligam e dão corpo a uma sonoridade sombria e misteriosa, pintalgada por momentos de extremo bom gosto e surpreendentemente envolventes e hipnóticos. Fica a perder na prestação vocal no seu registo mais limpo de Lauren Vieira e na dificuldade em perceber que, por vezes, menos é mais e, a bem do poder impactante da música, há que saber onde parar sob pena de esgotar uma ideia e a paciência de quem a ouve. [6.5] R.A.

EARTH
«Full Upon Her Burning Lips»
[Sargent House]

O «Primitive And Deadly» mimou-nos demais, estragou-nos, é o que é. Um dos melhores discos desta década, o último longa-duração dos Earth, que já data de 2014, mostrou-nos uma faceta muito mais acessível do projecto de Dylan Carlson, que parecia estar a deixar as experimentações de guitarra para a sua carreira a solo, e manifestar com esse disco uma vontade de explorar mais o formato de canção, inclusivamente com alguns vocalistas convidados (incluindo o Mark Lanegan, só para nos estragar mais um bocadinho). Pois bem, «Full Upon Her Burning Lips» é o diametralmente oposto disso tudo, ao ponto de quase parecer uma reacção directa ao caminho traçado no seu antecessor. Conforme a capa deixa antever, trata-se de um disco inteiro dedicado ao Dylan Carlson e à sua guitarra, tendo como única companhia a percussão de Adrienne Davies (bem mais presente do que é habitual, diga-se). No fundo é um destilar do que os Earth têm sido neste século («Primitive And Deadly» à parte), um reduzir à expressão mais simples do núcleo absoluto do que é a expressão da banda e da composição de Carlson. Guitarras a arrastarem-se pachorrentamente pelo deserto, com uma bateria quase fúnebre a pontuar os lânguidos andamentos. Sim, a presença mais activa da percussão dá um sabor algo diferente à atmosfera, mas no fundo, «Full Upon…» é um bocado o que aconteceria se se pegasse nos dois «Angels Of Darkness, Demons Of Light» e lhes retirássemos os "luxos" todos. Continua a ser brilhante? Sim, claro que sim. E apesar do minimalismo austero, tem Earth escrito por todo o lado. Mas permitam-nos ainda assim uma ligeira desilusãozinha por a fase «Primitive And Deadly» não ter tido qualquer tipo de continuação. Merecíamos mais. [7] J.C.S.

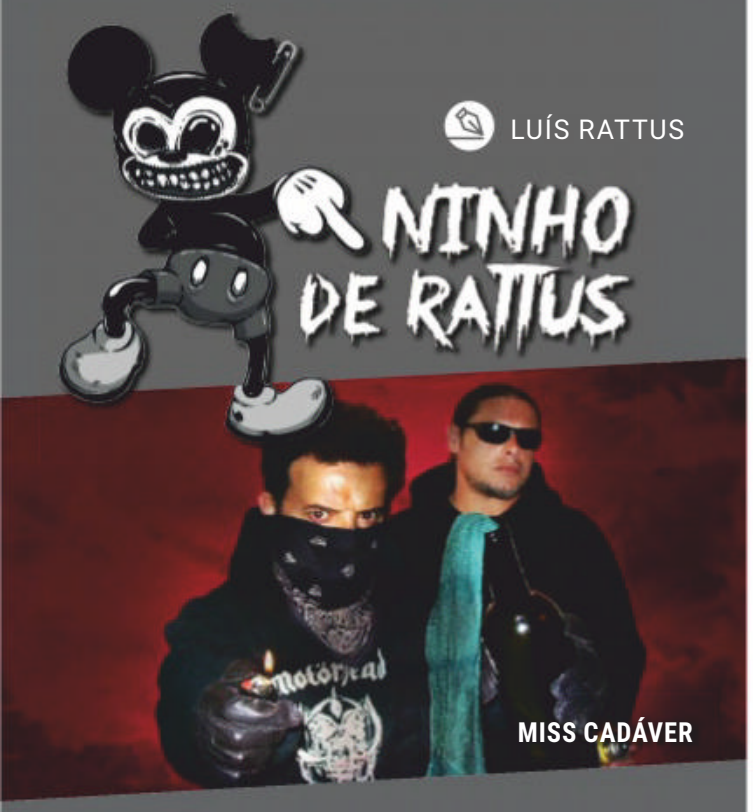
ENTHRONED
«Cold Black Suns»
[Season Of Mist]



É recorrente referir-se uma "nova vaga" de black metal, sempre que se nota novo foco criativo, mas o que talvez não tenha sido percebido em tempos recentes, é como grupos mais antigos se têm vindo a renovar e redefinir, depurando características e crescendo. Os Enthroned inserem-se neste grupo, e criam aqui um dos seus melhores e mais audazes discos. É escutar «Aghoria» e percebe-se que, sem renegar o passado, nem rompendo com o som do passado, criam um ambiente mais épico, por vezes ritualista. As guitarras aos dois minutos de «Beyond Humane Greed» poderiam figurar em muitos trabalhos de post black, e no entanto o tema evolui para uma orgia sonora que em nada destoa de trabalhos passados. Esta mistura domina a primeira parte do disco, em temas como «Hosanna Satana» ou a excelente «Oneiros». Gravado quase na totalidade no nosso país, não é por isso de estranhar que logo na abertura conste um tema como «Ophiusa». [8.5] E.F.

ERLEN MEYER
«Sang Et Or»
[Argonauta]

Ali por alturas da viragem do milénio, a Shelsmusic editou uma série de álbuns que deixaram de queixo caído aqueles que ainda andavam a fazer luto pela carreira dos Unfold, dos Vancouver e de mais umas quantas bandas suíças que provocaram ondas na cena do underground mais "à frente" durante a década anterior. Grupos como Black Sheep Wall, Admiral Angry e Erlen Meyer, pegaram



LUÍS RATTUS

Novo EP para os **MISS CADÁVER**. Uma lufada de ar fresco no som do projecto, que apresenta três novos originais e uma *cover* de «Fake World» dos Simbiose. «Mundo Cabrão» apresenta os Miss Cadáver noutro patamar, não escondendo as suas raízes thrash punk, mas incluindo uma melodia rock com umas *riffalhadas* a puxar por exemplo aos Therapy?. Com excelente mistura e masterização de Paulo Vieira e um *artwork* primoroso de O Gatuno, acaba por saber a pouco este EP, aguardando-se mais do grupo de Arruda dos Vinhos. E que não demore tanto tempo a sair como este que já foi gravado em 2016 e só agora viu a luz do dia!

Que também teve uma preocupação extra com o seu novo trabalho «Ilusão» foram os **ARTIGO 21**. Com edição da Infected Records, arte de Samuel Lucas e gravado por Miguel Marques no Generator Studio, o segundo álbum do colectivo alfacinha mostra a maturidade de quem trabalha no duro desde 2012. A marca continua o punk rock melódico influenciado pelos nomes sonantes dos 90s como No Fun At All, No Use For A Name, Pennywise ou Bracket. Letras em português completam o quadro pintado por muita melodia e riffs rápidos.

Quem também está prestes a gravar novo trabalho são os **ZURRAPA**, mas entretanto vamo-nos entretendo com o último EP auto-editado, «Zurrapa Som Sistema». O punk *avacalhado* deste trio de Viseu, regado com muito (mas mesmo muito) vinho tinto, cerveja e bagaço, faz-nos esboçar um largo sorriso na cara e pensar que afinal ainda há malta que anda nisto de uma forma genuína. «Zurrapa Som Sistema» inclui alguns hinos da banda como «Putas, Vinho e Rock´n´Roll» ou «Queimei O Casaco C'um Morango». Punk´n´roll descomprometido, letras ora mordazes ora divertidas, refrões para gritar de copo na mão, atitude sem merdas… à antiga!

A banda do carismático Tim Steinfort, os **HAYMAKER**, lançam finalmente o seu primeiro longa-duração intitulado «We Apologize To Nobody». Após o mediático EP «We Are Haymaker» o *fuzz* à volta da banda e da sua atitude politicamente incorrecta fez crescer a curiosidade do público. Editado em parceria pela KB Records, The Firm Records, Skin Collector e Tough Times Music, nos formatos CD e vinil LP, o disco contém dez temas de puro skinhead rock´n´roll, com um instrumental muito coeso cimentado por uma boa mistura e alimentado pela singularidade da voz áspera de Tim.

Depois da longa pausa, para dar lugar aos Bishops Green, os **ALTERNATE ACTION** estão de volta e logo com um fabuloso mini-álbum de seu nome «Violent Crime», editado pela Rebellion Records. *Catchy*, intensa, agressiva, suja, *singalong*… a música destes canadianos é tudo isto e muito mais. Um nome incontornável do streetpunk que felizmente está de volta.

no *groove* colossal dos Will Haven, injectaram-lhe o apelo cerebral do post-qualquer coisa angular dos Breach e Knut, vocalizações que não soariam deslocadas num disco de screamo e uma dose de *low end* distorcido, que soavam a sludge injectado de esteroides. Infelizmente, a onda acabou por ser fugaz, com muitos dos companheiros de editora a lançarem discos pouco convincentes e os Erlen Meyer a votarem-se a um hiato que durou seis anos. Agora, contrariando as expectativas, os oito temas de «Sang Et Or» mostram que, apesar dos anos de paragem, o grupo francês ainda consegue invocar esse espírito que parecia irremediavelmente perdido e, prestando homenagem aos contos mais negros de Agatha Cristie e aos filmes icónicos de Alfred Hitchcock, cria um colosso de angústia depressiva. Apoiado num *low end* devastador, em riffs enormes e num versátil registo vocal, que vai do *spoken word* aos guinchos dilacerantes, não há grandes surpresas ao longo de «Sang Et Or», mas o uso de teremin no final da «Rouge Cardinal» ou os dramáticos metais na final «Trompe l'Oeil» mostram que, apesar de se manterem 100% fieis às regras do estilo em que se movem, os Erlen Meyer poderão evoluir para uma sonoridade ainda mais pessoal. [7.5] J.M.R.

HAUNT

«If Icarus Could Fly»

[Shadow Kingdom]

Os que gostaram da revelação que foram os Haunt com o seu disco de estreia, «Burst Into Flame», editado no ano passado, preparem-se para muitas alegrias, porque já se percebeu que o vocalista/guitarrista/baixista Trevor William Church (que começou os Haunt como um projecto a solo na altura, note-se) não é moço de ficar à espera de ninguém. Sete meses depois desse bem recebido álbum, e ainda com um EP pelo meio, já aqui está o seu sucessor, e estamos a falar de um cavalheiro que com os seus Beastmaker lançou "só" dez (!) EPs em 2018 e já vai com mais um este ano também. E já se prevê mais um disco dos Haunt para o final deste ano. Por algum lado isto há-de quebrar, eventualmente, mas para já, é aproveitar, porque ainda não se nota a saturação. «If Icarus Could Fly» mantém a toada do heavy metal clássico que pautou a estreia, talvez mais polido e mais refinado, como se «Burst Into Flame» tivesse como inspiração a primeira metade das carreiras dos Iron Maiden, dos Judas Priest ou do Ozzy Osbourne, e este já olhasse para as respectivas segundas metades, sem no entanto querer implicar com isso qualquer decréscimo de qualidade. E é isto – mais um conjunto de malhões orelhudos, variados dentro do heavy metal tradicional de base, cantaroláveis e poderosos, e a esperança que a fartura não venha a estragar tudo. Pode ser que o Trevor seja o Mories do heavy metal, deixa lá ver. *Fingers crossed*. [8] J.C.S.

JACK SLAMER

«Jack Slamer»

[Nuclear Blast]

Apanhando o comboio revivalista do hard rock dos anos 70, os suíços Jack Slamer apresentam-se ao resto do mundo, ao fim de doze anos de carreira, com este álbum auto-intitulado que curiosamente foi editado originalmente há dois anos. E, por curiosidade, antes deste já tinha surgido um «Noise From The Neighbourhood» em 2012. Os icónicos Led Zeppelin e Deep Purple fazem parte da base musical destes Jack Slamer, aos quais se acrescentam outros grupos que já vão numa carruagem mais à frente como os Rival Sons, Monster Truck ou Wolfmother. Para além das dez faixas já editadas anteriormente, este novo lançamento conta com dois temas bónus, gravados mais recentemente com a produção de Tommy Vetterli (o Tommy T. Baron dos Coroner). Musicalmente repetem, embora com momentos de qualidade, as fórmulas já bem conhecidas dentro deste estilo musical como o efeito *reverb* na voz para dar aquele toque nostálgico, o baixo sempre presente ou as guitarras que vão "cantarolando" por entre os temas. Mais uma banda que deverá agradar aos fãs do género. [7] C.G.

KAMPFAR

«Ofidians Manifest»

[Indie]

25 anos depois da sua formação, os Kampfar mantém-se activos e apresentam aqui mais um disco de black metal com vertente épica, sem descurar o lado mais rápido que sempre caracterizou o grupo. Bom exemplo disso, a dinâmica de «Natt», tema rápido em que os coros fornecem o lado épico, a par das mudanças de ritmo que a bateria confere ao longo do tema. Sem nunca chegar a encher as medidas, este álbum, no seguimento dos últimos trabalhos, mostra uns Kampfar mais elaborados e preocupados com a produção final. Temas como «Eremitt» ou «Skamløs!» revelam-se dentro do mais tradicional a que a banda nos habituou, enquanto a muito interessante «Det Sorte» mostra que os noruegueses andam nitidamente a escutar o que grupos como Primordial fazem. «Ofidians Manifest», pelo aniversário, capa e título, promete mais que aquilo que oferece, estando afastado da energia ao vivo dos Kampfar ou do melhor que sabemos que o colectivo é capaz. [7] E.F.

KNEEL

«Interstice»

[Edição de autor]

Concebido entre 2011 e 2013, lançado por essa altura, «Interstice» é agora alvo de uma reedição, face a nova mistura e masterização, bem como contendo nova arte gráfica. Projecto solo de Pedro Mau (Wells Valley, ex-Kneeldown), que aqui toca todos os instrumentos, socorrendo-se de Filipe Correia (Wells Valley e Concealment) para a voz. Pelos nomes citados, a surpresa sonora não é muita: math metal e tech death. Mesmo assim, impressiona sempre a violência instrumental e as mudanças rítmicas em cada malha, conseguindo-se sempre criar uma tensão omnipresente. Exemplo claro disso, «Cloak», tema mais longo do trabalho e que, mesmo assim, não consegue ter tempos mortos. Sem faixas novas, desde a abertura com «Murmurs» até «Sovereignty», temos aqui nove malhas em pouco mais de 30 minutos de música, sempre com BPM elevado e com momentos altos em «Amend» ou no primeiro minuto de «Occlusion», que só por si poderia ser uma faixa brutal. Um trabalho que resulta muito bem. [8] E.F.

L'ACÉPHALE

«L'Acéphale»

[Eisenwald]

Demorou uma década, mas os L'Acéphale de Set Sothis Nox La atingiram o marco dos três discos, ultrapas-

sando assim o número de edições da revista que lhes dá nome. Apropriadamente, o disco abre com a Geneviève Beaulieu dos saudosos Menace Ruine a ler Georges Bataille, imediatamente antes de embarcar por um daqueles riffs que os vêm caracterizando desde a *demo* de estreia «Mord Und Totschlag». Daí para a frente, a banda abandona as incursões pelo black metal cru (o mais próximo desse registo é a virulenta «Last Will») em detrimento de composições mais limpas, evocativas de uma grandiosidade entre o excessivo e o humanamente frágil, como na «Runenberg» e na febrilmente avant-garde «Winternacht», um dos pontos altos de um disco que impressiona pela diversidade e que tem ainda motivo de destaque nas duas peças mais ritualistas, nomeadamente a «Hark! The Battle-Cry Is Ringing!» e a «In Gloria In Excelsis Mihi», que tem o condão de nos dar quase dez minutos de Geneviève num registo parecido ao «Venus Armata». [8] L.P.

LOW DOSE
«Low Dose»
[Brutal Panda]

Vamos lá começar pelo fim. O disco de estreia dos Low Dose vinha acompanhado de um currículo impressionante e, talvez por isso, revestido de alguma expectativa. E à primeira audição, não há como não ficar desiludido. Seja a voz muito presente e nem sempre tão efectiva como seria de esperar da Itarya Rosenberg ou o que quer que seja, parece que há qualquer coisa que não cola nas primeiras escutas. Não; pelo menos, não como colava quando três destes tipos andavam a tocar e a gravar como Fight Amp. Quiçá uma das propostas mais injustamente ignoradas dos últimos anos – se gostam de noise rock, vão lá dar uma escutadela ao que a banda deixou gravado antes de se separar –, o grupo de Filadélfia muito fez por bastardizar a tradição Amphetamine Reptile. Pois bem, os Low Dose resgatam essa atitude (bem patente no início da «Right On»), mas pervertem-na um pouco mais, a ponto de não os podermos descrever apenas como noise rock. Com toques de grunge pujante em «For Sure» ou um gravalhão demolidor, a fazer ter saudades dos Kowloon Walled City, os Low Dose dão a volta ao texto de uma forma impecável, num disco que primeiro se estranha e depois se entranha. [7] J.M.R.

LYFORDEATH
«Nullius In Verba»
[Raising Legends]

Datado ainda de 2018, este é o trabalho de um quinteto de Lordelo, Porto, nascido em 2011, e que foi construindo o seu som ao longo do período que mediou entre a formação e edição do disco. Talvez por isso o registo venha carregado de pormenores que escapam a uma primeira audição. O colectivo inscreve-se no metal progressivo, com uma vertente black, principalmente na componente lírica, que cruza letras em inglês com o português de «Nullius In Verba», um tema em dois actos, ousado, mas que poderia beneficiar de uma produção mais cuidada. Nos restantes oito temas, três deles funcionando como *intros*, o álbum oscila entre canções rápidas e pulsantes, como «Tenebrae», e outras mais compassadas, como «Carved In The Bones». A componente prog não se revela na acrobacia de escalas, mas mais nas múltiplas camadas sonoras que compõem a estrutura de cada tema e que se revelam variadas, naquele exercício típico de banda no início que quer colocar tudo aquilo que sabe fazer num álbum só. [7] E.F.

MAMMOTH WEED WIZARD BASTARD
«Yn Ol I Annwn»
[New Heavy Sounds]

É, o nome que estes tipos escolheram para a sua banda é mesmo um bocado parvo. No entanto, o que parece ser uma tentativa de ironia levando ao cúmulo do exagero os *clichés* do stoner/doom e do sludge actuais, não deixa também de ser um bom reflexo do que fazem musicalmente. Porque sim, os Mammoth Weed Wizard Bastard soam exactamente como imaginaríamos que soaria um feiticeiro bastardo totalmente pedrado se lhe dessem para as mãos uma guitarra e lhe pedissem para tocar riffs do tamanho de um mamute. No impronunciável «Yn Ol I Annwn», que sucede ao hermético «Y Proffwyd Dwyll», a banda continua a explorar a sua abordagem hiperbólica à música lenta e distorcida, através de oito temas, quase todos longos e com potencial mais que suficiente para porem o ouvinte em transe. Depois da introdução «Tralfamadore», que não soaria deslocada num registo dos Zombi ou na banda-sonora de um filme de Carpenter, o quinteto britânico atira-se de cabeça a um *groove* colossal, às guitarras distorcidas, a um theremin endiabrado, aos teclados psicadélicos e às vocalizações angelicais de Jessica Ball, adensando ainda mais um paradigma em que tudo já foi feito e refeito. Este é, felizmente, um daqueles sons que continua a não desiludir os fiéis, sobretudo quando há uma fuga à norma (a justaposição das vozes com o peso da música, neste caso, que sugere um híbrido doom/slowcore) e os riffs são tão bons como os que se ouvem aqui. [7] J.M.R.

OCTOBER TIDE
«In Splendor Below»
[Agonia]

Após o abandono dos irmãos Norrman dos seminais Katatonia, corria o ano de 2010, os October Tide abandonam igualmente a imagem de projeto paralelo que até então lhes era associado e estabelecem

FLESHGOD APOCALYPSE

«Veleno»

[NUCLEAR BLAST]

Os Fleshgod Apocalypse mudaram de formação, depois das saídas do guitarrista Cristiano Trionfera e do vocalista/guitarrista Tommaso Riccardi, com o líder da banda, Francesco Paoli, a passar da bateria para a voz/guitarra, e David Folchitto (Stormlord) e FabioBartoletti (Deceptionist) a preencherem as vagas deixadas em aberto na bateria e na guitarra, respectivamente. O impacto é bem audível em «Veleno», um disco mais dominado pelas guitarras do que o anterior «King», onde as orquestrações assumiram o papel principal. Isto não significa que o carácter clássico e majestoso da banda italiana tenha desvanecido – nada disso! – existe apenas um melhor equilíbrio entre as duas facetas, que por certo ajudará a recuperar muitos dos fãs que os abandonaram depois do EP «Mafia», trabalho com o qual existem aqui algumas similitudes, pela força das seis cordas e pelo maior enfoque no death metal. Tudo parece ter ganho espontaneidade, há várias ideias novas, maior variedade de tempos entre (e dentro dos) temas, muito balanço e mais espaço para respirar. Essa dinâmica enaltece o carácter melodramático da música e se num tema como «Monnalisa», por exemplo, os Fleshgod Apocalypse continuam tão teatrais como foram nos dois discos anteriores, em «Worship And Forget» soam pesados como não eram há quase uma década. O melhor é que o fazem sem perderem ponta de melodia, elevando a mescla entre música extrema e neoclássica a um novo patamar de excelência. Ao quinto longa-duração, a banda italiana parece ter encontrado um balanço irrepreensível entre a eloquência sinfónica e a contundência do death metal. Poucas vezes na história da música, vozes operáticas, belas passagens de piano e coros magnificentes casaram tão bem com guitarras demolidoras e técnicas, batidas frenéticas e poderosíssimos guturais (Paoli é mesmo um monstro em tudo o que faz!). Puro «Veleno»! **[8.5]** J.A.R.

uma prolífica cadência de edição de novos álbuns que os conduz a «In Splendor Below», o sexto álbum da carreira da banda em apenas nove anos. Bem lá para trás, que é como quem diz nos finais da década de 90, ficam dois discos intocáveis que mais facilmente associamos a October Tide do que qualquer um dos trabalhos mais recentes. Ora, isto não deixa de ser um sinal algo preocupante, não porque a banda tenha vindo a criar maus discos, pelo contrário, mas sim porque nunca mais conseguiu captar a genialidade e a inspiração gélida e sombria contida em «Rain Without End» ou «Grey Dawn». Pese embora o incremento de peso e de taciturnidade palpável e deliberado em «In Splendor Below», falta-lhe aquele elemento melódico que poderia fazer a diferença entre o mediano e o soberbo, o mesmo que ainda hoje destaca os Katatonia de toda a concorrência, mas que só surge a espaços na discografia de October Tide, como uma excepção e não como uma regra. E as excepções aqui encontram-se nos ganchos melódicos de «I, ThePolluter» ou de «Stars Starve Me», mas a tendência pende muito mais facilmente para um exercício de death/doom metal melódico e sombrio algo generalista e desinspirado, do que propriamente para aquele efeito melancolicamente envolvente e arrebatador que deixou saudades nos dois primeiros discos da banda, mas que não mais voltou a revelar-se em todo o seu esplendor. [7.5] R.A.

ÓREIÐA

«Óreiða»

[Harvest Of Death]

A frieza é algo patente em qualquer atmosfera islandesa. Essa frieza é, quase inevitavelmente, transportada para a música dos Óreiða que lançam agora o seu primeiro *full length*. Este é um álbum com uma clara e gritante vertente atmosférica onde a melodia serve como âncora ao instrumental. A música é densa, embutida no meio de ruído que pode, à primeira audição, afastar o ouvinte – os riffs sucedem-se e repetem-se ao longo do tempo, tema a tema, mas há sempre uma melodia que nos dá alguma segurança. A narrativa, se é que lhe podemos chamar assim, um invocar da natureza islandesa, um transpor para a melodia quase folclórica que se destaca entre a névoa do restante instrumental – o baixo, a guitarra e bateria convergem para um vácuo de onde emerge uma guitarra suave que quase nos dá a sensação de vozes perdidas ao longe. Apenas a partir de «Daudi» a voz rompe por entre a bruma e finalmente conseguimos ouvi-la, em todo o esplendor, acrescentando mais um nível de profundidade aos dois últimos temas. É uma ode às paisagens invernais, ao gelo e enfim, ao imaginário islandês com a presença de um misticismo flagrante que inevitavelmente nos é projetado na mente. [7.5] M.L.

ORIGIN

«Abiogenesis – A Coming Into Existence»

[Agonia]

Para os fãs do grupo, antes que vos dê um súbito rasgo de alegria pela boa nova dum lançamento fresco, fica desde já a nota que este mais recente trabalho, em termos práticos, pouco tem de verdadeiramente actual. «Abiogenesis», a primeira parte do registo, é constituído por oito faixas que pretendem demonstrar o que eram, passo o pleonasmo, as origens dos Origin: embora gravadas entre 2013 e 2018 – e note-se que o seu mentor, Paul Ryan, gravou todos os instrumentos (!) –, as músicas foram originalmente criadas em dois períodos anteriores à existência da banda, em 1990-1991e 1992-1993, por prequelas, chamemos-lhes, apelidadas de Necrotomy e Thee Abomination, respectivamente. Assim, ouvimos uma versão mais directa e algo unidimensional da icónica banda de death metal técnico – a maioria dos temas não ultrapassa os dois minutos –, onde transparece até um som mais característico da sua época. Já a segunda parte, «A Coming Into Existence», é a remasterização do primeiro EP, de 1998, até então indisponível mundialmente em formato físico. [7] P.C.S.

RINGWORM

«Death Becomes My Voice»

[Relapse]

O colectivo de Cleveland, Ohio, está de volta com o seu oitavo álbum e aparentemente continua tão zangado como nos tem mostrado em já quase três décadas de existência – se não estiver mesmo ainda mais. São onze descargas (mais duas, se apanharem o material bónus, que inclui uma *cover*) de hardcore metálico, ao jeito do crossover de thrash metal com hardcore punk, a que bandas como Integrity ou All Out War nos têm vindo a habituar. Ao começo do disco, logo pela faixa homónima, depois de uma entrada muito ominosa, é posto o pé bem pesado no acelerador e poucos são os momentos que temos com as mudanças engatadas abaixo da linha vermelha, tamanha é a urgência dos ralhetes de Human Furnace emparelhados com riffs pulsantes que quase nos transpassam de tanta cólera – não se admirem se o inevitável bater do pé ao ritmo da música escale rapidamente para uma irascível vontade de aplicar a força em algo ou alguém. Nota do autor: não foram magoadas quaisquer pessoas de terceira idade presentes em ambientes públicos aquando da escuta do presente disco. [8] P.C.S.

GAAHLS WYRD

«GastiR – Ghosts Invited»

[SEASON OF MIST]

As portas abriram-se para os fantasmas de Gaahls WYRD, «GastiR – Ghosts Invited» é um órobos musical, que se inicia no seu fim. Os temas completam-se um ao outro e sente-se essa ligação enquanto vamos repetindo audição atrás de audição. «Ek Erilar» une-se como se fosse uma a «Within The Voice Of Existence», numa mutação entre rispidez e cânticos vergados aos furiosos crescendos dos instrumentais que convergem para a temática do álbum. O passo intensifica-se ao aproximarmo-nos do centro: a guitarra apressa-se e o ritualismo dá lugar a *blastbeats* e a vozes ríspidas, «Carving The Voices» marca o mudar dos ventos. Há, no entanto, um distanciar do black metal, ou do metal até, uma clara atmosfera mais tradicionalista, mais ligada ao folclore norueguês (um convite aos espíritos, de facto) que acaba por contrastar com a aspereza de alguns momentos mais pesados, atribuído talvez a «Through And Past And Past», que nem de perto representam metade do álbum – é um lançamento ponderado que procura invocar algo, através de uma narrativa escondida, e em que os momentos mais *soft* atraem mais do que a suposta agressividade de 80% dos riffs tocados. [6] M.L.

SAVAGE MESSIAH

«Demons»

[Century Media]

Os Savage Messiah são cada vez mais o projecto pessoal do vocalista e guitarrista Dave Silver, pois este quinto álbum é marcado por mais uma mudança de formação onde, para além de Silver, só se manteve o baixista Mira Slama. Musicalmente os britânicos estão cada vez mais longe das suas raízes do thrash metal e cada vez mais perto de algo que podemos chamar de rock moderno. Basta escutarmos os três primeiros temas, «Down And Out», «The Lights Are Going Out» e «The Bitter Truth», para percebermos que os Savage Messiah se encontram numa encruzilhada em termos de carreira. Encaminham-se para o rock meloso de «Until The Shadows Fall» e «What Dreams May Come» ou manterão a energia de malhas como «Rise Than Fall»? Será que a opção é mesmo misturar isto como em «Steal The Faith In Me» ou «Under No Illusions»? Ah, e pelo meio temos a versão de «Parachute», de Chris Stapleton, que também pode servir para ajudar o grupo a dar o salto para outros mercados. [6.5] C.G.

SERMON

«Birth Of The Marvellous»

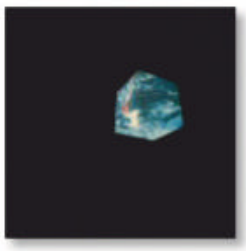
[Prosthetic]

Gravado em 2017 mas lançado agora pela mão da Prosthetic, «Birth Of A Marvellous» é o album de

estreia dos britânicos Sermon, uma "entidade" que se esconde por detrás de um estratético manto de anonimato. Já esteve mais longe de se tornar numa espécie de moda corriqueira, mas no caso em particular não deixa de servir a abordagem vincadamente conceptual ao universo de um pós-rock progressivo, com uma sonoridade não tão distante assim daquilo que uns Porcupine Tree ou Opeth em tempos fizeram: «Birth Of The Marvellous» é um disco temática e liricamente atravessado por uma religiosidade que encontra na figura de Cristo motivo de um renovado maravilhamento esplendoroso. Num álbum com uma ambiência geral soturna, não deixa de ser assinalável a presença de uma solaridade mais próxima de um entusiasmo espiritual, no lugar daquele esoterismo obscuro que volta e meia por aí aparece e se encerra sobre si mesmo (Necros Christos, *who else*?). «Chasm» e aquele riff mais pesadão de «The Preacher», com direito a arranjos meio psicadélicos, meio hipnóticos, são os temas que mais se destacam num álbum com uma segunda metade que acaba por redimir um início pouco promissor. [6] J.R.

TANITH
«In Another Time»
[Metal Blade]
Trabalho de estreia para um novo grupo que conta com Russ Tippins, dos Satan, e que é fortemente influenciado por algum hard rock dos anos 70, em particular nomes como Thin Lizzy e Uriah Heep. Apesar das influências, o quarteto consegue introduzir uma dinâmica actual, fazer a ponte com algum psych rock e até piscar os olhos a certo folk metal, em particular com o som de guitarras claramente inspirado por Lizzy. Escutar temas como «Mountain» ou «Citadel» ajuda a perceber como o colectivo consegue introduzir múltiplas referências e segurar toda a estrutura de forma bem sólida, quer porque vai buscar referências que já foram muito exploradas, quer porque a experiência de Tippins lhe permite encontrar os balanços certos, como acontece na épica «Dionysus», com várias mudanças de ritmo, entrando mesmo no campo do progressivo. Isto acrescido a um bom balanço entre voz masculina e feminina, por vezes em harmonia, outras complementando-se, faz de «In Another Time» uma estreia interessante e promissora. [8] E.F.

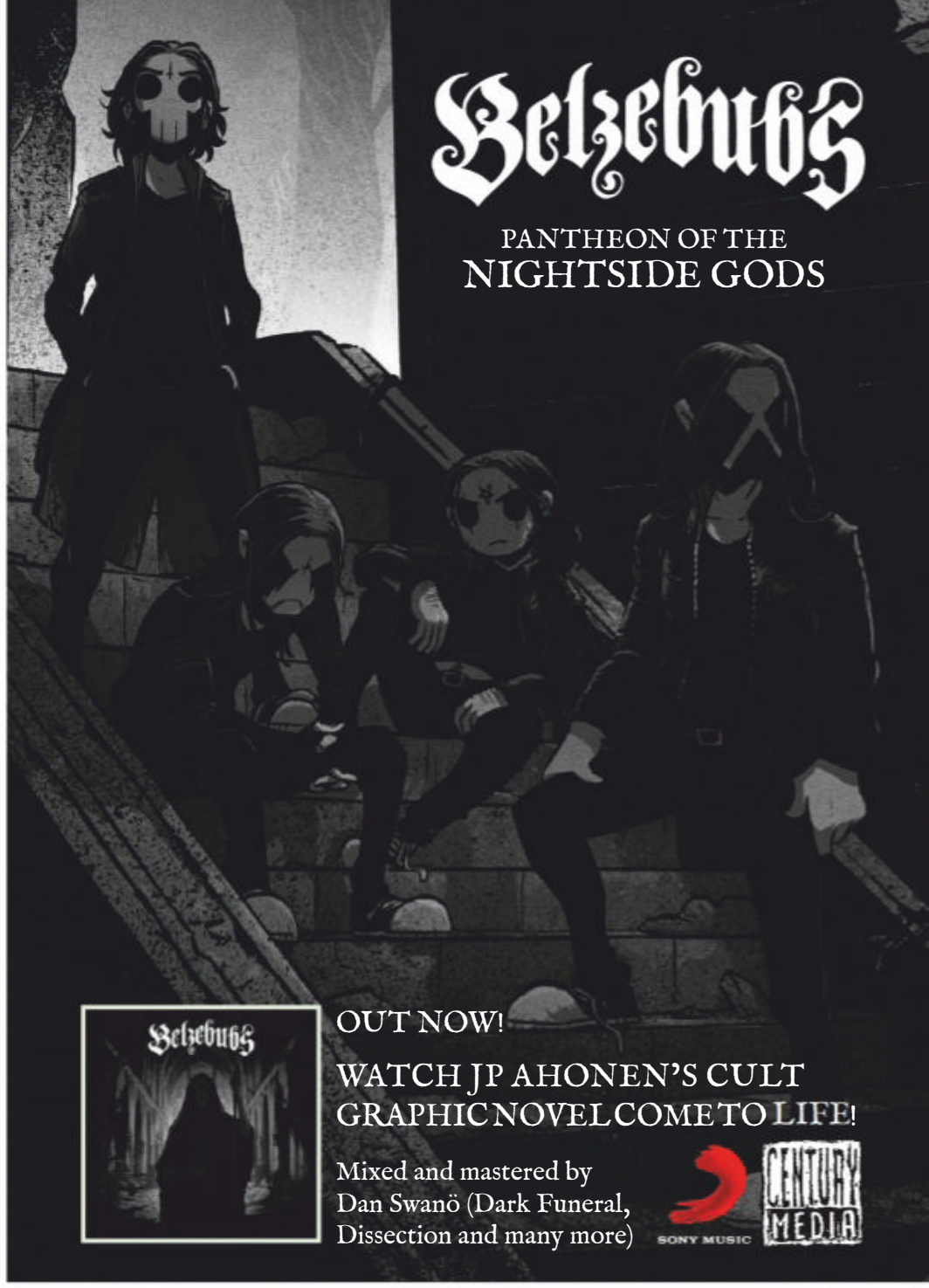
THRONEHAMMER
«Usurper Of The Oaken Throne»
[Church Within]
Os Thronehammer são um projecto transnacional que une britânicos e alemães, nomeadamente gente ligada a bandas como Winds Of Genocide ou Obelyskkh, numa experiência que se assume épica, mas que facilmente resvala para a monotonia. Se é para ser, que seja em grande e vai de compor um disco de estreia com quase 80 minutos de duração, numa atitude que roça, por um lado, o despretensioso face ao que se possa pensar e, por outro lado, um excesso de confiança numa sonoridade que precisava claramente de mais algum período de refinação. Ora imaginem o classicismo sombrio do doom de uns Candlemass aliar-se ao pendor épico de uns Bathory e poderão ficar com uma ideia aproximada daquilo que por aqui se ouve. Problemas: o excesso de gordura que acompanha algumas das canções não as deixa respirar e as limitações da voz de Kat Shevil Gillham ajuda a amarrar ainda mais «Usurper Of The Oaken Throne» a um ponto que rapidamente o fará cair no esquecimento. É certo que há por aqui momentos de alguma sobriedade e de uma envolvência bem conseguida, mas a toada geral do disco é inevitavelmente desinspirada e isso não ajuda a que esta estreia seja particularmente relevante. [6] R.A.



TIM HECKER
«Anoyo»
[Kranky]
Ao contrário do álbum de Árstíðir Lífsins do qual também falamos nestas páginas, «Anoyo» chega-nos totalmente enquadrado no seu peculiar contexto, tratando-se da segunda obra resultante das gravações realizadas o ano passado por Tim Hecker no Japão em colaboração com o colectivo gagaku Tokyo Gakuso. Traduzido, o título da nova proposta do canadiano significa qualquer coisa como "o mundo de lá", ao passo que o título do seu antecessor, «Konoyo», queria dizer "o mundo de cá." Apropriadamente, o álbum do ano passado era mais um submergir de elementos gagaku na música electrónica, enquanto que em «Anoyo» a abordagem tradicional japonesa se vê transportada para o mundo do ambient e polvilhada de subtis arranjos electrónicos. Longe da sonoridade negra que lhe vale uma legião de seguidores no mundo da música pesada, esta sequência de discos é acima de tudo (mais) um exemplo da excelência do canadiano na criação de intrincadas paisagens sónicas em que a ausência de notas é tão importante quanto a presença. [8] L.P.

ULTRA SILVAM
«The Spear Wound Salvation»
[Shadow Records]
Há bandas que passam anos e anos a aperfeiçoar a sua fórmula para, ao terceiro ou quarto disco, conseguirem criar realmente um produto com impacto. Outras há que se estreiam logo em grande, como é o caso destes suecos. Formados há apenas três anos em Malmö, o trio gravou uma *demo* em 2017 e captou logo a atenção da influente Shadow Records, que acabaria por lançar esses três temas em formato *single*. Agora, ouvindo este «The Spear Wound Salvation», percebe-se que essa gravação homónima apenas tocava na ponta do icebergue que são os Ultra Silvam. O álbum pega no black metal de cariz marcadamente *old school* que dominou o primeiro registo e, atenuando um pouco o *reverb* na voz e limpando ligeiramente o som geral, torna-a ainda mais refinada – e, acima de tudo, impactante. Numa altura em que muito do black metal se foca na atmosfera, os Ultra Silvam destacam-se por recuarem até uma altura em que os riffs importavam mais que tudo o resto e, com sete temas em menos de meia hora, não precisam de muito tempo para provar que sabem o que estão a fazer. O trio é um produto directo da sua cena local, rodeado que está de excelentes bandas de death metal, e este «The Spearwound Salvation» afirma-se como um álbum mergulhado em tradições que a maioria dos *black metallers* tendem a ignorar. [7.5] J.M.R.

VADER
«Thy Messenger»
[Nuclear Blast]
Nome lendário sobretudo pelo trabalho feito ao longo dos anos 90, a verdade é que os polacos Vader continuam a ser uma daquelas bandas capazes de conjugar um ritmo de edição discográfica assinalável a um padrão de qualidade (apesar de tudo) sólido. Tornaram-se demasiado formulaicos e nunca voltaram a ser exactamente aquela banda dos tempos do «De Profundis» ou mesmo do «Litany»? Em boa verdade, é provável que nunca o tenham verdadeiramente tentado, mas mesmo aceitando o comodismo ou a proverbial dispersão por aventuras mais ou menos inconsequentes (*aqueles*



albuns de *covers*, por exemplo) nunca perderam o estatuto de serem uma espécie de "*eagles of death metal*" – seguramente uma piada que nunca há-de perder a sua graça. «Thy Messenger», um EP que vai abrir caminho a um longa duração a editar no final do ano, são os mesmos Vader dos tempos mais recentes: três originais de death vagamente *thrashado*, com tempo ainda para uma regravação do tema-título do «Litany», e uma *cover* de Judas Priest,«Steeler». Não chega. [5] J.R.

VALBORG
«Zentrum»
[Prophecy]

Ao oitavo album de originais, os alemães Valborg não dão sinais de estarem propriamente com vontade abrandar. O trio tem vindo a traçar um caminho por territórios brutalmente agressivos, com uma raiva convulsa e estrangulante, uma espécie de incitação permanente ao (des) conforto da angústia ao longo de um percurso que não deixa de impressionar, muito à custa de uma diversidade a vários títulos invejável. Do doom mais plúmbeo de «Barbarian» ao negrume gótico de «Romantik», o grupo sempre exibiu com algum gosto uma dose saudável de experimentação que nunca lhes retirou um pingo de identidade. «Zentrum» dá alguma continuidade à descarga tóxica do industrial de «Endstrand», ao longo de oito temas com uma toada brutalmente militar. Há aqui uma materialização sonora de um mal-estar crónico que traz consigo qualquer coisa de "pós-humano", uma distorção *noisy* e directa que evoca um rasganço fundo e metalizado. «Rote Augen», o dilacerante tema de abertura que nos coloca de imediato num campo de batalha venenoso e contaminado, ou «Kreuzer» e aquelas vocalizações inconfundivelmente infernais, são alguns dos pontos altos de um dos discos mais entusiasmantes do grupo. [7.5] J.R.

VOËMMR
«O Ovnh Intot Adr Mordrb»
[Harvest Of Death / Signal Rex]

É certo que sempre houve um salutar chafurdar em sonoridades lo-fi no black metal português, com nomes como Black Cilice e Mons Veneris a merecem natural destaque no período pós-2000. Há, ainda assim, uma mutação recente que tem deixado um aroma particularmente nauseabundo no underground nacional e que muito se deve ao chamado Aldebaran Circle, onde também militam os Ordem Satânica e os Trono Além Morte. Diríamos no entanto que os mais brilhantes momentos até à data nestes novos trilhos de decadente baixa fidelidade se devem aos Voëmmr, cuja estreia em 2017 já nos havia deixado siderados pelo minimalismo atroz da sua abordagem, capaz a espaços de evocar os geniais Circle Of Ouroborus, o que é sempre um feito assinalável. Neste segundo longa-duração de título impronunciável, o colectivo conjurou uma atmosfera ainda mais doentia, à custa de uma superior carga atmosférica, do arrepiante registo vocal que já os vem caracterizado, e de um fascinante enquadramento rítmicos, capaz de passar da ginga para o desconcertante com uma naturalidade assustadora. [8.5] L.P.

POSSESSED

«Revelations Of Oblivion»

[NUCLEAR BLAST]

A aparição deste álbum não é exactamente um choque ou uma surpresa monstruosa, já que os Possessed regressaram à actividade há mais de uma década, consistindo do vocalista Jeff Becerra acompanhado por uma colecção mais ou menos giratória de músicos mais jovens de bandas que não existiriam se não fossem, de facto, os Possessed. Têm provado o seu valor e o respeito ao nome lendário que envergam através de grandes prestações (como no SWR – Barroselas Metalfest em 2013, por exemplo), com o Jeff a manter-se um grande *frontman* e a castigar aquela cadeira de rodas com a sua frenética e genuína actividade de *headbanging* enquanto urra como só ele sabe. É, ainda assim, um lançamento que carrega consigo um peso histórico muito elevado. Caramba, é o primeiro disco dos Possessed desde 1986! É o sucessor do «Beyond The Gates»! Não é uma brincadeira, mas é esse o primeiro obstáculo que temos que ultrapassar para apreciar devidamente «Revelations Of Oblivion». Claro que o valor e a importância desse álbum – e do «Seven Churches» também, obviamente – estão mais do que gravados no ADN do metal extremo, cruciais na transposição da fronteira do thrash para o death metal, e nem mesmo que aqui estivesse o Mike Torrao, o Larry LaLonde e/ou o Mike Sus valeria a pena estabelecer grandes paralelos. Entrar pelo território do "não é tão bom como" tendo como adversários discos dos anos 80 que foram pedra-base de estilos inteiros é só inútil. Foquemo-nos então nos méritos oferecidos por «Revelations Of Oblivion» por aquilo que é, enquanto disco de 2019, e aí sim, temos um belo álbum de thrash (muito claramente, só com leves laivos de death metal aqui e ali, por mais que o Jeff insista no contrário), agressivo e contundente, certamente do melhor que o género terá para oferecer durante todo este ano. O *highlight* é, sem surpresas, a *performance* de Becerra – voz sempre a rasgar, dicção perfeita e claríssima e personalidade inconfundível. O seu elenco de apoio também não o desilude, arrancando grandes cavalgadas e um ou outro *stomper*, mantendo sempre um registo de diversidade e dinamismo que nem os ligeiramente exagerados 54 minutos de duração conseguem contrariar. O pior, foi mesmo a ideia estapafúrdia de ter ido gravar isto ao Abyss com o Peter Tägtgren. Poderia ter sido muito giro, se estivéssemos em 1998, e mesmo isso é discutível, mas em 2019 este som plástico e artificial (a bateria então, é todo um horror), felizmente, já morreu há muitos anos, e alguém deveria ter avisado os Possessed. Nem era preciso pensar muito, nem arranjar nomes obscuros, era ter dado estas malhas ao Joel Grind ou ao Kurt Ballou e estava resolvido. Tirando isso, no entanto, é repetir: "temos um disco novo dos Possessed em 2019". Não há como não gostar. [7.5] J.C.S.

WITHERFALL
«Vintage»
[Century Media]

Nome emergente do panorama power/heavy metal norte-americano, os Witherfall não são propriamente uma banda de miúdos, mas sim o resultado da união de músicos com largos anos de experiência e créditos firmados noutras paragens, com óbvio destaque para o vocalista Joseph Michael, recrutado por estes dias para a tarefa impossível de ocupar o lugar de Warrel Dane nos míticos Sanctuary, e para o guitarrista Jake Dreyer, que acumula funções nos influentes Iced Earth. Fruto da experiência e do talento aqui contido, os Witherfall já assinaram, desde 2017, dois grandes álbuns que colocaram os sentidos dos apreciadores do género em alerta, brindando-nos agora com algo diferente. A génese deste EP reside em duas versões acústicas de temas de Helloween e Tom Petty – sempre delicioso ouvir «I Won't Back Down» com novas roupagens – que de sobras das gravações de «A Prelude To Sorrow» passaram a algo mais sério e concreto. A toada acústica estende-se a temas emblemáticos da banda – «Vintage» ou «Ode To Despair» –, adquire novas texturas e suscita novas emoções, resultando em algo que põe a nu uma faceta mais desprovida de artefactos e faz a voz de Joseph ganhar ainda mais projecção e protagonismo e o virtuosismo das guitarras enlear-se docemente com a percussão e criar toda uma envolvência que torna a audição deste trabalho num excelente momento de descompressão quando os ouvidos clamam por alguma contenção. [7] R.A.

HELL XIS AGENCY APRESENTA

Sitting Suckers

1ª PARTE

ARTIGO 21

CONTRA SENSO

6 Junho 2019

RCA Club Lisboa

PORTAS 21H00 | RUA JOÃO SARAIVA 18, 1700-249 LISBOA

CLOCKWORK LOUD! MOSHER SUPER WWW.HELLXIS.COM

HELL XIS AGENCY APRESENTA

Possessed

Devils Over Europe 2019

Mordjeve!

18 JUNHO 2019

RCA CLUB • LISBOA

PORTAS 21H00 | RUA JOÃO SARAIVA 18, 1700-249 LISBOA

CLOCKWORK LOUD! MOSHER SUPER WWW.HELLXIS.COM

HELL XIS AGENCY APRESENTA:

Nashville Pussy

1ª PARTE

SON OF CAIN

3 JULHO 2019

RCA CLUB LISBOA

PORTAS 21H00 | RUA JOÃO SARAIVA 18, 1700-249 LISBOA

CLOCKWORK LOUD! MOSHER SUPER WWW.HELLXIS.COM

LISBON TATTOO ROCK FEST 2019

29 · 30 NOVEMBRO

1 · DEZEMBRO

ALTICE ARENA

LISBOA · PORTUGAL

SALA TEJO

APRESENTA: BRM

ORGANIZAÇÃO: EVIL ANGELS

PRODUÇÃO: HELL XIS

WWW.LISBONTATTOOROCKFEST.COM

APOIOS: Lisboa MOODY BLUE TICKET SUPER BOCK Bepanthene

ROADBURN

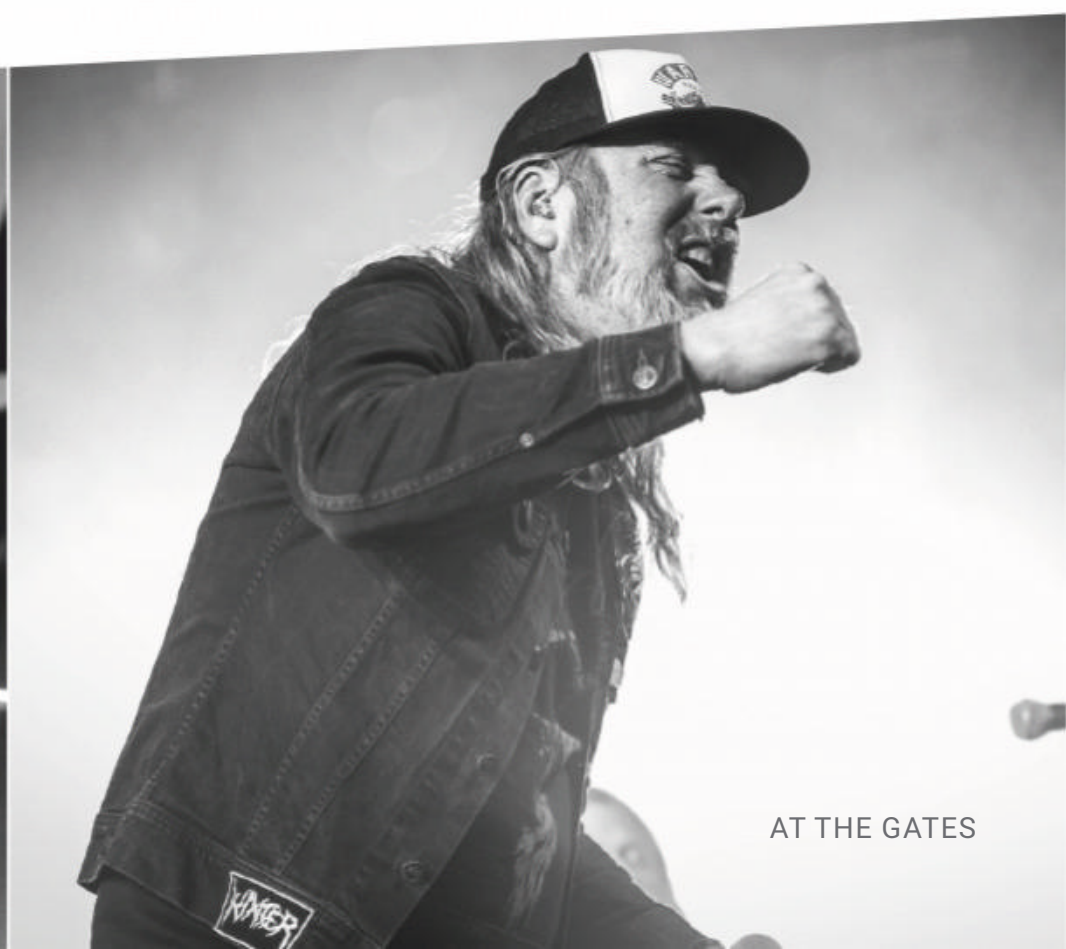
TRIPTYKON & METROPOLE ORKEST
FOTOS: SUSANA MARTINS
SUSANA-MARTINS.COM

19.04.11-14 – Tilburg, Países Baixos

A edição de 2019 do Roadburn ficará para a história como das mais intensas do festival, em todos os sentidos e mais alguns, e é impossível de resumir sem ocupar metade da revista. Concertos surpresa, vários artistas com múltiplas actuações em palcos diferentes (culminando nos **Thou**, artistas residentes, que deram quatro concertos completamente diferentes uns dos outros), exposições, painéis… é uma vida inteira que sentimos que percorremos, findos estes quatro dias mágicos. Começámos o primeiro dia na Green Room com **Thor & Friends**, cujo compêndio de fascinantes composições para marimba a quatro ou seis mãos se desenrolava sobre um saxofone à Bohren, polvilhado ora de electrónica ora de mais sopros, e acabando num registo próximo duns Master Musicians Of Bukkake. Ao mesmo tempo, **Myrkur** provava no Main Stage o seu verdadeiro talento enquanto intérprete de folk, com o concerto Folkesange a deixar hipnotizados todos os presentes pela beleza singular apresentada. Seguiu-se uma incursão ao Het Patronaat, onde os **Vile Creature** intercalavam doom cavernoso com um discurso anti-opressão, e pouco depois estávamos no Main Stage a testemunhar a estreia dos **Molasses**. O primeiro de três concertos comissionados do ano propunha-se continuar o legado dos The Devil's Blood, destacando-se no entanto pelos longos e exploratórios instrumentais que o polvilharam. Seguiu-se uma maratona de concertos de pendor electrónico na Green Room, brevemente interrompidos para uma visceral tareia de punk industrial às mãos dos **Deafkids**, como o recente «Metaprogramação» de resto obrigava. Na tal maratona, destacam-se sobretudo os **Territoire**, que conseguiram dar um dos concertos mais pesados do dia num registo entre o techno e o industrial, mergulhando a sala num inferno de sub-graves para o efeito, e **Pharmakon**, cujas excelentes composições de noise desconfortável e forte comando do palco facilmente deixam tudo e todos siderados. No Koepelhal, **Emma Ruth Rundle** mostrou mais uma vez ser uma das artistas em ascensão mais importantes da actualidade, daria um concerto ainda melhor no dia seguinte, antes de os **Heilung** armarem um circo Viking de todo o tamanho no palco principal, o tipo de coisa que ou se adora profundamente ou então passa ao lado. A julgar pela multidão, o primeiro grupo é bem maior. Os **Bliss Signal**, pouco depois, pecaram pela excessiva colagem ao álbum, que requer adaptação para funcionar ao vivo. Quem não parece precisar de nada para além de capas e álcool para funcionar são os **Malokarpatan**, cujo híbrido de black e heavy metal foi das coisas mais divertidas que algum dia vimos no histórico Patronaat.

O segundo dia começou com um concerto memorável dos **GOLD**, no qual o quinteto demonstrou o porquê de ser das melhores bandas de rock da actualidade, com as malhas do novo «Why Aren't You Laughing?» a resultarem na perfeição ao vivo. O momento histórico do dia veio aquando da apresentação do «Requiem» de Tom G. Warrior pelos **Triptykon** e a **Metropole Orkest**, uma peça que começou a ser escrita com os Celtic Frost («Rex Irae» e «Winter») e foi concluída graças ao Roadburn. Um *performance* singular de uma peça singular e cuja interpretação a tornou num momento certamente inesquecível para os presentes. Que a **Anna Von Hausswolff** tenha conseguido manter a solenidade do momento com uma actuação aterradora atesta

ANNA VON HAUSSWOLFF



AT THE GATES

bem do estado de graça que a jovem sueca vive, ela que foi uma das peças centrais da curadoria deste ano, a cargo de Tomas Lindberg. Seguia-se outro monstro na história do metal e outra colaboração única entre os **Deafkids** e os **Petbrick** de Igor Cavalera, uma sessão de pancadaria ainda mais violenta que a do dia anterior, sobretudo quando o fundador dos Sepultura se atirava violenta e precisamente à bateria. Pelo caminho, visitámos os **Seven Death Spells** que tocaram os três álbuns da trilogia «The Death And Resurrection Of Krautrock» uns a seguir aos outros, consequentemente transportando a Green Room para uma insana viagem ao mundo do psicadélico. Prolongámos a mesma com os **Grails**, que apesar de beneficiarem de um som perfeito e de óptimas *performances* de Emil Amos e Alex Hall, continuam a ter na guitarra de Ilyas Ahmed um corpo estranho. O regresso à terra deu-se no Ladybird Skatepark, o surreal novo palco do festival, onde tocou **Lingua Ignota**. Tal como no dia anterior, a versão da «Jolene» de Dolly Parton foi o único desvio do «All Bitches Die». O resultado foi uma multidão lavada em lágrimas, quase inevitável perante a fenomenal voz e esmagadora presença com que Kristin Hayter actuou, tendo a compositora acabado o concerto com uma concussão. De referir ainda o *set* aguerrido dos **L'Acéphale**, que abriu com a «The Book Of Lies» e não mais abrandou, a lição de tonalidade e psicadelia dada pelos **Loop**, e os apaixonantes excessos electro punk e industrial dos **Street Sects**. O *headliner* principal do dia, ainda que o Roadburn não se reja propriamente por essas "regras", foram os **At The Gates** do curador Tomas Lindberg, que se *Roadburnizaram* de forma incrível. Alternaram a rendição "normal" de clássicos como «Slaughter Of The Soul», «Cold» ou «Blinded By Fear» com colaborações improváveis e outros temas menos óbvios («The Burning Darkness»), e foram precisamente as colaborações e as *covers* – a saber, «Koyaanisqatsi», de Philip Glass, com a Anna Von Hausswolff; «The Tempter», dos Trouble, com o grande Matt Pike; e «Daggers Of Black Haze» e «The Mirror Black» com Rob Miller dos Amebix, esta última também já com a presença sinfónica do Jo Quail Quartet – que elevaram este concerto ao panteão dos melhores de sempre da banda sueca. Um verdadeiro acontecimento para quem esteve presente.

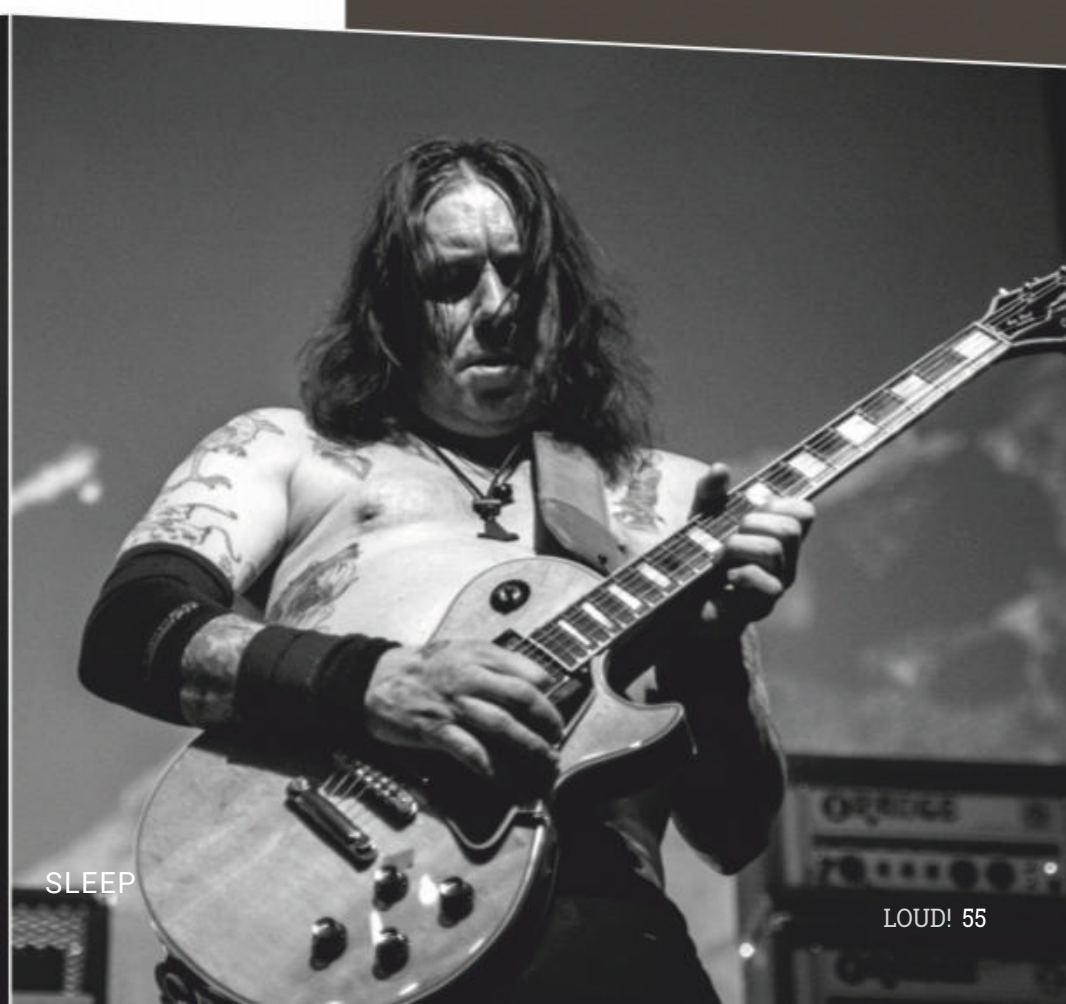
Apesar de dominado pela invasão do black metal holandês [*ver caixa*], o terceiro dia do Roadburn ofereceu-nos uma sequência imbatível no palco principal ao mesmo tempo: **SUMAC**, **Cave In**, e os míticos **Sleep** a tocarem o «Holy Mountain» na íntegra. Nem sabemos bem o que vos dizer mais sobre isto, a não ser que os nossos cérebros entraram praticamente em *shutdown* ao final de algumas horas. O *kick* necessário para acordar deu-se de forma surpreendente, em pleno espírito Roadburn: os **Thou** anunciaram à última hora um concerto surpresa no Ladybird Skatepark, com a Emma Ruth Rundle e o Nate Newton como convidados, tocando apenas *covers* dos Misfits. Foi um misto de selvajaria e alegria transbordante e mais um momento precioso e inesquecível na já longa lista dos proporcionados por este festival ímpar.

O princípio do fim da nossa peregrinação anual a Tilburg deu-se com os **Have A Nice Life** a tocarem o «Deathconsciousness» inteiro, num concerto que teve tanto de arrepiante como de catártico, como de resto se pedia. No Patronaat, ressuscitaram os **Fear Falls Burning** do sempre fascinante Dirk Serries com uma impressionante lição de drone, na qual o músico se fez acompanhar dos ilustres Colin Webster, Tim Bertilsson, e Per Wiberg, e que serviu também de homenagem ao tragicamente falecido Michiel Eikenaar, que era suposto ter participado no concerto. Canalizámos o pouco de energia que nos restava para apreciar o vendaval de noise rock provocado pelos **Daughters**, no qual o Alexis Marshall foi a figura central que se esperava, exalando comando tanto em palco como fora dele (bar incluído). Tempo ainda para a colaboração entre **Gnaw Their Tongues** e **Crowhurst**, uma salada entre o noise e black metal em registo subgrave que resultou enquanto foi só o Mories e o Jay Gambit em palco (e durante a *cover* da Britney Spears, vá), e para dose dupla de saxofones, primeiro com os **The End** do Mats Gustafsson, onde se destacou a voz de Sofia Jernberg, e com uma última festa psicadélica às mãos dos **Cave**. A despedida do Het Patronaat, carismática sala anexa à igreja que perdemos para uma qualquer empresa endinheirada, deu-se da melhor forma, com os **Birds In Row** e os **Imperial Triumphant** a darem concertos de uma intensidade surreal, formando as duas últimas memórias tanto do Roadburn 2019 como de uma sala que vai deixar saudades. [L.P. + J.C.S.]

MAALSTROOM

No Sábado, alguns dos mais criativos nomes da emergente cena black metal holandesa uniram-se no Het Patronaat para interpretar uma peça comissionada a explorar a violência inerente à transição entre o campo e a cidade. Começaram num registo atmosférico às mãos de membros de **Witte Wieven**, Turia, Laster, e Grey Aura. Os primeiros haviam-se estreado ao vivo no começo do dia com uma bela e coesa síntese entre black atmosférico e post metal, a que se havia seguido o habitual austero vendaval dos **Turia**, e aquele que terá sido o melhor concerto que os **Laster** já deram, finalmente tornando real o conceito de obscure dance music que tanto tem fascinado. A peça continuaria num crescendo de ansiedade com dois movimentos progressivamente menos atmosféricos encaixados entre interlúdios, o primeiro por P. Nyland dos fascinantes **Hadewych**, e o segundo às mãos de **Svartvit**, um dos maiores nomes da cena harsh noise local. O black metal daria lugar a um registo ostensivamente urbano e de base electrónica, a lembrar uns Ulver *circa* «Perdition City», para o movimento final do brilhante furacão que foi o **Maalstroom**. A transição havia de se inverter no dia seguinte, com os **Grey Aura** a deram um dos melhores concertos do festival à custa do seu black metal idiossincrático e repleto de influências de jazz, teatro vocal, e literatura, seguindo-se a auspiciosa estreia dos **Nusquama**, revelando uma classe invulgar na abordagem ao black atmosférico, algures no centro do triângulo Fluisteraars, Laster antigo, e Turia. Foi, no entanto, uma celebração amarga, devido ao falecimento de Michiel Eikenaar, figura central na cena de Tilburg, e responsável por muito do brilhantismo de Dodecahedron e Nihill. Inevitavelmente, os concertos de **Terzij de Horde** (que partilharam guitarrista com Nihill) primeiro e **Dodecahedron** de seguida, foram afectados por isso. Os primeiros, mantiveram o vendaval apaixonado a que nos têm vindo a habituar na figura do vocalista Joost Vervoort, com os restantes músicos a apresentarem-se absolutamente focados na tarefa em mãos, ao passo que os segundos honraram o seu antigo vocalista com uma *performance* catártica absolutamente avassaladora.

TRIPTYKON
& METROPOLE ORKEST



SLEEP

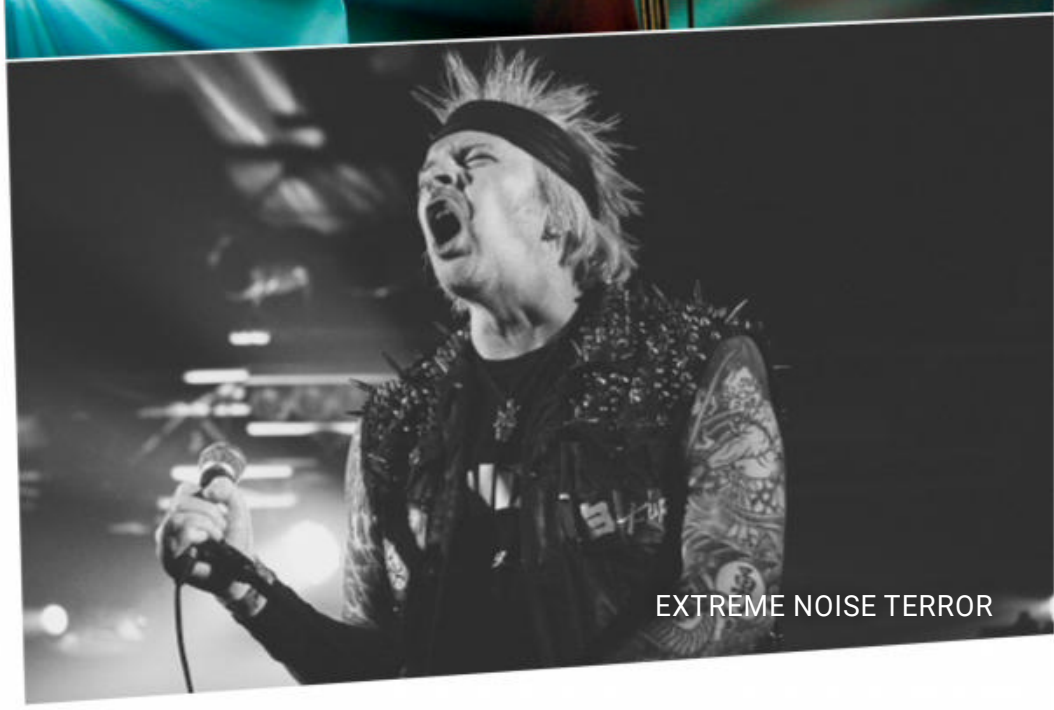
MOITA METAL FEST

19.04.05/06 – Largo do Pavilhão Municipal de Exposições, Moita

O primeiro dia da 16.ª edição do Moita Metal Fest começou ao final da tarde e da melhor maneira, com os **Revenge Of The Fallen**, banda que tem uma boa rodagem nos palcos e que teve a, por vezes ingrata, tarefa de tocar para um público ainda despido. Poucos mas com os números a aumentar lentamente, algo que beneficiou os **Dream Pawn Shop**, uma das estreias no Moita. Som moderno e até invulgar onde o saxofone deu um toque de classe. Boa actuação, excelente banda. A guinada estilística viu já uma audiência maior com os **Irae** a despejarem o seu black metal lusitano sem contemplações com um som forte mas sem perder aquele toque *necro*. A penúltima banda nacional da noite seriam os **Grog**, que dispensam apresentações. Death/grind clássico, que provocou as primeiras movimentações a sério no público, e que gozou de um grande som. Pena foi terem tido a sua actuação cortada de forma a que o atraso não fosse significativo. Pena também foi que os **Enforcer** tenham tido muitos problemas de som, que retiraram algum do impacto da sua actuação. Adicionando essa questão ao primeiro tema, «Die For The Devil», não ter o *punch* necessário para as expectativas, demorou a que a coisa engrenasse da forma desejada. Claro que os já clássicos «Katana« e «Take Me Out of This Nightmare» compensaram todas as questões técnicas. Sem esse tipo de problema, os **Destruction** simplesmente... destruíram. O formato quarteto resulta na perfeição com Damir Eskić a dividir o protagonismo nas guitarras com Mike. Foco mais nos clássicos como «Mad Butcher» ou «Total Desaster» que lançaram o caos, Moita *style*! A terminar a noite, os "nossos" **Gwydion**, que fizeram a festa da melhor maneira, não deixando de passar por «Thirteen», o seu último álbum de originais.

Depois desta festa rija na sexta-feira, seria de prever que o público demorasse a aparecer no segundo dia, e como tal, infelizmente, os **Moonshade** não tocaram para o número de pessoas que tanto merecem. «Sun Dethroned», o álbum de estreia, foi o foco, e teve um bom impacto entre os presentes. Os alentejanos **Mindtaker** são donos de uma força thrash/crossover temível e isso sentiu-se numa actuação descompremetida mas sempre intensa. Por falar em thrash metal, os **Infraktor** são um dos mais promissores novos nomes da nossa cena. Poder e intensidade admiráveis que resultam sempre em grandes concertos. No Moita, previsivelmente, não foi excepção. Os **The Voynich Code** têm tido um bom impacto no estrangeiro e não é difícil perceber porquê, depois de os ver ao vivo. Som moderno, algures entre o metalcore e o djent, mas com umas ambiências progressivas ao nível das guitarras memoráveis. Modernos também, mas mais a pender para o thrash metal, os **Diabolical Mental State** são outra banda nacional extremamente bem rodada nos nossos palcos e que sabe exactamente como puxar pelo público. No punk, os **Artigo 21** colocaram todos a mexer, dando um grande destaque a «Ilusão», sem dúvida um dos melhores álbuns do estilo editados neste presente ano. Voltando às sonoridades mais extremas, as trevas desceram até ao Moita Metal Fest com os **Gaerea**, que hipnotizaram o público com os seus mantras negros. Depois de uma dose introspectiva de metal extremo lusitano, nada como ferver o sangue com a contestação revolucionária dos **Simbiose**, um dos nossos nomes maiores (senão o maior) de crust/grindcore. Sólidos, coesos e demolidores. Adjectivos

NO FUN AT ALL
FOTOS: SÓNIA FERREIRA



EXTREME NOISE TERROR

que também servem para classificar os **Holocausto Canibal**, mestres do gore-grind que além de terem usufruído de um som poderoso, apresentaram uma série de temas novos. Pena não terem finalizado o alinhamento previsto – a questão dos atrasos novamente. O contingente internacional começou com os **Dr. Living Dead**, versão "dos mortos" dos Suicidal Tendencies. Não sendo algo revolucionário, é inegável o impacto no público – e é isso que interessa, certo? As expectativas eram grandes para os **No Fun At All** e temos ideia que a banda também as tinha, tendo em conta o excelente concerto dado no RCA Club no ano passado. A intensidade não foi tanta como nessa ocasião, mas ainda assim, muita animação entre o público com a banda sueca a dar uma lição de punk rock. Subindo um pouco acima na tal escala de intensidade, era a vez de outros mestres, desta feita os britânicos **Extreme Noise Terror**, num concerto que foi infelizmente pautado por problemas técnicos que nitidamente irritaram a banda. A terminar, os **Decapitated**, que deram um dos grandes concertos de todo o festival, tendo valido a pena o moroso (e doloroso) *soundcheck*. Prestação praticamente perfeita, com a sua dose muito própria de death metal moderno que focou a fase mais recente da banda, mas não falharam os temas clássicos «Spheres Of Madness» e «Winds Of Creation». Resta dizer que além das propostas musicais terem sido todas muito apreciadas e todas algo diferentes entre si, o Moita continua a destacar-se no panorama dos festivais nacionais como um caso de sucesso, sendo cada vez mais acarinhado por todos os fãs de música pesada que por lá passam. E com justificação para tal. **[F.F.]**

RADIO MOSCOW + FUZZIL

19.03.21 – RCA Club, Lisboa

Os últimos dias não têm deixado grandes dúvidas, o Verão chegou mais cedo e com ele o SonicBlast invadiu o Hard Club e a RCA Club, no Porto e em Lisboa, respectivamente. Com eles vieram os Radio Moscow que, acompanhados dos jovens Fuzzil, fizeram suar a sala lisboeta, abrindo o apetite para o derradeiro festival de Verão. A cumprir rigorosamente os horários, os Fuzzil subiram ao palco perto das 21h30. Os quatro rapazes têm na etiqueta *made in Alcobaça*, mas as parecenças com a onda de classic rock americano dizem o contrário. Vivaços e cheios de pica, mostraram-se mais do que prontos para curar a ressaca aos Radio Moscow e mostrar-lhes como se faz. «Threesome Wine» fez-nos dançar, alguns gritos de euforia foram dados e mal vimos o tempo passar. Sabem tocar e sabem encantar, e mostram que não é preciso ser super inventivo e original para dar um bom concerto, antes pelo contrário – é na simplicidade e naquela aura jovem e *naive* que encontram uma força que lhes complementa o factor "*wow*" que falta à sonoridade. Com pontualidade inglesa, mas à americana, os Radio Moscow sobem ao palco sob os efeitos que seriam de esperar depois de uma noite na Invicta. Claramente bem recebidos na noite anterior, Parker Griggs, o vocalista do duo transformado em trio, conta-nos que o concerto da noite anterior tinha sido incrível, e que mal tinham acabado de tocar a primeira malha da noite soube desde logo que Lisboa não ia ficar atrás… e não ficou. Foi uma hora e 45 minutos de puro rock n'roll sem tréguas, que não se deixou abrandar pelo claro "mau estado" dos três. «So Alone», «New Beginning» e enfim, o desfilar sem paragens de solos efervescentes, deixou a plateia em total rendição ao *fuzz* – em boa verdade, quase que sentimos a brisa do mar, e os salpicos de uma bem conhecida piscina minhota. Os Radio Moscow deixaram todos sedentos por mais, tão sedentos que se exigiu mais, e mais! E claro, como é que se nega a uma plateia em pleno clímax, mais uma ou outra música? Não se nega. Se chegou? Na verdade mais uns dez minutos teriam sido algo de maravilhoso, mas resta-nos esperar pela próxima sintonização em Lisboa. **[M.L.]**

NOCTURNAL
FOTO: MARTA LOURO

EXTREME METAL ATTACK

19.03.22/23 – Metalpoint, Porto

O Extreme Metal Attack é possivelmente dos únicos eventos da actualidade, a par do Invicta Requiem Mass, do Masmorra e de um outro que por ai circule com mais ou menos frequência, que mantém a ideia de underground na sua génese. Este ano, o vento soprou para Norte, e foi no Metalpoint que a 16.ª edição se materializou, com o começo entregue aos **Nefastu**. Há menos de um ano lançaram «Obscura Transcendência» onde, por entre ossadas e fumo espalhadas num altar, «Bélica Neblina» sobressai. Um tanto mais genérico que os lançamentos anteriores, os temas que o compõem não se aproximam dos «Versículos», duas *demos* que foram um marco imponente do underground nacional, algo que é evidente ao vivo. Mas a actuação teve os seus momentos altos, nomeadamente com os temas mais antigos marcados pela singular voz de Hermes. Se o início se fez frio e não nos rendeu totalmente, os **Infernüs** garantiram uma sessão de destilação odiosa *old school* tenebrosa e imponente. «Eclipse Perpétuo» marca vinte anos de puro escárnio e foi isso que foi reflectido: puro e sujo, sem conversas, sem rodeios e sem merdas! O segundo dia iniciou-se a meio gás no palco. Sem dúvida devotos ao *old school*, os vimaranenses **Toxik Attack** têm um único problema: o exagero. A sensação que dá é que tentam dar um passo maior do que a perna, pelo menos a nível da voz, que soa desnorteada. Ao vivo há toda uma certa casualidade que lhes é, de alguma forma, fatal. Os **Necromutilator** trouxeram na bagagem o último álbum «Ripping Blasphemy» e ainda mostraram um pouco do que será «Black Blood Agression». Concerto cru e impulsivo, algo que definitivamente marca a posição da banda: se mandaram pregos, mandaram. Não existe uma preocupação excessiva nem espaço para *show off*. É o que é, e o que a banda nos dá é um som cru e hostil. Os **Marthyrium** inserem-se mais ou menos no mesmo parâmetro, se bem com sonoridades completamente distintas. O problema que podemos apontar será mesmo a repetição de uma banda que tanto tem visitado o país nos últimos anos, com poucos meses entre cartazes, mas mesmo assim o ritual dos espanhóis quase que nos sabe como a primeira vez que os vimos. Também a mostrar a devoção às sonoridades dos 80s, mas mais capazes e ponderados, estiveram os **Blackevil**. Contrariamente à primeira banda do dia, não há cá tentativas de ser mais do que o que são. A humildade nesse aspecto confere-lhes a maturidade que falta aos portugueses, e o que resulta é um estouro de thrash à antiga, profundamente influenciado pelos titãs alemães. Aliás, a terminar com uma *cover* da «Outbreak Of Evil», pouco deixam à expeculação. A lição seguiu-se com os **Alcoholocaust**, cujo nome já dispensa apresentações. Um concerto a tresandar a *whiskey*, com as letras a serem berradas a plenos pulmões por todos. A brigada anti-*poser* deflagrou os primeiros riffs e o caos instalou-se, numa noite onde o degredo foi rei. Para variar, arrastarm-nos a todos pelo poço abaixo com as odes infernais a que nos habituaram ao longo dos anos. Os **Deathronation** abrandaram um pouco o ritmo, quer pela repetibilidade e riffs meio *cliché* quer pela prestação a meio gás. Talvez o cansaço começasse a ganhar, mas pareceu que o death/thrash ficou só pelo primeiro termo, já que o segundo pareceu perder o vigor e quase desvaneceu por entre o que poderia ser uns Asphyx a 50%. A noite avançava vagarosamente quando os **Nocturnal** tomaram de assalto o palco do Metalpoint. A pujança absolutamente bestial e furiosa, rapidamente se recuperou as forças deterioradas pela hospitalidade do Porto. «Rising Demons», «Arrival Of The Carnivore» e outras trouxeram de volta o caos e a decadência à sala invicta, onde até o microfone sucumbiu à insanidade dos alemães que renderam o Metalpoint à sua barbárie. Foi nos gritos estonteantes, num público rendido e com o microfone a ceder ao escrutínio de Invoker que terminou a 16.ª edição do Extreme Metal Attack. **[M.L.]**

PESTILENCE + GRINDEAD + PESTIFER

19.03.29 – Hard Club, Porto

Celebração para os 30 anos de «Consuming Impulse» dos holandeses Pestilence, em dupla data, que a norte abriu com Pestifer, quarteto local, que continua a apresentar o seu trabalho «Execration Diatribes». Dos sete temas, apenas «Vengeance Upon The Plague» não era desse disco. Dizer que os Pestifer foram iguais a si mesmos poderá parecer redutor, mas um concerto deste grupo é sempre de qualidade e fiel ao black/death que figura no disco, nunca desiludindo. Presente tanto na data lisboeta como na do Porto, estava a nova sensação do death nacional, Grindead, que com esta *tour* embarcava na promoção da *tape* lançada dias antes. Um *set* arrasador, parecendo fácil e simples, ao qual muitos músicos deveriam assistir para perceberem como se faz. Nota-se que os anos não facilitam o desempenho destes veteranos, mas eles compensam com uma intensidade e *groove* muito acima do nível, naquilo que foi o concerto da noite. Cereja no topo do bolo, a escolha de uma *cover* tão excelente como pouco óbvia: «Stench Of Profit» dos Brutal Truth. Do lado dos Pestilence, resta Patrick Mameli, e é ele que faz o concerto. Os temas estão lá, e muitos são clássicos. A celebração fechou com «The Secrecies Of Horror», «Twisted Truth», «Horror Detox» e «Land Of Tears» que também resultaram bem, mas ficou aquela sensação de algo forçado e sem alma. Quem queria escutar «Consuming Impulse» na íntegra, adorou, e isso é o que, no final, mais importa. **[E.F.]**

SEPTICFLESH + KRISIUN + DIABOLICAL + XAON

19.03.16 – Lisboa Ao Vivo, Lisboa

Em mês gordo a nível de concertos em Portugal, esta digressão era possivelmente uma das que os fãs de som mais extremo mais estavam ansiosos para ver. Ainda não tinham passados dez minutos da abertura de portas e já os suíços Xaon subiam ao palco para apresentar temas do seu primeiro disco, «The Drift», editado em 2017. A banda soube bem aproveitar o tempo que esteve em palco, deixando excelente impressão com o seu dark metal e temas como «Terra Incognita» e «Zarathustra». Já os suecos Diabolical tinham o fresquinho «Eclipse» para apresentar, e subiram ao palco encapuçados ao som de «Requiem». Foi um concerto coeso e sem falhas, com destaque para o baterista que se revelou uma autêntica máquina. Os Krisiun estavam a jogar em casa, e apesar dos *clichés* habituais nestas ocasiões, a verdade é que os brasileiros deram um concerto de arrasar. Foram revisitando a sua carreira ao longo do alinhamento e pelo meio ainda tocaram o clássico dos Motörhead, «Ace Of Spades». Quem nunca desilude são os gregos Septicflesh! Épico, intenso, são alguns dos adjectivos que podemos usar para qualificar o concerto da banda na sala lisboeta. Desde «Portrait Of A Headless Man» a «Prometheus» e acabando com «Anubis» e «Dark Art», a banda liderada pelos irmãos Antoniou provou ser um dos expoentes máximos do death metal sinfónico. **[J.B.]**

AGENDA

POWERED BY WONDERWORKER DENIM LABORATORY — RESEARCH & DEVELOPMENT —

MAIO

02 – **Swallow The Sun** [Fin] / **Oceans Of Slumber** [E.U.A.] / **Aeonian Sorrow** [Fin/Gre] – RCA Club, Lisboa
03 – **Marduk** [Sue] / **Valkyrja** [Sue] / **Attic** / (...) – RCA Club, Lisboa
03 – **Angelus Apatrida** [Esp] / **Revolution Within** – Hard Club, Porto
04 – **Marduk** [Sue] / **Valkyrja** [Sue] / **Attic** / (...) – Hard Club, Porto
04 – **Angelus Apatrida** [Esp] / **Revolution Within** – MusicBox, Lisboa
04 – **Martin Weaver** [Ing] / **Dr. Space** [E.U.A.] – Green Bean, Tábua *Album release party*
10 – **Kadavar** [Ale] / **We Hunt Buffalo** [Can] / **Miss Lava** – RCA Club, Lisboa
10 – **Peste & Sida** – Theatro Club, Cacém
10 – **Madrugada** [Nor] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
11 – **Process Of Guilt** – Sabotage Club, Lisboa
11 – **Madrugada** [Nor] – Hard Club, Porto
11 – **CineMuerte** / **Lonthra** / **Barracuda** – Side B Rocks, Alenquer
11 – **The Quartet Of Woah!** / **Terror Empire** / **Gobabygo** / **Bad!** / **Milf** – Fora do Rebanho – Associação Cultural, Viseu
12 – **I Am Morbid** [E.U.A.] / **Vital Remains** [E.U.A.] / **Atrocity** [Ale] / **Sadist** [Ita] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
12 – **Mondo Generator** [E.U.A.] / **We Hunt Buffalo** [Can] / Barracuda – Clube de Roque, Porto
13 – **Mondo Generator** [E.U.A.] – Sabotage Club, Lisboa
15 – **Bad Religion** [E.U.A.] – Sala Tejo, Altice Arena, Lisboa
18 – **Candura** – Casa da Cerca, Almada
18 – **The Parkinsons** – Bafo de Baco, Loulé
24 – **Godvlad** / **Lyfordeath** – Metalpoint, Porto
25 – **Affäire / (...)** – Texas Bar, Leiria
29 – **Monstrosity** [E.U.A.] / **The Devil** [Ing] / **Dehumanize** [Fra] – RCA Club, Lisboa
31 – **Midnight Priest** / **Ravensire** / **Scum Liquor** / **Speedemon** – RCA Club, Lisboa

JUNHO

06 – **Satanic Surfers** [E.U.A.] / **Artigo 21** / **ContraSenso** – RCA Club, Lisboa
07 – **Serrabulho** / **Shivers** / **GoBabyGo** / Maria Leal – Paço da Comenda, Tomar *Comendatio Music Fest (arraial)*
08/09 – **TesseracT** [Ing] / **Leprous** [Nor] / **Nosound** [Ita] / **Uneven Structure** [Ing] / **Sinistro** / **WAKO** / **Kandia** / **Wheel** [Fin] / **Sullen** / **Pântano** / **Kælling** / **A Last Day On Earth** / (...) – Paço da Comenda, Tomar *Comendatio Music Fest*
08 – **Enisum** [Ita] / **Dantalion** [Esp] / **AanomM** [Esp] / **Grievance** – Metalpoint, Porto *Porto Black Metal II*
14 – **Carach Angren** [Hol] / **Wolfheart** [Fin] / **Thy Antichrist** [E.U.A.] / **Nevalra** [E.U.A.] – Hard Club, Porto
15 – **Carach Angren** [Hol] / **Wolfheart** [Fin] / **Thy Antichrist** [E.U.A.] / **Nevalra** [E.U.A.] – RCA Club, Lisboa
15 – **Diabolical Mental State** / **Impera** – Cabra Negra, Marinha Grande
18 – **Possessed** [E.U.A.] / **Nordjevel** [Nor] – RCA Club, Lisboa
19 – **Possessed** [E.U.A.] / **Nordjevel** [Nor] / (...) – Hard Club, Porto
19 – **Affäire** – Quiet Riot Bar, Almada *«Less Ain't More» listening party*
21 – **Affäire / (...)** – Rock Star Pub, Braga
22 – **Serrabulho** / **Analepsy** / **In Vein** / **Infraktor** / **Booby Trap** / **Bad!** – Carqueijo, Mealhada *Um Metaleiro Também Chora Fest*
22 – **Glassjaw** [E.U.A.] – Hard Club, Porto
22 – **Affäire / (...)** – Metalpoint, Porto
23 – **Glassjaw** [E.U.A.] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
26 – **Scorpions** [Ale] – Altice Arena, Lisboa
28 – **Affäire / (...)** – Rustykk, Olhão
29 – **Affäire / (...)** – Cine Incrível, Almada
29 – **Midnight Priest** / **Wanderer** / **Toxik Attack** – Hard Club, Porto
30 – **Red Fang** [E.U.A.] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa

JULHO

02 – **Tool** [E.U.A.] / (...) – Altice Arena, Lisboa
02 – **Nashville Pussy** [E.U.A.] / **Son Of Cain** – RCA Club, Lisboa
04/05 – **Slayer** [E.U.A.] / **Slipknot** [E.U.A.] / **Lamb Of God** [E.U.A.] / **Arch Enemy** [Sue] / **Trivium** [E.U.A.] / **Gojira** [Fra] / **Thormenthor** / **Moonspell** / **While She Sleeps** [Ing] / **Cane Hill** [E.U.A.] / **WAKO** / **Rasgo** / (...) – Estádio do Restelo, Lisboa *VOA Heavy Rock Festival*
18-20 – **Coven** [E.U.A.] / **Church Of The Cosmic Skull** [Ing] / **Linda Martini** / **The Quartet Of Whoa!** / **Santo Rostro** [Esp] / **Greengo** / (...) – Praia de Quiaios, Figueira da Foz *Woodrock Festival*
25-28 – **Hypocrisy** [Sue] / **Samael** [Sui] / **Fleshgod Apocalypse** [Ita] / **Soilwork** [Sue] / **Entombed A.D.** [Sue] / **Crematory** [Ale] / **Peste & Sida** / **Sinistro** / **Contradiction** [Ale] / **Miss Lava** / **Gwydion** / **W.A.K.O.** / **Soldier** [Esp] / **Analepsy** / **Simbiose** / **Sollar** / **Ho-Chi Minh** / **Primal Attack** / **Tales For The Unspoken** / **Humanart** / **Wrath Sins** / **Grimlet** / **Toxikull** / **Lyfeordeath** / **Second Lash** / (...) – Louro, Famalicão *Laurus Nobilis Music*

AGOSTO

03 – **Serrabulho** / **Wanderer** / **Lyzzärd** / **The Small Hours** / **Take Back** / **When Sentences Are Band Names** – Vale de Cambra *Cambra Metal Madness*
08-11 – **Candlemass** [Sue] / **Six Feet Under** [E.U.A.] / **Stratovarius** [Fin] / **Napalm Death** [Ing] / **Death Angel** [E.U.A.] / **Primal Fear** [Ale] / **Alestorm** [Esc] / **Watain** [Sue] / **Aborted** [Bel] / **Týr** [I.F.] / **Jinjer** [Ucr] / **Iron Reagan** [E.U.A.] / **Necrophobic** [Sue] / **Dagoba** [Fra] / **Visions Of Atlantis** [Aut] / **Letters From The Colony** [Sue] / **Process Of Guilt** / **Wormwood** [Sue] / **Chepang** [Nep] / **Ignea** [Ucr] / **Painted Black** / **Midnight Priest** / **Redemptus** / **Equaleft** / **Infraktor** / **The Godiva** / **Vendetta** FM [Esp] / **Burn Damage** / **Toxikull** / **Repulsive Vision** / **Ways** / (...) – Quinta do Ega, Vagos *Vagos Metal Fest 2019*
08-10 – **Orange Goblin** [Ing] / **Om** [E.U.A.] / **Windhand** [E.U.A.] / **My Sleeping Karma** [Ale] / **The Obsessed** [E.U.A.] / **Monolord** [Sue] / **Lucifer** [Sue] / **Dopethrone** [Can] / **Toundra** [Esp] / **Satan's Satyrs** [E.U.A.] / **Sacri Monti** [E.U.A.] / **Harsh Toke** [E.U.A.] / **Petyr** [E.U.A.] / **Minami Deutsch** [Jap] / **Zig-Zags** [E.U.A.] / **Kaleidobolt** [Fin] / **Maidavale** [Sue] / **Maggot Heart** [Sue] / (...) – Moledo *Sonic Blast 2019*
23/24 – **Rhapsody Of Fire** [Ita] / **Cloven Hoof** [Ing] / **Ostrogoth** [Bel] / **Gwydion** / **Attick Demons** / **Midnight Priest** / **Sojourner** [Int] / **Lost In Pain** [Lux] / **Lèpoka** [Esp] / **Frozen Crown** [Ita] / **Incursed** [Esp] / **Perpetual Night** [Esp] / **Last Days Of Eden** [Esp] / **Inner Blast** / (...) – Pindelo dos Milagres, São Pedro do Sul *Milagre Metaleiro XII*

SETEMBRO

03-05 – **Bizarra Locomotiva** / **Process Of Guilt** / **Gaerea** / **Acromaníacos** / **Steal Your Crown** / **Redemptus** / **Cranky Geeks** / **Bad!** / **Inhuman** / **Patrulha Do Purgatório** / **Galvana** – ARCM, Faro *Faro Alternativo 9*
13 – **Burning Witches** [Suí] / **Darkembrace** [Esp] – Side B Rocks, Alenquer
13/14 – **Perpetual** [Esp] / **Gaerea** / **Redemptus** / **Systemik Viølence** / **Wrath Sins** / **Fere** / **Pneura** [Esp] / **Divine Ruin** / **Verbian** / **Ruína** / **Niil** – Outeiro Seco, Chaves *Outeiro Metal Fest*
14 – **Humanart** / **Lucifer's Child** [Gre] – Hard Club, Porto
21 – **Omnium Gatherum** [Fin] / **Rise To Fall** [Esp] / **Celtibeerian** [Esp] / **Serrabulho** / **Prayers Of Sanity** / (...) – Rio de Moinhos, Penafiel *River Stone 2019*

OUTUBRO

03 – **Bizarra Locomotiva** / **Acromaníacos** / **Serrabulho** / **Gaerea** / (...) – A.R.C.M., Faro *Faro Alternativo 9*
31 – **Affäire / (...)** – Side B, Alenquer

NOVEMBRO

02 – **Corpus Christii** / **Valafar** [Ing] / **Biolence** / **Dharma** / (...) – Pavilhão Multiusos, Malveira *Oeste Underground Fest IV*

PRÓXIMA LOUD! **#219**

ABBATH DEATH ANGEL
PELICAN CAVE IN
BARONESS MEMORIAM

AMAZING events

APRESENTA

BILHETES EM BOL.PT E PONTOS DE VENDA HABITUAIS

SEGUE-NOS NO FACEBOOK E INSTAGRAM @AMAZINGVANILLAEVENTS